Amália Marinho

HOMENS E FATOS DO SERIDÓ ANTIGO

José Ozildo
Natal - RN
02 - 02 - 2002

Pertence este livro ao Snr. Manoel Henriques da Silva (Zé Marinho). Rua: "Cândido da Laranjeira", 245. Patos, 20 de Março de 1963.

PREFÁCIO

O Seridó, vasta região do território norte-riograndense, abrangendo de início apenas um município e compreendendo hoje mais de uma dezena dêles, alguns dos quais com índice elevado de desenvolvimento e de cultura, tem como sua principal fonte de vida econômica o algodão, o famoso algodão mocó, a característica principal pela qual é conhecido nos meios agrícolas, comerciais e indústriais não só no Brasil como no estrangeiro.

Mas injustiça seria supor que sómente o algodão de fibra longa, rival da famosa malvácea egípcia, dá prestígio e renome àquele trecho das terras nordestinas.

Por muitos outros aspéctos o Seridó vem se destacando através da história.

Um dêles é de ordem moral e religiosa — a unidade cristã, especificamente católica, que ali se mantém desde os primórdios da sua trajetória, devida em grande parte, ao que suponho, às altas qualidades intelectuais e morais dos sacerdotes que têm sido os seus guias e condutores espirituais; o maior dos quais, no passado, o Padre Francisco de Brito Guerra, foi um autêntico líder da vida norte-riograndense nos fins do período colonial e comêço da independência nacional, tendo sido o fundador do primeiro jornal editado em terras potiguáres, o criador da cadeira de latim na antiga Vila Nova do Príncipe, hoje a bela cidade de Caicó, onde foi vigário por muitos anos, político de vasto prestígio, tendo chegado a Senador do Império e o verdadeiro delimitador das fronteiras territoriais do Rio Grande do Norte com a Paraíba.

Para bem avaliar quanto o ambiênte seridoense é dominado pelo espírito religioso e católico, basta assinalar que no Brasil atual há quatro príncipes da Igreja, quatro bispos, nascidos na região ou descendentes de famílias seridoenses, qual dêles mais ilustre e mais dinâmico no serviço do bem do povo e da salvação das almas: — Dom José de Madeiros Delgado, Arcebispo de São Luís do Manhão, Dom José de Medeiros Leite, Bispo de Oliveira, em Minas Gerais, Dom Eugênio de Araújo Sales, Bispo auxiliar de Natal,

e Dom José Adelino Dantas, Bispo de Garanhuns, em Pernambuco, êste último autor do livro: Homêns e Fatos do Seridó Antigo —, cujo prefácio estou escrevendo nestas breves linhas, em face do convite com que me distinguiu e a que atendo com a maior satisfação, pela oportunidade que me oferece de uma vez mais falar do nosso Seridó, a minha e a sua terra muito amada.

Dom José Adelino Dantas é sem favor uma das figuras exponenciais do episcopado brasileiro,, não só pelas suas relevantissimas qualidades morais e cívicas, como pela sua aprimorada cultura.

Antes de lhe ser confiada a superintendência da sua atual Diocese — Garanhuns, foi Bispo do Caicó, onde deixou marcas indeléveis da sua superioridade moral e intelectual. Não cabe aqui enumerar quanto fêz pelo meu Caicó, pelo meu e seu Seridó no âmbito de suas atribuições e devêres religiosos.

Quero apenas salientar que, sem esquecer nenhum dos seus devêres naquêle vastíssimo campo de ação, Dom José Adelino não se deslembrou da pesquisa histórica no que se refere à nossa Zona, procurando estudar — e para isso revolvendo arquivos e mais arquivos — o que fizeram e o que foram os nossos antepassados, os nossos patriárcas, e os fatos relevantes que precisam ser sempre presentes ao espírito das gerações novas, para que estas possam pautar as suas ações em harmonia com o nosso passado e em vista de um futuro cada vez mais auspicioso.

O "Homens e Fatos do Seridó Antigo" em breve estará à disposição dos seridoenses que, estou certo, nêle encontrarão ensinamentos e lições que lhes serão do maior proveito, dando a todos motivos de justa admiração pelos que nos antecederam na faina de servir a nossa terra, que tanto mais castigada pela sêca tanto mais revela pela sua brava gente a sua capacidade de construir, nos sertões nordestinos, pelo trabalho e pelo idealismo, uma autêntica civilização cristã e democrática.

A Dom José Adelino Dantas os meus agradecimentos pela honra que me conferiu, convidando-me para prefaciar o seu excelênte e veraz trabalho de pesquisa histórica, e, com os meus aplausos pelo muito que já tem feito, o meu apêlo para que continúe a remexer os arquivos do nosso Seridó, para dêles retirar manancial abundante para a reconstituição da história da nossa querida terra.

Rio, 27 - 11 - 61.

JOSÉ AUGUSTO

Justificando-me

O presente opúsculo enfeixa uma breve e despretenciosa série de crônicas sobre homens e fatos do Seridó antigo que, há poucos anos, ainda Bispo de Caicó, publiquei no jornalzinho local «A Fôlha».

Confesso sinceramente que o profundo sentimento de amor à terra mater Seridoense, à sua gente e às suas tradições, constitúi o motivo único de ousar apresentá-las agora.

Ilustres conterrâneos, do passado e do presente, movídos também do mesmo **telluris amore,** como diria Virgilio, abriram já, e por muitas vezes, o veio fecundo da história do Seridó. E á frente dêles a justiça manda colocar êsse eminênte e digno varão caicoense, qual mais o possa ser, que é Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros.

O tesouro, entretanto, longe está de ser de todo explorado. Os arquívos do Seridó, de Natal, da Paraíba e de Pernambuco estão à espera de quem, um dia, lhes sacuda a poeira secular. Nêles ainda há muita luz escondida, aguardando a mão libertadôra.

O amor à terra mãe faz parte de nossa vida. Todos queremos amá-la e cantá-la. Mas, para tanto, é mister conhecê-la primeiro, buscar-lhe as raizes. O conhecimento é a medida do amor.

No Rio Grande do Norte, o Seridó, sôb as bênçãos de ricas tradições patriarcalistas, surgíu e firmou-se, de há muito, como o grupamento humano o mais homogêneo e o mais rico de beleza étnica, gerando, através dos tempos, essa admiravel unidade familiar, social e espiritual, rara, às vezes, noutras regiões.

As modestas crônicas aqui ordenadas, trazem, todavía, o carater de simples registo, não de estudo.

O número delas não corresponde, de modo nenhum, ao desejo de quem se propunha a estudar mais largamente os homens e as coisas do velho Seridó. Os tremendos encargos pastorais que, nos tempos presentes, envolvem, de todos os lados a vida de qualquer Bispo nordestino, não me permitem distrair-me da órbita de meus devêres específicos, e ir mais além. E' a minha excusa, que considero justa e convincênte.

D. José Adelino Dantas,
Bispo de Garanhuns.

O fundador de Caicó

A paróquia de Sant'Ana do Seridó possui ainda os livros de óbitos mais antigos da região. Um deles registra os óbitos verificados do ano de 1788 a 1811. Um segundo, os do ano de 1811 a 1838. Um terceiro, os do ano de 1838 a 1857. O primeiro dêstes que, por um milagre, chegou são e salvo até os nossos dias, não deve ser, entretanto, o primogenito da ilustre geração. Há de ser o segundo, pelo menos. Seu irmão mais velho desapareceu no turbilhão dos tempos, como desapareceram os de Batizados e os de Casamentos.

Daqui, essa zona de silêncio, por quase meio século, pela perda dêsses preciosos documentos, que se desprezaram e se transformaram em pó, sob o olhar indiferente de muitos reverendos curas. O certo, porém, é que, da série acima enumerada, o primeiro traz a data de 1788, rico de cicatrizes e de mutilações gloriosas, é verdade, mas teimando em não perecer.

Estive lendo e relendo êsses venerandos livros do Seridó antigo e evocando, através das listas ordenadas, o cortejo inanimado dos primeiros povoadores destas plagas seridoenses. Seus tumulos, é certo, não mais existem por aqui. Pulverizaram-se. A morte, abatendo os marcos

humanos, os teria apagado para sempre da fixação histórica, não fôra a mão do cura que os imprimiu no papel e nos restituiu na luz do documento.

Para mim um livro de óbitos é como um rebate antecipado de ressurreição, trazendo até nós a mensagem longinqua dos vultos adormecidos.

Nêsses três livros de óbitos da paróquia de Caicó, que resistem ainda ao tempo, estão lançados mais de dois mil têrmos. São duas mil e muitas criaturas, crianças, moços e velhos; sacerdotes, comandantes superiores, capitães-móres, patriárcas e matriárcas; brancos, pretos e índios; plantadores de currais, de fazêndas, de matrizes, de capelas, de cidades, de vilas e de povoações, escravos e senhores, todo um cortêjo imobilizado pela morte, mas que a mão do padre escriba arrancou do esquecimento e fixou para perpetuidade. A história do Seridó mergulha raizes profundas nessas fontes veneráveis, que a nossa curiosidade explora e devassa respeitosamente.

Foi para mim dos mais amaveis o encontro com êsse Manoel Fernandes Jorge, personagem ilustre do primeiro livro, e que, ao lado de tantos outros de seu tempo, dorme, há mais de século e meio, o sono eterno no chão sagrado da matriz de Sant'Ana.

Já o conhecíamos de nome, de há muito, quando da instalação da Freguesía Mater, subscrevendo, como testemunha, a ata da solenidade, no memoravel dia 26 de julho de 1748, ao lado dos cidadãos de melhor nota do lugar do Caicó.

Nove anos mais tarde, aparece comprando terras na ribeira do Cupauá, e referendando a aquisição do sítio Seridozinho, a pedido do cura Pedro Bezerra de Brito.

Em 1774, surge, promovido a sargento-mór, como procurador e tesoureiro da Irmandade do Santissimo Sacramento da matriz de Caicó, recebendo terras do riacho Quixeré das mãos do patriárca Martinho Soares de Oliveira.

Mas, é através de sêu têrmo de óbito, que sua senhoría se identifica aos pósteros. É aqui que se descobre que era português de origem. Que escolheu o Seridó para súa morada. Que foi, sem duvida, um dos primeiros povoadores dêstes sertões e que aqui faleceu, aos 18 de setembro de 1789, rico e solteiro, e mais rico ainda de noventa e oito anos de idade. Mas, o que de mais precioso o documento nos revela é que foi êsse ilustre morto o fundador de Caicó. Recuemos no tempo e leiamos isto: —

«Aos dezoito dias do mês de Setembro de mil sete centos, e oitenta, e nove annos nesta Matriz do Seridó, se deo Sepultura Eccleziasttica ao adulto Manoel Fernandes Jorge, com a idade de noventa, e oito annos, pouco mais, ou menos Solteiro natural de Portugal, e morador nesta dita Freguezia do Siridó: foi involto em habito de Sam Francisco, e emcomendado pello Revedendo Coadjutor Manoel de Arahujo Correa, e faleceo com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja, e foi sepultado do arco da capella mór para sima por Provizão, que tinha de Sua Excelencia Reverendissimma, como fundador, e bemfeitor da dita Matriz: do que se fez este acento, que o assignei, Jozé Antonio Caetano de Mesquita, Cura».

«Fundador e bemfeitor desta Matriz» eis a declaração solene, ecoando no tempo, até agora escondida e desconhecida, iluminando e projetando as raizes históricas da cidade de Sant'Ana.

Aparece no precioso documento um sinal revelador. Alguem assinalou com uma cruz o termo **fundador.** Veja-se a fotocópia. Na verdade, êsse nome de fundador merece um bronze.

Na história de nossos sertões, as cidades nascem quando nascem suas igrejas, suas capelas.

Quando da instalação da Freguesia Mater, em 1748, à frente dos cidadãos de melhor nota que desfilam na primeira procissão de Sant'Ana, que conduzem o cruzeiro dominador e escolhem o lugar da futura matriz, perfila-se garboso o sargento luso, como um dos padrinhos da cidade menina. Rebento da velha e gloriosa estírpe dos batedores de sertões, seu nome, vivo e agora evocado nas laudas de um livro de óbito, restituindo sua pessôa à continuidade do tempo, não pode ter para nós o sentido de quem já foi, mas o de quem é, o sentido marcante de uma presença. A descoberta está feita. Caicó encontrou o nome de seu fundador. Resta-lhe agora uma atitude, uma resposta, que outra não poderá ser, senão a única e compativel, que assumem as cidades civilizadas e gratas.

A velha e ensolarada Cidade do Principe, que Manoel Fernandes Jorge viu sítio, fazênda, povoação e vila, cujos passos êle dirigiu rumo á esperânça e ao idealismo, tem agora a solver-lhe uma dívida de honra. Guarde e perenize o nome de seu fundador. Que êste apêlo chegue aos ouvidos dos que, hoje, detêm os destinos cívicos da querída cidade. O nome do glorioso bandeirante merece a perpetuidade do bronze. Se suas excelências o fizerem, fiquem certos de

que conquistarão os aplausos do Povo e a consagração da história.

— Conservo em meu poder duas folhas de um precioso livro de Batizados da paróquia de Sant'Ana, que se perdeu, fôlhas 18 a 20. Nelas se encontram 14 têrmos, dos anos de 1775 e 1776. Assínam como curas os padres José Inácio Xavier Correia e Pedro Bezerra de Brito. De licença dêles batizam os padres Martinho, João Tôrres, Fernandes Pereira Monteiro e frei Joaquim de Santana do Carmo. Dêstes merece menção especial o padre Fernandes Pereira Monteiro, irmão do padre João Pereira Monteiro, filhos do capitão Manoel Pereira Monteiro, fundador de Serra Negra. O padre João faleceu em Serra Negra, aos 8 de março de 1793, com 60 anos de idade.

Aparecem também nomes de antigas fazêndas e sítios da região, que conservam até hoje seus nomes, como Campo Grande (hoje Augusto Severo), Tapéra, Sussuarana, Boqueirão, Tânques (ambas no município de Parêlhas).

— Em novembro de 1957, dirigí, ao presidente da Camâra de Vereadores de Caicó a seguinte carta: —

Sr. Presidente da Camâra de Vereadores de Caicó,

Em agôsto do corrente ano, dando curso a uma série, de crônicas históricas sobre homens e fatos do Seridó antigo, tive oportunidade de fixar a pessôa do fundador de Caicó, até agora desconhecida e despercebida dos historiadores conterrâneos. Trata-se do sargento-mór português Manoel Fernandes Jorge, grande proprietário e animador dos primeiros movimentos cívico-religiosos da terra caicoense, nas últimas décadas do século 18.

Que êsse homem deva ser considerado fundador de Caicó, Senhor Presidente, é fato consequênte das últimas pesquisas. Na verdade, no Seridó são tidos e havidos como legítimos fundadores de cidade aquêles varões que patrocinaram a ereção de suas primeiras igrejas. Os exemplos são ricos. Em Serra Negra, o capitão Manoel Pereira Monteiro. Em Acarí, o sargento-mór Manoel Estêvão de Andrade. Em Curráis Novos, o capitão-mór Cipriano Lopes Galvão. Em Jardim do Seridó, o capitão Antonio de Azevê-

do Maia. Tôdos êles, pelo fato de terem apadrinhado a construção de suas capelas, receberam da Autoridade Eclesiástica de então os títulos de Benfeitores e Fundadores

Era êsse o caminho que se abria aos agrupamentos dos primeiros nucleos humanos.

Em Caicó deu-se o mesmo. A criação da paróquia, em abril de 1748, abriu caminho à fundação da cidade. A matriz de Sant'Ana foi o marco inícial. E foi o sargento-mór Manoel Fernandes Jorge o herói dessa jornada.

O Bispo de Olinda, a cuja jurisdição pertencia a Capitanía do Rio Grande, conferiu-lhe o título honorifico de Benfeitor da Matriz de Sant'Ana, como o conferiria, depois aos fundadores da Conceição do Azevêdo e Currais Novos. Êsse fato, Senhor Presidente, firmemente documentado nos arquivos paroquiais de Caicó, mas sòmente agora pesquisado e estudado, veio derramar luz abundante sobre a autêntica história do Caicó, até agora desmerecida e desvalorizada no dominio da lenda.

Assim, sendo, Senhor Presidente, repetindo aquilo que em crônica publicada por mim na «A Fôlha» de 17 de agôsto dêste ano, sugerí, venho, nesta oportunidade dirigir-me a essa respeitável Câmara de Vereadores, fazendo-lhe um apêlo no sentido de consagrar o nome dêsse fundador numa rua da cidade, ou numa instituição.

Outrossim, não posso deixar de lembrar que, por estas terras, passou um dia, um outro personagem, cujo nome, ligado às origens da cidade, merece igualmente as honras da consagração pública. Trata-se do padre Francisco Alves Maia primeiro vigário do Caicó e do Seridó.

Ao que me conste, o nome dêsse homem de Deus continúa oficialmente ignorado por aqui. Como Bispo diocesano e seridoense, não posso deixar de lembrar a injustiça, e proponho uma reparação.

São estas as sugestões, Senhor Presidente, que, no momento, e através destas linhas, na pessôa de Vossa Excelencia, venho trazer à muito respeitável Câmara de Vereadores do Caicó, esperançoso de que ela, exprimindo a soberania e legítima deliberação do Senhor Prefeito Municipal e a vontade do Povo, use das atribuições que lhe com-

petem, para perpetuar os nomes do sargento-mór Manoel Fernandes Jorge e do Padre Francisco Alves Maia, fundador da cidade e primeiro Cura da outra vasta Freguesia da Senhora Sant'Ana do Seridó.

Caicó, 22 de Novembro de 1957.

(a) D. José Adelino Dantas, Bispo de Caicó

Nota final — Esta carta nunca teve resposta. Nada se fez, e Caicó continúa a ignorar os dois márcos maiores de sua história.

A matriz de Sant'Ana

No dia 26 de julho de 1748, o padre Francisco Alves Maia instalava a freguesia de Sant'Ana do Seridó, criada três mêses antes, na vila de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó. Aquí viéra para celebrar a primeira festa de Sant'Ana e erigir a primeira matriz.

Esta história ficou gravada em ata solêne, que êle mesmo lavrou e assinou com os primeiros freguêses. Deve-se ao Visitador Fernandes a perpetuidade dêsse documento, que vale pela certidão de batismo de Caicó. Êle o transcreveu de um livro velho que se perdeu.

Informa o padre Alves Maia :

— «Aos 26 dias do mês de julho do ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e quarenta e oito, em dia da Senhora Santa Ana, padroeira desta Freguesia, vim a este lugar do Caicó, onde todos os Fregueses desta dita Freguesia ou a maior parte deles de melhor nota assentaram por voto unânime que fôsse fundada e ereta sua matriz com a invocação da Senhora Santa Ana, por ser este lugar o mais comodo e para onde podia concorrer o povo com a conveniencia comum para todos; e aí no dito lugar, acompanhado de grande parte de povo e com o con-

sentimento do Tenente José Gomes Pereira, levantei uma cruz no mesmo lugar e terreno, onde os Fregueses hão de fundar a Matriz» (a) —

É êste o documento número um da Freguesia Mater do Seridó, que nascía naquelas manhãs remotas de 1748. Documento bem redigido, limpo, claro.

Finda a procissão naquela tarde de Sant'Ana, a primeira procissão histórica de Sant'Ana nestas terras, escolheu-se o terreno, assinalou-se o lugar, e uma cruz de madeira foi plantada no chão ainda virgem do gentío do Caicó. Poucos tempos depois, o milagre da fé, selando o da construção, fazia surgir o primeiro marco de Deus, firmando os domínios da Senhora Sant'Ana,

Sôbre êste assunto muito já se escreveu. No decorrer dos tempos, dúvidas se foram suscitando e, com elas, as discussões. O amor à terra é assim mesmo. Gera a curiosidade histórica.

— Sería mesmo que, antes de 1748, já não existisse por aqui alguma pequena igreja?
— A matriz de Sant'Ana será mesmo a igreja mais antiga do Caicó ?

Pelo que lemos nos arquívos da terra e nos de fóra, somos de opinião que a matriz da Senhora Sant'Ana é a igreja primitiva da cidade.

Possivelmente iniciada naquêle ano de 1748, tería sido concluída dentro das possiveis proporções, alguns anos mais tarde. Não existe

---

(a) — Do livro de Tombo da Paróquia.

documentação a êsse respeito. O processo canônico perdeu-se.

É certo, porém, que já funcionava cinco anos mais tarde. No arquívo paroquial do Piancó, encontra-se um livro de Batizados da mesma época da criação da Freguesía do Caicó. Nêle registram-se têrmos de batizados feitos na «Freguezia de Sancta Anna do Seridó», pelo cura Francisco Alves Maya, de 1748 a 1752. Nêsse período, porém, não se faz qualquer alusão a igreja ou capela em que se tivessem efetuado êsses batizados. Em dezembro de 1753, porém, no dia de Natal, o cura do Piancó informa que uma criança, de nome Inês, fôra batizada pelo «Cura da vara do Seridó, Francisco Alves Maya, na Matriz da Senhora Sancta Anna».

Creio que é esta a mais antiga referência à já construida matriz de Sant'Ana.

Quatro anos mais tarde, em julho de 1757, o ouvidor Domingos Monteiro da Rocha, numa das relações das freguesias da capitania da Paraíba, informava ao capitão-mór Pedro de Albuquerque Mélo a respeito da de Caicó :

> — Quinta e ultima freguezia da gloriosa Senhora S. Ana, donde tem matriz e cura no lugar chamado Caicó, na ribeira do Seridó, nesta dita freguezia e ribeira : tem duas povoações, uma na dita matriz, e outra no lugar chamado Acarí.» (Nota b).

Em 1769, o fazendeiro José Gonçalves Ferreira, morador no Quixeré, acha de passar uma escritura de doação ao «Senhor Santissimo

---

b) — Revista do Instituto Histórico Geografico da Paraiba, Vol. 12º ano de 1953.

Local da matriz

Dessas fontes colhe-se, pois, a certeza de que, naquelas datas, a matriz dé Sant'Ana já se achava concluida.

O documento da instalação da freguesía, lavrado em forma de ata, reza que todos os freguêses combinaram que se escolhesse um local cômodo para a fundação da matriz.

Quê lugar cômodo tería sido êsse ? Será o mesmo em que atualmente se acha a catedral? Não há dúvida. Nem pode haver. Foi alí mesmo que a cidade nasceu, e ergueu-se a primitíva matriz.

Na verdade, a quem observa a localização das igrejas mais antigas do Seridó, ressaltando o fato de quê todas foram construidas às margens dos respectivos rios. Olhemos para a Serra Negra, Acarí, Jardim do Seridó, Jardim de Piranhas, Currais Novos. Em Caicó, não se faz exceção. Se exceção houve, foi de outra natureza: sua primeira igreja não nasceu capela, senão que nasceu matriz, título que lhe foi atribuído desde o começo. Nenhum documento registra-a jamais capela, mas sempre matriz, pouquíssimas vezes, igreja-matriz, e umas duas vezes, igreja.

Sacramento da Povoação do Caicó», justificando-se que assim o fazia «para ajudar no azeite da alampada que se a de collocar nesta minha Matriz da Senhora Sancta Anna do Siridó».

Quatro anos mais tarde, em 1773, instalava-se a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens de côr. Do acontecimento ficou ata famosa, que começa assim :

— «Aos vinte e sette dias do mes de Dezembro de mil sette centos e settenta e trez na Igreja Matriz da Senhora Sancta Anna da Freguezia do Siridó»...

O documento de 1748 alude a um lugar «onde os Freguêses hão de fundar a Matriz».

Em agosto de 1785, trinta e sete anos após, o Tenente Antônio Francisco dos Santos e sua mulher, dona Terêsa de Jesus fizeram doação de uma parte de terras à «Matriz da Senhora Sancta Anna da Povoação do Caicó». Ao estabelecerem os limites, indicam «uma linha que, correndo do Serrotinho, encontra um cordão de pedras que fica por detrás da matriz».

Essa informação é assás valiosa, confirmadora da primitiva topografía. Êsse cordão de pedras ainda existe hoje, e córre bem pertinho da querida matriz de Sta. Ana.

— E a igreja do Rosário ?

Há quem pense e quem já tenha escrito que a igreja do Rosário seja a mais antiga igreja do Caicó. Que tenha sido a primitiva matriz da fundação da freguesía. Chega-se até a apontar o caso da atual igreja do Rosario do Acarí que, até 1867, foi a matriz de Nossa Senhora da Guía. Escreveu-se tambem que a igreja do Rosário fôra construída, em 1725, por Manoel de Souza Forte. Encontrei num velho livro da paróquia o têrmo de óbito dêsse Souza Forte, nascido em 1750 e falecendo em 1793, com quarenta e três anos de idade. Não podia ter construído a igreja do Rosário, em 1725. . .

O saudoso monsenhor Severiano de Figueirêdo, nascido na fazênda da Palma, em seu livro «A Diocese da Paraiba», dá essa igreja como construida em 1742, mas não indica a fonte de que colheu a informação.

Seja como fôr, a orígem da igreja do Ro-

sário do Caicó acha-se ainda envôlta em mistério. Dizer simplesmente que é mais antiga que a matriz, sem provar, ou apresentar provas débeis, é avançar demais. Negá-lo tambem simplesmente seria dificultar as vias de acesso às indagações.

A atual igreja do Rosário substitúi uma primitiva capela de igual invocação, muito antiga, que ainda existía nas últimas décadas do século 18º. Que essa primitiva capela do Rosário existiu no Caicó, não pode haver dúvida, na voz dêste documento :

— «Aos tres de Dezembro de mil sete centos e oitenta e oito annos, falleceo da vida presente a adulta Luduvina Correia solteira filha légitima de Pedro Dias Ramalho e de Maria Pereira com a idade de vinte annos pouco mais ou menos: foi sepultada nesta Matriz da Gloriosa Sancta Anna do Siridó a quatro do ditto mes e anno, e falleceo com todos os Sacramentos: digo não foi sepultada nesta ditta Matriz, sim foi sepultada na Capella de Nossa Senhora do Rozario desta Villa do Principe, filial desta ditta Matriz; e foi encommendada por mim abaixo assignado e sepultada em mortalha branca: de que se fes este acento que assigno. O Padre José Antonio Caetano de Mesquita Cura» (Nota c)).

Mas, essa capela de 1788 não existia mais em 1800. Em fins dêsse ano, outro cura do Seridó o padre José Gonçalves de Medeiros, lavrava o seguinte têrmo de óbito:

— «Aos vinte e hum de Novembro de mil oito centos falleceo da vida prezente Antonio Carlos cazado que foi com Roza Maria, esta criôla e aquelle in-

c) — *Livro de Óbitos da paróquia do Caicó, de 1788 a 1811, fls. 8 v.*

dio com a idade de cincoenta annos pouco mais ou menos, foi unicamente confeçado por morrer quasi de repente está sepultado no sitio determinado para a capella da Senhora do Rozario, encomendado por mim, de que para constar fis este assento em que me assigno. O Cura José Gonçalves de Medeiros» (Nota d).

Em 1824, essa capela, que é a atual igreja do Rosário, não tinha sido ainda construida. Em outubro dêsse ano, as legiões de frei Caneca acampam na Vila do Principe, e aqui passam uma semana. O belicoso carmelita, chefe e cronista da jornada épica, não viu em Caicó nenhuma outra igreja, além da matriz de Sant' Ana. Eis seu depoimento :

— «A vila tem uma igreja pequena, nova e bem pâramentada».

No ano de 1826, aparece u'a menção rápida. Um têrmo de declaração, passado em cartório, com data de 3 de fevereiro dêsse ano, alude a uma linha que «atravessa a Rua de Cima e a Igreja do Rosário».

Parece entretanto que a atual igreja do Rosário só foi concluida em 1853. Num livro antigo da Fábrica, o Visitador Fernandes, vigário da freguesia de Sant'Ana, informa :

— «Dispendi com huma Imagem de N. S. da Conceição para o altar que foi do Rosario, para ser collocada no nixo, onde estava a de N. S. do Rosario, que foi transferida para a sua Capella propria, e collocada no dia 3 de abril de 1853, 50$000». A informação é de principios de 1854.

---

d) — Livro de Óbitos citado.

CONCLUINDO :

1) É improvavel tenha existido qualquer capela em Caicó, antes de 1748. O termo «lugar» usado na ata do padre Alves Maia, dá a entender que o sítio era, na época, inteiramente desabitado.

2) A atual catedral e outróra única e exclusivamente citada «Matriz da Gloriosa Sant'Ana», parece ser a igreja mater de Caicó. Pelo menos, é única conhecida até o ano de 1788. Dela era filial a antiga capela do Rosário, citada no têrmo de óbito acima.

3) Essa primitiva capela do Rosário, ao que parece, não existia no ano de 1773, porquanto é estranhavel que na matriz de Sant'Ana e não na mesma, se tenha instalado a Irmandade do Rosário dos Homens de Côr, conforme ata existente.

Mesmo assim, o campo fica aberto a futuras indagações.

Os primeiros Curas da freguésia de Sant'Ana

A região seridoense começou a ser conhecida e explorada nas últimas décadas do século dezessete, vinte e tantos anos após a expulsão dos holandêses.

As primeiras datas de terras conhecidas na região e registradas nos livros da Capitania do Rio Grande do Norte, informa o dr. José Augusto, são de 1676, e referem-se exatamente ao Acauã.

Não é sem motivo, pois, que os sertanistas de Domingos Jorge Velho, na década de 1680, tenham-se derramado pelo Boqueirão da Serrota (Nota a), atravessando as Gargalheiras e batido o gentío assanhado no Acauã, onde já se haviam estabelecido as primeiras fazêndas de gado.

Ao despontar do século dezoito, o sertão do Seridó, que o ôlho do Sertanísta vira e gravára, foi se tornando alvo dos senhores do além-Borborema, do Piancó, e de outras latitudes,

---

a) — O atual Boqueirão de Parêlhas. Citado já nas primeiras datas de sesmarias.

abrindo rotas de penetração, através do Piranhas de Cima, do Espinháras, do Cupauá, do Boqueirão e do Acauã, vias naturais aos aventureiros do Sul.

A penetração vinda de Léste não parece ter sido tão intensa.

Os sesmeiros empreenderam corridas sertão a dentro. As vistas cresciam e, com elas, as disputas por uma terra ainda virgem e encantadora, perfumada nos invernos, atapetada de ricas pastagens, convidando à criação de gado.

As primeiras gerações que aqui se estabeleceram, viveram e mantiveram-se por mercê exclusiva do trabalho pastoril. Isso fez com quê surgisse uma raça de Titãs, afoitos e idealistas, mansos e ordeiros, leais e amantes da terra. Foi nas lídes mais duras, em contato e combate com um clima por demais sêco e agressivo, que o sertanejo do Seridó argamassou a beleza e firmeza de um sistêma gregário o mais homogêneo.

Alimentando-lhe a fibra moral e profissional, ressalta-lhe a admiravel unidade étnica. O português que para aqui veio, era da melhor estírpe. Não veio sozinho. A Borborêma derramou no Seridó muita gente, vinda de Pernambuco, da Paraíba e até da Bahia. Raça forte para colonizar uma terra forte. Raça forte dos Araújos, dos Dantas, dos Azevêdos, dos Medeiros, dos Nobregas, dos Lopes Galvão, dos Garcías, dos Gomes de Melo, dos Batistas e tantos outros, diluídos, depois, «numa família única, entrelaçada e unida continuamente, numa tecitúra intérmina de casamentos, perpetuando o

nome e a lembrança das velhas raças povoadoras dos sertões nordestinos», diría belamente o mestre Câmara Cascudo.

Mas, na vanguarda de batedores de sertões, não vieram sómente plantadores de curráis. Apareceram tambem muitos reverendos curas, fascinados igualmente das coisas do reino dêste mundo. Nas listas de sesmeiros daquí e dalém incluem-se centenas de padres, não menos solícitos em requerer as costumadas três leguas de fundo e uma de largura para acomodar seus gados ou plantar lavouras.

João de Lira Tavares informa que, no ano de 1707, o padre Manoel Timóteo da Cunha, morador na capitanía da Paraíba, requería uma data de terras na ribeira do Seridó, no sitio Catururé, barra do Acauã (b). Será sua reverendissima o padre sesmeiro número um do Seridó ?

O livro de Datas e Sesmarías do Rio Grande do Norte, existente no Instituto Histórico e Geografico de Natal, registra o nome do padre David de Barros Regno, pedindo, em fins de 1711, terras na ribeira do Açu. No ano de 1745, não era mais vivo. Nêsse ano, um de seus herdeiros, de nome Francisco de Oliveira, requería confirmação de uma posse no Riacho da Garganta ou Adequê de Cima, que pertencera àquêle sacerdote. (c).

---

b) — Sitio Catururé. Vizinho à cidade Jardim do Seridó, à margem do rio Seridó. O topônimo resiste ainda ao tempo.

c) — Garganta, riacho da Garganta, Garganta do padre David, caminho obrigatório para quem viaja de Florania a Jucurutú abrindo estreito vale entre serras abruptas.

Além dêsses dois padres, muitos outros aparecem, requerendo terras. Teriam sido essas as primeiras sotáinas que o sertão bravío daquelas éras vira, a menos que o burel missionário já as tivesse precedido, à frente das falanges sertanistas de Domingos Jorge Velho.

Em que ano teria surgido a primeira capela do Seridó ?

Provavelmente na primeira década de 1700, e em Jardim das Piranhas. E' noticia nova. Ao demolir-se uma parede da antíga igreja dessa cidade, em dias de 1956, encontrou-se um tijolo que trazia bem visivel esta inscrição: — «20 de JL de 170X». — Êsse tijolo mede trinta centímetros de comprimento e cinco de altura, e é de cozimento muito antigo. A grafia da inscrição é rude e característica da época. Constitúi precioso documento e, por ser de barro cozido, deixa supor que, nos albôres do século dezoito já florescia um núcleo humano na ribeira do Piranhas de baixo. (d).

Mas, que indicará essa inscrição tôsca ? Será que se refira a uma primitiva capela, edificada ali naquêles tempos e quê, dêsse modo, teria precedido, por quarto de século, a de Nossa Senhora do Ó de Serra Negra ?

E' possivel.

Dentro da certeza histórica, porém, o pedaço de chão que serviu para o primeiro al-

---

d) — Êsse tijolo deve achar-se na Cúria Diocesana do Caicó, onde o deixamos.

tar em terras do Seridó foi o da fazenda Serra Negra.

O capitão Manoel Pereira Monteiro é, na verdade, o padrinho da primeira igreja seridoense, e ninguem lhe pode tomar êsse lugar.

Doação de patrimônio em meados de 1735. Licênça para levantar e benzer a capela, despachada em setembro do mesmo ano. Decorridos três mêses, capela pronta e paramentada de todo o necessário, informa a Olinda o vigário do Piancó. (e). O nome dêsse vigário deve ser guardado. Foi, possivelmente, êle que celebrou a primeira missa no Seridó. Sua graça: Padre Domingos da Silva Ramalho, cura do Piancó.

Construída a capela da fazênda Serra Negra, os domínios espirituais da Senhora do Bom Sucesso do Piancó se estenderam ao Seridó, alcançando, dois anos mais tarde, as margens superiores do Acauã, onde o sargento Manoel Estêves de Andrade teve a inspiração de edificar a querida capela de Nossa Senhora da Guía. O processo canônico para ereção dessa histórica ermída seguiu os trâmites costumeiros. (f).

---

e) — Ver os três magnificos trabalhos de Câmara Cascudo. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio G. do Norte, vols. XLVIII - XLIX, pag. 178, anos 1951 - 1952. Infelizmente, essa primitiva capela foi demolida. Nada resta da mesma.

f) — Idem idem.

f) — Ainda existe, no arquivo paroquial do Caicó, o assentamento de óbito do patriarca de Serra Negra. E' de teor solene. Vale a pena transcrevê-lo, numa homenagem ao padrinho da primeira igreja do Seridó. — "Aos onze de Setembro de mil oitocentos e vinte na Fazenda Serra Negra desta Freguezia do Siridó, faleceo com todos os Sacramentos, deixando Testamento aprovado, Manoel Pereira Monteiro com idade de noventa, e tantos annos, viuvo que já era de Dona Thereza Maria da Conceição; o

Em abril de 1738, estava construída e capaz de servir ao culto.

Só dez anos mais tarde, sería criada a freguesia de Sant'Ana do Seridó, não havendo-do, nêsse intervalo notícia da construção de outras capelas.

A distância, aliada à penúria de sacerdites, limitava ao mínimo a assistência ao rebanho nascente. Pelas alturas de 1740, foi se sentindo cada vez mais a urgente necessidade de ser criada uma freguesia no Seridó. Impunha-se atender às condições espirituais das populações. A posição geografica de Serra Negra e do Acarí não atendia satisfatóriamente. Estudou-se e escolheu-se um ponto, equidistante dos dois extremos, e êsse ponto recaíu num lugar chamado Caicó.

A idéia, a urgência da criação de uma freguesía no Seridó não era alheia à Curia de Olinda. Em fevereiro de 1747, Dom Frei Luís de Santa Terêsa, o setimo bispo de Olinda, ordenava ao Visitador Geral dos Sertões do Norte, Manoel Alves Freire, quê, ao chegar ao Piancó e ao Icó, desmembrasse os dois curatos pelas partes conveniêntes. Chegando ao Piancó, em abril do ano seguinte, o Visitador chamou á sua presença os homens mais categorizados da região e, perante os mesmos, em nome do Bispo de Olinda, lavrou e expediu o decreto da criação

---

seu corpo por amortalhado em habito de Carmelita, acompanhado por mim e sepultado na Capella de Nossa Senhora de Ó da mesma Fazenda, no dia seguinte, como havia pedido no Testamento: e para constar fiz este Assento que assigno. O Vigario. Francisco de Britto Guerra". (Livro de Óbitos, de 1811 a 1838), fls. 51).

da freguesía do Seridó, sôb o titulo e invocação da Senhora Sant'Ana. O calendário marcava : 15 de abril de 1748.

Três mêses depois, a nova freguesía se instalava e nela se impossava o primeiro vigário.

Mais uma vez, reunem-se os cidadãos de melhor nota, não mais no Piancó, mas no lugar do Caicó, escolhido para séde da freguesia. O relógio de Deus ia marcar o dia do grande acontecimento, dia para sempre memoravel na história e na alma dos caicoenses de todas as gerações : 26 de julho de 1748.

A cidade e a paróquia nasceram irmãs gêmeas, nêsse dia, buscando um mesmo destino, caminhando na mesma direção. E' um caso único nos fastos da terra. Caicó não nasce à sombra de uma fazênda nem em tôrno de um curral, mas à sombra de u'a matriz.

O padre que Deus manda para apascentar o rebanho menino, não vem de muito longe e corre-lhe nas veias o sangue comum da raça povoadora. Desce do Piancó e chama-se Francisco Alves Maia.

E' êle que vai iniciar a história e a série dos vigários do Seridó antígo.

Muito se fez, no sentido de colher elementos que permitissem compor a biografia do primeiro cura do Caicó. Houve devassa nos arquivos da terra, do Seridó e do Piancó, mas quase nada se conseguíu. Logrou-se descocobrir, entretanto, quê pertencia à grande familia Maia, do Catolé do Rocha, da mesma linha dos Azevêdos Maia da Conceição do Azevê-

do. Era filho do tenente Luís Alves Maia e de dona Teodôsia Ferreira da Silva. (g).

Não se sabe ao certo por quantos anos o padre Alves Maia curou a freguesía Mater da gloriosa Sant'Ana. A última referência é de 1755. Dêsse ano em diante, páira um silêncio de morte. Acrésce que, em Caicó, nada mais resta do primitivo arquívo paroquial. Desapareceu tudo na voragem do descúido e do desprezo. Não haverá nunca tinta bastante para lamentar a perda dêsse tesouro. Não obstante, ainda existe no Cartório Judiciário do Caicó um documento autêntico, firmado pelo padre Maia. Encontrei-o apenso ao processo do inventário de Antônio García de Sá, do ano de 1755, no qual é chamado a dar depoimento. Transcrevo-o aqui na íntegra e na grafía original :

—«O Licenciado Francisco Alves Maia, Presbitero do habito de São Pedro e Cura actual desta freguezia do Seridó, pelo Exmo., e Rmo. Sr. Dom Frei Luiz de Sancta Thereza Bispo de Pernambuco e do Conselho de Sua Magestade, a Quem Deus Guarde.

Certifico que é verdade e sem duvida que o defuncto Cap. Antonio Garcia de Saa em sua vida prometteu dar ao Cap. José Gomes de Mello, com quem contractara casar uma filha sua a Snra. Dona Ignacia, cinquenta femeas de gado vacum, sendo que houvesse effetuado o referido casamento. E tambem me consta que intentando o ditto defuncto demorar o tal casamento com o pretexto de

---

g) — O tenente Luis Alves Maia era analfabeto. Nas escrituras de doação de patrimonio que fez aos dois filhos padres, assina de cruz. Ambos documentos guardam-se nos arquivos de Pombal. Além do padre Francisco, houve o padre Luis Alves Maia, terceiro vigário de Pau dos Ferros, em 1786.

mandar fazer algum vestuario de fardam para o sua ditta filha, conforme a sua possibilidade, o tal Cap. José Gomes disse que depois de casado lhe poderia dar e que não lhe fazia conta de demorar de casar, se algumas circunstancias o fizessem es-esperar pello ditto fardam tanto quanto fosse, e com effeito resumo que antes de casar ele não deu. Tudo é verdade e sem duvida, certo e assim affirmo jurando-o, et in verbo sacerdotis. Matriz do Siridó, 16 de Agosto de 1755».

Eis o padre que abre a lista dos vigários da freguesía da Senhora Sant'Ana. Não há notícia de que haja falecido por aqui, nem que destino tomou.

O certo, porém, é que êle aquí esteve, calcou êste chão, abrindo a marcha à frente do rebanho nascente. Sua voz não se perdeu. Sua pessôa sagrada tem para nós o sentido de uma presênça, na continuidade do tempo e do ministério. As gerações de hoje, herdeiras de suas bênçãos sacerdotais, não lhe esquecem o nome. À frente dêsse Rebanho quê, no plano da Graça, é e continúa a ser o mesmo Rebanho de ôntem, evóco a memória do padre Alves Maia, o homem de Deus que aqui selou o primeiro amor, batizou a primeira criança e sepultou o primeiro patriárca.

Curas posteriôres

Dada a inôpia de documentos, insuperáveis dificuldades se apresentam a quem tenta compor o quadro dos primeiros curas do Seridó antígo.

De 1748 a 1788, abre-se um vácuo enorme, uma zona de silêncio em assuntos de referência paroquial. São quarenta anos sem um assento sequer de batizados, de casamentos ou óbitos. Tudo se perdeu, deixando fechados os caminhos aos teimosos.

Mesmo assim, estivemos vasculhando os arquívos de Caicó, do Acarí, de Jardim do Seridó, do Piancó, de Goiana, de Igaraçú. Inventários, testamentos escrituras e livros paroquiais foram devassados, e dêles saiu alguma luz.

Foi assim que conseguimos compor uma relação mais ou menos exata dos curas do século dezoito, que, apesar de incompleta, como admitimos, apresenta matéria curiosa, inédita e desconhecida, correspondendo perfeitamente à veracidade histórica.

Como vimos, o padre Alves Maia parece ter curado a freguesía de 1748 a 1755, pois a partir dêsse ano, seu nome não mais aparece em documento algum.

No ano de 1753, no cargo de substituto, aparece o padre Marcos Ferreira de Morais e Castro. Os livros de Notas do Caicó conservam seu nome, denunciando sua presença aqui e perpetuando uma das piores caligrafías de todos os tempos. No Cartório de Pombal, encontramo-lo comprando o sítio Cornixauá à viuva do cap. Antônio de Fontes Rangel, no ano de 1753, assinando a escritura como cura e vigário de Sant'Ana do Seridó. (h).

Parece ter morrido muito velho, porque vinte anos mais tarde, é vigário do Açú. Tería substituido eventualmente o padre Alves Maia.

Outro padre que, provavelmente, substituiu ou sucedeu ao cura Alves Maia, teria sido o padre Antônio de Souza Espindola.

Grande proprietário de terras, dono do Riacho dos Cavalos e do Barbosa de Cima, aqui aparece, em fins, de 1755 e em 1756.

Em 1757, é cura e vigário do Seridó o padre Pedro Bezerra de Brito. O nome dêsse sacerdote enche os arquivos do Piancó, do Caicó e de Mamanguape. Parece ter vindo do Piancó, onde era vigário em 1746.

Em 1748, era sesmeiro na ribeira do Patú. Em 1759, acha-se em Mamanguape, como secretário do Visitador Marcos Soares de Oliveira. Em 1765, ali se encontra ainda, assistindo a casamentos. Finalmente, nas éras de 1775 a 1776,

---

h) — Sitio Cornixauá. Topônimo indigema. Pequeno afluente do rio Seridó, desaguando um pouco acima do Boqueirão de Parêlhas. Tinha já êsse nome nas éras de 1753.

aparece novamente no Seridó, como cura e vigário da freguesia de Sant'Ana.

Aquí, êle foi tambem proprietário de terras, dono do sítio Seridózinho que, em 1757, comprou a Domingos Fernandes de Souza.

De 1767 a 1770, é cura do Seridó, o padre José Pereira Lobato. Parece ter vindo de Páu dos Ferros, onde era vigário em 1765.

Deixou marca de sua passagem. As escrituras de doação do sítio da Volta, feita ao Santissimo Sacramento, em abril e dezembro de 1769, foram referendadas por sua reverendissima. O escrivão lhe dá o titulo de doutor.

De 1771 a 1777, é vigário da vara do Seridó o padre José Inácio Xavier Correia. Foi êsse padre que instalou a Irmandade do Rosário, em 1773. Teve como coadjutor o padre Martinho João Torres, e substituto, o padre Pedro Bezerra de Brito.

Com efeito, em 1775 e 1776, o padre Bezerra de Brito assina, mais uma vez, como cura e vigário. Em duas folhas de um velho livro de Batizados, que desapareceu, restos de um precioso tesouro, datando dêsses dois anos, achamse escritos quatorze assentos. Dêsses o padre Bezerra de Brito assina cinco, e o padre Xavier Correia, nove. E' curioso que, nêsses assentos, já se façam referências a velhas fazêndas e sítios que ainda conservam atualmente os mesmos nomes, como Tapéra, Campo Grande, Sussuarana, Boqueirão, Tanques e outras.

Como se vé, não é muito fácil ordenar a lista de curas do Seridó, segundo o critério crônológico. Às vezes, é tal a ocurrência de padres que

exercem as mesmas atribuições, que não é possivel distinguir quais, entre êles, são os vigários e quais os substitutos.

Em 1778, apresentam-se como curas os padres Lourenço da Câmara Lima e José Antônio Caetano de Mesquita.

De 1779 a 1782, volta o padre Lobáto, tendo como coadjutor o padre Manoel Gomes de Azevêdo, que o substitui várias vezes com o titulo de vice-cura. Os arquívos do Caicó guardam a primorosa letra dêsse padre Azevêdo. Fixou residência no Seridó e, a dar-se crédito à tradição, teria falecido no Acarí, onde substituiu o capelão José da Costa Soares. Descendente de pernambucanos, era irmão do cap. Francisco Gomes da Silva, genro do Cel. Caetano Dantas Correia, dos Pícos, que lhe deu em casamento sua filha Ana. No Seridó, nunca êsse padre usou o cognome de Silva, mas o de Azevêdo. Foi êle que assistiu o patriárca dos Pícos, nos últimos momentos, e que o sepultou na igreja de Nossa Senhora da Guía do Acarí. O mesmo fez a Micaela Dantas Pereira, filha do mesmo e esposa do cap. Antônio de Azevêdo Maia, fundador de Jardim do Seridó. Foi tambem grande proprietário de terras na ribeira do Acauã, dono do sítio Cruzeta, que comprou em 1798. De espirito largo, foi um dos grandes benfeitores do patrimônio do Acarí, doando-lhe, em maio de 1791, uma fazênda de criar gados, com oitocentas braças de comprido e uma legua de largura.

Em 1783, era cura e vigario do Seridó o padre João de Sant'Ana Rocha, em substituição ao padre Caetano de Mesquita. Dêsse ano em diante até o ano de 1800, o padre Caetano assume de vez o govêrno da freguesia. Faleceu em Caicó, a 17 de

novembro de 1808, tendo assinado o último têrmo de óbito, como cura, a 21 de agosto de 1800. Teve vários coadjutores, entre os quais os padres Inácio Gonçalves Melo e Manoel de Araújo Correia. Morreu hidrópico. Sepultou-o o padre Guerra. Foi dono da fazênda da Pedra Branca, que comprou em 1796.

Substituiu-o o padre Francisco Xavier Maltez, que assina como pároco, de 9 de janeiro de 1800, a 19 de novembro de 1802, tendo sido seus auxiliares os padres Fabricio da Porciuncula Gameiro, José Gonçalves de Medeiros, João Vicente Lopes Bandeira e Gonçalo Bezerra de Brito.

— No 1º domingo do Advento de 1802, assume o govêrno da Freguesia Mater de Sant'Ana o Padre Francisco de Brito Guerra, que abre um capitulo novo na história religiosa, cultural e politica do Seridó.

Além dêsses vigários, curas e capelães, os arquivos paroquiais do Seridó registram os nomes de muitos outros sacerdotes que por aqui apareciam, batizando, casando e sepultando, devidamente autorizados.

Da instalação da freguesia de Sant'Ana ao paroquiato do padre Guerra, inclusive, consegui relacionar mais de duzentos. Dêsses, ressalto, de modo especial, as figuras de três capelães e de um sacerdote que integraram, naquêles remotos tempos, o clero do Seridó antigo.

O Acarí teve vários capelães, quando era ainda capela filial do Caicó. Os livros asssinalam os nomes de três : o padre José da Costa Soares, o padre Manoel Gomes de Azevêdo e o

padre Cassiano da Costa Pereira. Registra-se tambem alí, por muitas vezes, a presença do padre Manoel Teixeira da Fonseca, capelão da Conceição do Azevêdo.

Mas, o mais antigo capelão de Nossa Senhora da Guía do Acarí parece ter sido o padre José da Costa Soares. Êsse padre aparece já nas éras de 1762, no Seridó, requerendo terras entre o rio Seridó e a Raposa, ribeira do Quipauá, rio que alimenta hoje o Itãs, com o nome de Barra Nova.

Em 1776, era capelão do Acarí. E' a referência mais antiga que encontrei de sua presença e título no Acauã.

No inventário do patriárca Caetano Dantas Correia, há uma alusão curiosa a seu respeito. E' que o senhor dos Pícos de Cima morrera, devendo-lhe a importância de seis mil réis. Vivia, portanto, naquêle ano de 1797. Não parece ter falecido no Seridó. Não se registra aqui seu óbito.

O Jardim das Piranhas teve tambem seu capelão. No ano de 1823, aparece alí o padre Antonio José Ferreira Nobre.

Não foi feliz. Dois anos mais tarde, era alí barbaramente assassinado, tendo apenas vinte e seis anos de idade. A anotação de óbito não esclarece o movel do crime. Revela apenas que foi ferido «a facadas na coxa da perna». Morreu sem sacramentos. Seu cadaver foi transportado para o Caicó, e sepultado numa das arcadas da matriz, tendo oficiado o padre Guerra, acompanhado de outros três sacerdotes.

O nome dêsse capelão faz lembrar o do padre José Ferreira Nobre, vigário de Pombal, altamente comprometido na jornada de 1817, nos sertões paraibanos, de quem a vitima parece ser consanguinea. Haveria ligação com o fato ?

A tragedia do Jadim das Piranhas não seria a única, no genero, a abalar o cristão rebanho seridoense. Repetiu-se, vinte e quatro anos depois, na Conceição do Azevêdo, onde foi igualmente assassinado a tiros e facadas o padre Herculano Antônio de Figueiredo, pernambucano, natural de Goiana. Deu-se isto no dia 15 de março de 1849. O motivo do assassinio é omisso. A ingrata informação colhe-se no arquivo paroquial do Acarí, onde o inditoso sacerdote trabalhava com o padre Tomaz, desde o ano de 1847.

Nas éras de 1790, as anotações dos livros do Caicó consignam o nome do padre José Gonçalves Melo, capelão do oratório do Sabugí. Tinha tambem um irmão sacerdote, o padre Inácio Gonçalves Melo, coadjutor da freguesia mater, e ambos filhos do sargento-mor Manoel Gonçalves Melo, rico senhor do Sabugí, «homem branco, potentado e de sã consciencia», segundo informe da ata de instalação da Irmandade do Rosário.

O padre José faleceu em 1819, mas seu inventário omite-lhe idade e lugar de falecimento.

A tradição popular, viva ainda nas crônicas avulsas de quase dois séculos, perpetúa uma versão, segundo a qual o padre José teria deixado o Seridó, desgostoso de seu pai.

O sargento ilustre, como bom sertanejo, não dispensava as delicias dos banhos matinais nas cacimbas do Sabugí. Na manhã de certo domingo, o banho teria sido mais delicioso que de costume, e teria feito o velho ficar por mais tempo nas areias frias do rio acolhedor. O sol já ia alto e, no oratório do Sabugí, o filho padre e o povo esperavam já impacientes para a celebração da missa dominical. A paciencia esgotou-se, e o padre José não teve dúvida. Caiu na desdita de celebrar a missa sem a patriarcal presença. Ao voltar do banho, o velho, vendo que teria de amargar, sol quente, quase três leguas para alcançar a missa conventual no Caicó, esquecendo idade e condição do filho, não sentiu escrupulos, e exemplou o padre na velha medida. Correndo ao Caicó, encontrando-se com o irmão, teria dito o padre José: — «O que meu pai fez, feito está. Mas, aqui não fico». O ilustre sargento-mór faleceu aos 21 de novembro de 1821, com a idade de oitenta e cinco anos. O filho padre Inácio, coadjutor da freguesia, que o sepultou, confere-lhe o titulo de capitão-mór, no têrmo de óbito.

mento, ao Sr. S. S. Sacramento que se a de colocar nesta minha Matriz da Sra. Santa Anna do Siridó para ajuda do azeite da sua alampada»... E, para evitar equívoco, passa a discriminar, em têrmos claros, o número e espécie dos animais, sem esquecer sexo e idade.

«De minha livre vontade, sem constrangimento de pessoa alguma e nem insinuação faço doassam firme e irrevogavel ao Sr. S.S. Sacramento para o sobredito com a declaração, porém, que, enquanto eu for vivo hei de ser o administrador dos sobreditos bens, doados, sem que pessoa alguma me possa tomar contas e nem tirar os sobreditos bens do meo poder, salvo se eu consentir».

Acrescenta que «para firmeza de tudo, pedí e roguei ao R. Cura e Vigário da Vara desta Freguezia padre José Pereira Lobato que esta doação aceitasse cómo verdadeiro administrador dos bens da igreja, em nome do Snr. S.S. Sacramento desta Matriz».

Repassando os têrmos e a fórma dêste documento, não se pode deixar de ressaltar, entre outras, uma expressão muito interessante, de que usou o generoso fazendeiro, chamando a igreja de Sant'Ana de «minha Matriz».

Sente-se a nota de carinho filial, tão do sabor de nossos antepassados. Vale ainda salientar o profundo espírito de fé, ao declarar êle que tudo fazia «iluminado do Divino Espírito Santo».

E assim foi que, pela mão dadivosa de um iletrado boiadeiro do Quixeré, dono das ma-

lhadas da Quimbenba (c) e da Volta (d) se acendeu a primeira lâmpada do Santissimo Sacramento da mui veneranda Matriz da Senhora Sant'Ana do Caicó, lâmpada que, ainda hoje, continúa acêsa, atestando a prevalência de uma vontade e a beleza de um exemplo, a atraindo, como ôntem, os adoradores de Deus. Se hoje outra é a lampada, outro o azeite, outro não é, entretanto, o Santissimo Sacramento, senão o mesmo Senhor Santissimo que o generoso patriárca do Quixeré alumiou nas longinquas manhãs históricas da «Povoação do Caycó» de 1769. Feito como êste impunha-se exumar das cinzas do esquecimento.

---

c) — *Quimbenba* — *Ainda resiste ao tempo esse topônimo, nas vizinhânças da fazênda do Santissimo.*

d) — *"O lugar da Volta" fica encravado dentro da fazênda do Santíssimo. O pequeno riacho inflete a certa altura para oeste, dando orígem ao nome. Em companhia do compadre e amigo José Ananias Dantas, dedicado administrador da fazênda, ví os restos da primitiva casa da Volta, perdida e esquecida em meio do capinzal sêco. Só resta a soleira de pedra que lá está ainda, a evocar no tempo as figuras patriarcais de Martinho Soares e José Gonçalves Ferreira.*

As escrituras da fazênda do Santissimo Sacramento (II)

No dia 9 de dezembro de 1769, compareciam na «Povoação do Caicó» o fazendeiro Martinho Soares e sua mulher, dona Vicência Alvares de Oliveira, «moradores no ríacho Quixeré, no lugar da Volta». (a).

Aquí, reuniram a gente mais ilustre do povoado. Apareceram o alféres Manoel Gonçalves Melo, o padre Cura da Freguesía, Doutor José Pereira Lobato, o padre Manoel Rodrigues Xavier, o Frei José de Santo Tomaz e os snrs. Antônio Francisco, Gabriel Rodrigues da Costa e Domingos da Costa Ferreira dos Santos. O patriárca José Gonçalves Ferreira, compadre e amigo de Martiniano Soares, fechava o cortejo. Tôda êssa gente ilustre tinha sido especialmente convocada para um ajuste de escrituras. O padre Rodrigues Xavier, mestre de caligrafia limpa e primorosa, funcionaría como escrivão.

---

a) — Ainda existe, no Cartório competente de Caicó, o inventário de Martinho Soares de Oliveira. Faleceu na sua fazênda Barbosa de Cima, no dia 2 de dezembro de 1787. Tanto êle como dona Vicência eram pernambucanos. Num dos inventários arquivados, encontrei um atestado de batismo de um filho do casal e expedida pelo padre Guerra, no ano de 1808, do teor seguinte: — "Aos

Presente tão ilustre comitíva, toma a palavra o fazendeiro Martinho Soares. Declara que, entre os demais bens que possuía, se enquadrava «um sitio de terras de meia légoa de comprido e h'ua de largo, sito no riacho Quixeré, no lugar da Volta», que houvera por compra e registrára no Cartorio do Piancó, pela quantia de cento e vinte mil réis.

Declara ainda que, para essa compra, havia concorrido com a metade da referida quantia o seu compadre José Gonçalves, com a condição «de lhe largar a metade do dito sitio».

Eis o motivo do comparecimento do fazendeiro Martinho Soares na «Povoação do Caicó», naquele remoto 9 de dezembro de 1769. Nada mais, nada menos, que fazer o que tão raramente se faz hoje: cumprir a palavra dada. E êle o fêz.

A comitíva ilustre e disciplinada referendou o documento, pondo nêle suas solenes rubrícas, sobressaindo a do alferes Manoel Gonçalves, induscutivelmente a mais solene de tôdas.

---

vinte e oito do mês de fevereiro de mil setecentos e oitenta e hum annos, nesta Matriz do Seridó, batizei e puz os santos Oleos a Francisco com treze dias de nascido, filho legitimo de Martinho Soares, natural da frequesia de Goiana, e de sua mulher Vicencia Ferreira, natural tão bem de lá; neto paterno de João Baptista de Oliveira, natural de Alentejo, e de Rosa Maria natural de Angola, neto materno de Antonio Alvares Ferreira, natural de Olinda, e de sua mulher Luzia dos Santos natural de Goiana. Foi padrinho Romualdo Cavalcante, solteiro, de que fis este Assento que assignei, O padre Manoel Gomes de Azevedo Coadjutor e Vice Cura do Seridó".

Dona Vicência Ferreira, esposa de Martinho, faleceu aos 19 de dezembro de 1836, com a invejavel idade de 105 anos. O padre Manoel José Fernandes, que a sepultou, alegou a causa martis mais natural dêste mundo. Diz simplesmente isto: faleceu de velhice.

Nem faltou a cruz de José Gonçalves Ferreira, que não sabia ler nem escrever.

Mas, não estava encerrada a cena. Subscrito o documento, surge o patriárca do Quixeré e, por sua vez, declara que, tendo já doado, no princípio daquêle ano, parte de seu gado vacum e cavalar ao Snr. S. S. Sacramento, desejava doar agora coisa mais valiosa.

E' êle que vai falar. Deixemos que a pena do padre mestre Rodrigues Xavier evoque a voz do rustico dono das malhadas caicoenses, que o tempo respeitou até hoje, nêste documento :

«Digo eu José Gonçalves Ferreyra que a terra comprada e referida neste papel pertence ao Senhor Santissimo Sacramento desta freguesia do Siridó da Matriz da Senhora Santa Anna, a qual de minha livre vontade lhe hei doado de hoje para todo o sempre para criar os animais que lhe tenho doado com as mesmas condissoins da dita doação, observando em tudo o conteúdo neste papel de trato feito por meo Comprade Martinho Soares e, havendo ocasião farei Escritura de tudo e, por temer a morte roguei e pedi ao Padre Manoel Rodrigues este papel por mim fizesse, o qual quero tenha forma de doação irrevogavel, sendo prezentes por testemunhas os Senhores Reverendos Padres Cura desta Freguesia, o dor. José Pereyra Lobato e o Reverendo Frei José de Santo Thomaz o Alferes Manoel Gonçalves Mello, Antonio Francisco dos Santos, Gabriel Rodrigues da Costa, Domingos da Costa Teyxa. eu o Padre Manoel Rodrigues Xavier, que escrevi e por não saber escrever assinei com

cruz meo sinal costumado. Caicó, 9 de Dezembro de 1769 annos».

(Seguem as assinaturas).

As cruzes que a mão rude do patriárca Gonçalves Ferreira riscou nas escrituras de doação, ainda resistem ao tempo e teimam em não desaparecer. Persistem como sombras evocadoras de um fervoroso adorador do Santissimo Sacramento, e de um devoto generoso da Senhora Santa Ana do Caicó. E, se hoje, êle voltasse ao mundo, vería que sua vontade não fôra desrespeitada nem desprezada na voragem dos tempos.

Não encontraría sua «terra comprada» em mãos outras, que nas do mesmo Santissimo Sacramento que, como êle desejou, tem sido e continua a ser o único soberano Senhor do sítio da Volta.

A Irmandade das Almas de Caicó

Num diploma de irmão póstumo da veneravel Irmandade das Almas do Caicó, lê-se isto: — «Irmandade das Almas, fundada em 1791». Não sei de que fonte se bebeu essa informação.

Muito se tem feito, no sentído de descobrir as nascênças dessa antíga e piedosa confraría caicoense, mas nada se há encontrado. Ao contrário do que acontece à Irmandade do Rosário, cuja documentação primitíva não se perdeu de todo, nada mais resta do que tería constituido, outróra, a certidão de batismo da Irmandade das Almas.

O desaparecimento, nascído de búscas infrutíferas, não inibíu, entretanto, o ânimo de insistir. Como se sabe, o documento número um dessas associações antígas eram suas constituições, seu compromisso.

Em Caicó ainda existem as da Irmandade do Rosário, aprovadas em Lisbôa, em 1772, mas não existem as das Almas. As que chegaram até nossos dias, datam de 1836, não sendo as primitívas. Mas, por serem as únicas que se salvaram, merecem alguns comentários.

Como acima foi dito, datam de 1836. So-

freram modificações, sessenta e seis anos mais tarde e, nêste século, no ano de 1933, foram atualizadas por determinação do hoje Arcebíspo Metropolitano, D. Marcolino de Souza Dantas.

O compromisso de 1836 foi aprovado por decreto da antiga Assembléia Legislativa Provincial, e sancionada pela lei nº 15, de outubro daquêle ano, sendo Presidente da Província o dr. João José Ferreira de Aguiar (a).

No arquívo da Irmandade, guarda-se ainda um exemplar dêsse compromisso, um manuscríto de primorosa grafía, lavrado em Natal por F. C. Galvão, com data de 1837. O calígrafo, amante do Latim, andou escrevendo, no final do documento, alguma coisa no idioma de Cicero, não sendo, porém, seu latinório dos mais felizes.

Essas constituições se dividem em onze capítulos e, tanto nos termos, quanto na forma, guardam notavel semelhânça com as do Rosário.

O capítulo primeiro estatúi que podiam ser irmãos das Almas as pessôas de ambos os sexos de quelquer freguesía. A jóia de entrada dependía da idade de cada um. Até vinte e nove anos, pagavam-se dois mil réis. Até trinta e nove, quatro mil réis. Até quarenta e nove, oito mil réis. Daí para cima, obedecia-se a ajuste. A contribuição anual era de trezentos e vinte réis.

---

a) — E' possìvel que êsse compromisso de 1836 tenha sido redigido pelo padre Guerra. Aliás, ainda sobrevíve em Caicó uma tradição, segundo a qual o ilustre vigário colado tería sido o fundador da Irmandade das Almas. Essa tradição é de qualquer forma insustentavel. A Irmandade já funcionava em 1769, e o padre Guerra nascería oito anos mais tarde.

O capitulo segundo regulava os assuntos de eleições e composição da Mêsa. As eleições se realizavam na véspera da Festa das Almas.

O capítulo quarto mandava que, além do livro do Compromisso, houvesse mais sete outros, gratuitamente rubricádos por um dos juizes. Os mais importântes eram os de lançamento das entradas dos irmãos, com a declaração expressa do nome, dia, mês e ano, e o da receita.

Exigía-se também um livro de óbitos, um outro de lançamento das certidões de missas celebradas pelos irmãos falecidos.

O capítulo quinto fixava a Festa das Almas para o dia 3 de novembro, logo após a celebração do Dia de Finados, mas admitia que se transferisse para outro dia do mesmo mês, conforme as circunstâncias, conquanto que não caísse em dia de festa de ríto simples. A festa devia constar de ofício funebre solêne a canto chão. Os sacerdotes, irmãos das Almas, ausentes da séde, estavam desobrigados de comparecer.

A missa cantada era da competência do pároco, e os demais padres deviam celebrar pelos irmãos falecidos, recebendo a espórtula de quatrocentos e oitenta réis pela missa. O pároco, quando presidia às sessões e às eleições, percebia dois mil réis. Pelo oficio e missa cantada, dez mil réis. Os sacerdotes que assistissem ao oficio dos Mortos, percebiam quatro mil réis, cada um. Só o coadjutor podia servir de diácono da missa e era recompensado, não pela função que desempenhava, mas pelo canto do Evangelho. Recebia dois mil réis.

O mesmo percebiam o subdiacono, que cantava a Epístola, e os sacerdotes que cantassem as lições. O pregador era mais bem aquinhoado. Recebia seis mil réis. O sacristão era gratificado com a apreciavel importância de seis mil réis por ano, e, nas festas das Almas, levando-se em conta a função extraordinária de turiferário, ganhava a gratificação excepcional de um mil réis. Dos onze capítulos são êstes os mais curiosos.

E' de supor-se que o compromisso de 1836 tenha guardado, em linhas gerais, tudo o que compunha o compromisso primitivo que se perdeu.

Num livro velho da Irmandade, aberto e rubricado, em abril de 1797, por Antônio Felipe Soares Brederodes, acham-se lançadas as certidões de missas rezadas pelos irmãos falecidos, e também os nomes dos irmãos vivos, em ordem alfabetica, de 1797 a 1836 (b).

Encontram-se igualmente ali registados os irmãos mais antígos, foi êsse regísto o ponto de partida de uma descoberta.

---

b) — Êsse livro velho é uma das preciosidades do arquivo paroquial do Caicó. Nêle se anotavam os recibos de missas celebradas pelos irmãos mortos e, ao mesmo tempo, a matrícula dos irmãos, em ordem alfabetica. Infelizmente, as anotações da letra A se perderam. Restam as da letra B para a frente. A parte referente aos recibos de missas data de 1797 a 1836, todos assinados pelos respectivos curas de então e pelos tesoureiros da Irmandade.

A lista é longa, e compreende mais de mil irmãos.

E' uma doçura repassar a série imensa da fina flor do elemento social do Seridó antigo, alí presente e anotada...

Êle revelou, na verdade, que a Irmandade das Almas é quase tão antiga, como a própria cidade do Principe.

Uma preciosa anotação veio esclarecer tudo, informar, inclusíve, que a Irmandade das Almas já existia em 1769. E' anterior à do Rosário.

Às fls. 9 v., o escrivão da Irmandade escreveu isto :

— «O Capitão-Mór Cipriano Lopes Galvão entrou nesta Irmandade em 1769. Pagou até 1810. Continúa sua mulher que pagou até 1827».

O capitão-mór Cipriano Galvão é o fundador de Currais Novos e, possivelmente, irmão fundador da Irmandade das Almas, porquanto sua senhoría é o irmão da letro C mais antigo registado nêsse livro. No ano de 1769, contava apenas dezesseis anos de idade, pois nascêra em 1753. O patriárca pertenceu à Irmandade por espaço de quarenta e um anos.

Os demais irmãos anotados se colocam na lista de 1774 para diante. Um dêles, de nome Caetano José Coêlho, morador no Cordeiro, teria merecido um titulo de aposentadoria. Entrou para a Irmandade em 1774, e nela perseverou 59 anos seguídos, até 1833, quando faleceu.

Nessas condições, pode-se afirmar com segurança que o veneravel sodalício tenha sido fundado na década de 1760. Já existía em 1769. O que não se pode dizer mais, nem escrever é que tenha nascido em 1791. Aquela declaração

do diploma de irmão póstumo perdeu sua razão. Deve ser substituída.

Lá estão os termos de recibos das capelas de missas celebradas pelos irmãos falecidos Antonio de Azevedo Maia (o primeiro), Caetano Dantas Correia (o primeiro), Josefa de Araújo Pereira, Macaela Dantas Pereira, Tomaz de Araújo Pereira (o segundo). Era suma honra pertentencer à veneranda Irmandade das Almas do Seridó. E' toda uma gente ilustre que desfila no velho livro, sangue generoso e fecundo que, na continuidade do tempo, corre ainda nos galhos da árvore humana que continúa a brotar e cobrir a terra comum.

A Irmandade do Rosário dos homens de Côr de Caicó

Deve ter sido, sem dúvida, um grande dia, aquêle 16 de junho de 1771, na povoação do Caicó. Grupos de homens e mulheres de côr, confluindo de toda parte, aguardavam ansiosos a hora de uma reunião que se lhes marcára na matriz. E' que a idéia da fundação de uma Irmandade que congregasse os elementos negros da Freguesía, estava amadurecida, e havia chegado a ocasião de tomar-se conhecimento dos termos de seu primeiro Compromisso.

A solêne assembléia realizou-se efetivamente no consistório da matriz de Sant'Ana, e dos trabalhos resultou uma ata em que se acusa a presença de muita gente ilustre. Não me posso furtar ao prazer e a curiosidade de transcrever aquí os nomes da primeira côrte negra da vetusca Irmandade do Rosário da Freguesía de Sant'Ana do Seridó daquelas longínquas eras. Formou-se a primeira Mêsa. À frente suas Altezas Reais, Sebastião Pereira, Rei de Congos, e Maria José Neves, Rainha de Congos. Seguem-nos Afonso Ribeiro, Juiz, Luiza Gomes, Juiza, José Mendes, Escrivão, e Maria Terêsa, Escrivã. Assinam a ata dezesseis outros ilustres personagens, o último dos quais é o sargento-mór Ma-

noel Gonçalves Mélo poderoso senhor do Subugí,a quem deram as honras da tesouraría. Em sua senhoria encontraram os irmãos nêgros o homem capaz de desempenhar o delicado ônus, portador das virtudes raras de cidadão «potentado, temente a Deus e de sã consciência».

A assembléia deu, nêsse dia, consenso unânime ao texto das Constituições e iniciou o processo burocrático de praxe.

Essas Constituições, redigidas com simplicidade e clareza, se dividiam em dezesseis capítulos, alguns dos quais merecem curiosos e oportunos comentários. O primeiro capítulo instruía sem dificuldade o cidadão de côr que desejasse ingressar na Irmandade. Rezava assim : — «Servirão nesta Irmandade todos os homens e mulheres pretos, moradores desta Freguezía da Senhora Sancta Anna, quer sejam fôrros, quer captivos e pagarão cada hum de sua entrada duas patacas e de annual uma pataca».

Atenção singular se reservou à pessôa do tesoureiro, de quem se exigiam qualidades especiais. Era matéria do capítulo quinto : «O Tesoureiro desta Irmandade dever ser um homem branco e potentado, temente a Deus e de san Consciencia». Era, assim, o único membro da Irmandade que não podia ser negro. Convenhamos que não era lá muito fácil, naquêles tempos, como o não seria igualmente hoje, preencher o lugar de Tesoureiro da Irmandade do Rosário do Caicó.

O capítulo sexto fixava a festa do Rosário para Dia de Ano, oitava do Natal.

O capítulo décimo determinava as contribuições anuais. As mais pesadas eram as do Rei e da Rainha, que tinham de desembolsar seis mil réis, cada um. O Juiz, quatro mil réis, o Escrivão, dois mil réis, e os demais, dez tostões, cada um. Estavam dispensados das anuidades o Tesoureiro e o Procurador, «atendendo o trabalho que necessariamente hão de ter no exercicio delles, que deve ser afficaz e muito exato».

No capítulo undécimo, determina-se que se mande dizer anualmente uma capela de missas pelos irmãos vivos e defuntos, pela esmola de doze vintens cada missa, e pela alma de cada irmão falecido, u'a missa de corpo presente, pela espórtula de uma patáca.

O capítulo décimo quarto é notavel. Refere-se ao cofre da Irmandade. Se aquilo foi realmente cumprido ao pé da letra, nada poderá ter havido de mais seguro, naquêles velhos tempos, que o cofre da Irmandade do Rosário do Seridó.

Manda-se, com efeito, que êsse cofre seja de páu amarelo munido de três fechaduras com três chaves diferentes uma da outra, sob a custóvia única e exclusiva de um triunvirato, nas pessôas do Tesoureiro, do Juiz e do Escrivão. Destinado a receber dinheiro e peças preciosas da Irmandade, devia ser guardado no consistório da matriz, em lugar secreto e separado, ou excepcionalmente, na residência do Tesoureiro, que jamais o poderia abrir sozinho.

O capítulo décimo quinto estabelecía que os irmãos construissem um altar de Nossa Senhora do Rosário na matriz de Sant'Ana, para

nêle rezarem o terço, todos os domingos e dias santos. Impunha também a obrigação de rezar o terço em procissão, uma vez por semana, aos domingos, pelas ruas da povoação.

Merece menção especial o capítulo que regulava as relações do vigário com a Irmandade. E' matéria do capítulo decimo terceiro. «Não consentirão os Irmãos da Mêsa que o seu Reverendo Parocho ou sacerdote de sua comissão presida ou assista as eleições, ou outro acordo algum sobre as ações desta Irmandade, por ser de Jurisdição leiga. Querendo o Revendo Parocho ou seu commissario contrapor e teimar na referida assinatura, recorrerão ao Provedor das Capellas para os prover de remedios, a fim de se não preterirem os actos e ações da Irmandade». O teor dêsse capítulo, como se vê, dá muito o que pensar, e reflete, sem dúvida, até que ponto tinha chegado o espírito pombalino da época. A autoridade competente, entretanto, não referendou o texto, e a posterior declaração régia ordenou que as eleições do Juiz e dos demais Irmãos da Mêsa se realizassem «na presença e com a intervenção do vigário».

Aprovadas essas Constituições nas várias assembléias, foram em seguida enviadas a Lisbôa, para a devida aprovação.

O precioso manuscrito, vindo de Lisbôa e que constitui a certidão de batismo da Irmandade, que ainda existe e que encontrei mutilado e abandonado entre tantos reduzidos a pó no arquívo paroquial da querida Freguesia de Sant' Ana, é, no gênero, uma das coisas valiosas e primorosas que se guardam por aqui.

Malgrado a ingratidão do tempo e a indiferença humana, muito pouco perdeu de sua primitiva nobreza e beleza, ressaltando no primor do material e, sobretudo, no talhe beneditino da grafía graciosa e uniforme, de caractéres harmoniosos e iniciais purpurinas de velho estílo.

Remetido a Portugal, recebeu alí o sêlo da Real Mêsa da Consciência e da Ordem, no dia 9 de fevereiro de 1772, tendo sido paga a taxa de mil seiscentos e trinta réis. Aos 7 de março do mesmo ano, o documento, ido dos confins caicoenses, subia à sanção real, tendo recebido as augustas atenções de D. José I, por graça de Deus «Rei de Portugal e dos Algarves, daquém e dalém mar em Àfrica, Senhor do Guiné, Governador e perpetuo Administrador do Mestrado, Cavalaria e Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo.

A comunicação da anuência régia não parece ter sido notificada aos interessados, naquêle ano, porque só em fins de 1773 é que se convocou uma assembléia para tomar conhecimento do assunto.

Com efeito, no dia 27 de dezembro dêsse ano, no consistório da Matriz de Sant'Ana, sôb a presidência do Cura José Inácio Xavier Correia, reuniram-se os irmãos para ouvir a leitura da Publicação da Confirmação Régia. Dessa reunião resultou ata famosa, redigida pelo mestre José Inácio de Figueiredo. Nela põem suas rubricas quarentas e três pessôas, das quais apenas quatro sabiam ler e escrever... Plantou-se no documento uma floresta de cruzes,

pois, sem excetuar o Rei e a Rainha, eram analfabetos todos os oficiais da Mêsa, informa o secretario ad hoc. Essa ata merece menção especial, por ser a de estilo paroquial mais antiga existente no Seridó, no próprio original.

Começa, assim, dêsse remoto ano de 1773, a funcionar normalmente a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Caicó que teima em sobreviver ainda hoje, lutando contra todas as correntes, e que, ao ensêjo da festa de sua Padroeira, acórda a velha Cidade do Principe com seus pífanos e tambores, ampliando no tempo as inapagaveis tradições de outróra.

O Padre Guerra, êsse grande esquecido

No dia 26 de fevereiro de 1845, fechava os olhos para a luz dêste mundo, no Rio de Janeiro, bem longe da terra natal, o padre Francisco de Brito Guerra, Vigário Colado da Freguesía de Sant'Ana do Seridó, Deputado e Senador do Império, Comendador da Ordem de Cristo, Visitador Geral dos Sertões de Pernambuco e Rio Grande do Norte e fundador da imprensa provinciana. O nome dêsse homem de Deus e da Pátria encheu seu tempo e traz, ainda hoje, as cintilações de uma personalidade perenemente marcante.

Viajára para a Côrte, três mêses antes. No Recife, demorou-se alguns dias, e alí, aos 20 de novembro de 1844, beirando quase setenta anos, quís fazer seu testamento. Fê-lo na residência do advogado José Antônio Pereira Ibiapína, o futuro padre mestre Ibiapína dos sertões nordestinos, que um dia perlustraría, fazendo o bem e a caridade.

Foi alí que o velho cura do Seridó selou suas últimas vontade em documento solene.

(a). Anotou, dispôs e emocionalmente ditou tudo ao advogado amigo. Não se atreveu a fazê-lo de próprio punho. Êle mesmo o confessa: «E por não poder escrever, por me tremer a mão, pedí ao Advogado José Antônio Pereira Ibiapína, êste por mim escrevesse, no qual me assino depois de o haver ditado e lido, e o achar conforme ao que ditei».

Tempora mutantur et nos mutamur in illis.

A mão do exímio mestre de Latim que, por tantos anos, sustentára e guiára outróra as de centenas de jovens alunos na escola de Caicó, era agora mão inibída, indecisa e trêmula.

De início, ditou esta recomendação: «Recomendo aos meus Testamenteiros que se fallecer em minha Freguesia quero ser sepultado na Capella-mór, onde, segundo as Constituições do Bispado, devem os Párocos ser sepultados, envolto nas vestes sacerdotais; se fallecer na Côrte do Rio de Janeiro, quero ser sepultado na Igreja de Santa Anna, Freguesia do mesmo nome, na Catacumba que na ocasião for possivel; e se fallecer em qualquer outra parte, fica ao arbitrio de meus Testamenteiros a eleição da sepultura».

Subscreve o documento com letra trêmula e fóra da linha, tão diversa daquela que orna os livros paroquiais de seu tempo.

Três mêses depois, vitimado de congestão

---

a) — Êsse precioso documento acha-se em Caicó, num dos Cartórios locais, na forma primitiva, lavrado de próprio punho pelo futuro famoso padre Ibiapina.

cerebral, falecia no Rio, na residência do Comendador Joaquim Inácio da Costa Miranda e, conforme seu desejo, foi sepultado na igreja de Sant'Ana. Dois anos mais tarde, seus testamenteiros requeriam exumação e transladavam para Caicó os restos mortais, que aqui chegaram em julho de 1847. No dia 3 de agôsto dêsse ano, o povo da Vila do Príncipe, à frente o Côn. Visitador Manoel José Fernandes, seu sobrinho, substituto e testamenteiro, com dezesseis outros sacerdotes, quase todos seus antigos alunos, prestava ao saudoso Padre Mestre as mais pomposas honras fúnebres.

Seus restos foram depositados na Capela-mór da Matriz de Sant'Ana, naquêle mesmo local sagrado, donde êle, por mais de quarenta anos, regêra os destínos espirituais, culturais e políticos da vasta Freguesía.

Se as cinzas do padre Guerra tenham permanecido na Capela-mór por todo um século, é história que muitos poucos sabem contar por aqui. No rolar de 110 anos, a tradicional Matriz de Sant'Ana passou por tantas e tamanhas transformações, que nem os mortos escaparam. Restos de padres e leigos, mesmo dos mais ilustres, sem excluir os dos fundadores da cidade, foram removídos e postos na vala desconhecida (b). Por milagre, não removeram a própria Matriz.

---

b) — Fato por demais lamentavel. Dentro e fora da antiga Matriz da Gloriosa Senhora Sant'Ana dormem o sono eterno as figuras mais ilustres do Seridó antigo.

Sacerdotes, patriárcas, grandes vultos da história sertaneja. Informaram-me que, até à primeira quinzena dêste século, ainda se podia identificar as cinzas do Visitador Fer-

As cinzas do padre Guerra estiveram expostas também aos capríchos humanos, e nem sempre gozaram da paz eterna a que tinham direito.

Ao indagar do paradeiro dêsses ilustres restos, verifiquei com desencanto que noventa e nove por cento da população caicóense ignorava o fato e não demonstrava entusiásmo em tomar conhecimento dêle.

Afinal, alguem me informou que, ao lado do altar de Sant'Ana havía uma lápide com o nome do padre Guerra. Nêssa lápide lê-se o seguinte :

AQUI JAZEM OS RESTOS MORTAIS DO PADRE FRANCISCO DE BRITO GUERRA.

HOMENAGEM DA DIOCESE DE CAICÓ NO CENTENÁRIO DE SUA MORTE.

26 - II - 1845 — 26 - II - 1945

Eis a singelissima homenagem que a cidade prestou ao seu grande morto, ao ensejo

---

nandes, do padre Guerra e de outros, em suas respectivas urnas. Mas houve u'a mão que, insensivel às tradições locais demoliu tudo e tudo sepultou na vala comum dos anônimos.

Nem a veneranda imagem da Padroeira escapou. Foi destronada e relegada. Ainda bem que o Povo, êsse bom Povo, não concordou com a substituição e, um dia a vetusta imagem dos Caicoenses foi reconduzida triunfalmente a seu lugar pela mão do grande Bispo, do primeiro Bispo do Seridó, D. José de Medeiros Delgado. Sua Excelência antecipou-se, em tempo, ao que, no mesmo sentido, faria, depois, o seu substituto.

do centenário de sua morte. Mesmo assim, por inicitíva da Diocese, vale dizer por íniciativa de D. Delgado. Singelissima, porque doze anos mais tarde, ninguém se lembrava mais da aposição daquela lápide nem de qualquer homenagem pública que se lhe tivesse prestado.

Olhando-se aquêle pedaço de mármore, escondido aos olhos humanos, sente-se que alí se oculta, como um protesto ao indiferentismo oficial e popular que se está votando à memoria daquêle que elevou Caicó às sumas alturas. Diga-se de passagem que o cíclo da ingratidão levantou também por aqui sua tenda. Até hoje, por exemplo, veja-se, a cidade teima ignorar os nomes de seu primeiro vigário e de seu fundador. Êsses nomes não mereceram ainda batizar nem sequer um humilde e obscuro bêco das ensolaradas ruas...

Na verdade, a personalidade de um homem do quilate do padre Guerra é grande demais para caber na pequenez de uma lousa insivivel, nos fundos de uma igreja, ou na denominação modesta de um grupo escolar. Caicó precisa reconhecer seu pecado e dêle penitenciar-se, de falta de culto a seus Maiores, dentre os quais avulta, como o maior, o padre Senador, o único que o Rio Grande do Norte mandou para a Côrte. O nome dêsse homem não pode permanecer estrela apagada nos céus seridoenses. Não pode apagar-se o nome de quem, há século e meio, por aqui passou, aqui esteve, ensinando a Caicó a ler, acendendo-lhe o facho da Fé, da Cultura e do Civismo; que aqui surgiu e firmou-se como guieiro das gerações môças daquêles tempos, guindando-se às glórias do sacerdocio e ás gló-

rias cívicas; consagrando-se defensor e estabilizador das fronteiros provincianas.

Conservar e cultuar o nome e obra dêsse varão é missão de honra e de brío.

E essa missão não cabe senão à cidade do Principe, que êle amou, humanizou e cristianizou, e a que abriu as rotas luminosas de um grande destino.

O padre Guerra, nosso primeiro mestre de Latim

O padre Francisco de Bríto Guerra nasceu aos 18 de abril de 1777, na fazênda Jatobá, antigamente da freguesía de S. João Batista do Açú, e hoje da de Augusto Severo, outróra Campo Grande. Filho legítimo do cearense Manoel da Anunciação Lira e da pernambucana Ana Filgueira de Jesus, foi o maior norte-riograndense de seu tempo.

Decorrido mais de um século de sua morte, espera ainda hoje um biógrafo que, no cenário da história provinciana, lhe sitúe o merecido lugar.

Ninguém sabe por que motivo adotou o nome familiar de Brito Guerra. O próprio Manoel Basilio de Brito Guerra, filho de uma sobrinha sua, num esbôço biográfico, confessa ignorar donde e porque o sobrenome. Tenho para mim que o fato se prende a um padre de nome igual, professor do Seminário de Olinda, de quem o nosso Brito Guerra foi contemporâneo. Não teria sido êsse padre seu padrinho e benfeitor ?

Menino ainda de doze anos, seu pai o levou a matricular-se na famosa escola de Latim

da povoação do Pasmado, em Pernambuco, vizinha a Igaraçu, onde, na ocasião Manoel Anunciação adoeceu e faleceu.

Instalado o Seminário de Olinda em 1798, tocou ao jovem sertanejo do Campo Grande a honra de ser um de seus alunos fundadores. Ordenado sacerdote em fins de 1801, retornou à terra natal tendo cantado sua primeira missa a 2 de fevereiro de 1802, na capela de Sant'Ana do Campo Grande, na qual se batizára.

Depois de alí permanecer por nove mêses, foi chamado a reger a freguesía do Seridó. como vigário encomendado, cargo que assumiu no primeiro domingo do Advento daquêle ano. Em 1810, feito brilhante concurso, segundo o costume da época, foi nomeado vigário colado da mesma, ônus que ocupou até a morte.

Lendo-se «Gratidão Parnambucana», orgão da Academia dos alunos do Seminário de Olinda, em o numero editado em Lisbôa, em 1808, de homenagem ao Bispo Azerêdo Coutinho, destaca-se bem nítido o lugar de relêvo intelectual que, entre os demais colegas, se atribuía ao aluno Francisco de Brito Guerra. Convence o fato de ter sido êle escolhido para saudar em Latim ao ilustre fundador do glorioso Seminário.

Na verdade, o padre Guerra foi, desde os tempos de estudante, fervoroso cultor da Lingua Mater. A famosa escola que abriría, depois, na Vila do Princípe, seria o ponto de partida de uma cultura que iluminaría a terra e estimularía seus filhos.

Não quís êle esconder avarentamente a luz que recebera das lareiras pernambucanas, mas transportá-la para os sertões seridoenses. levá-la de mão em mão, fiel à lição evangelica, para abrir clareiras às inteligencias moças, guiá-las e impeli-las a mais altos destinos.

O precioso e raro numero da Academía Parnambucana, edição de 1808, do qual a Reitoria do Seminário de Olinda guarda carinhosamente um exemplar, agasalha três trabalhos latinos do aluno Francisco de Brito Guerra. Um Carmen Epidicticum, um Carmen e a famosa Oratio Academica, pronunciada no dia 5 de dezembro de 1801, no Seminário, em presença do Bispo, dos Superiores e da fina flor da intelectualidade pernambucana da época.

E' um discurso de saudação e agradecimento ao grande prelado, de feitío essencialmente humanísta, e em que o talentoso jovem revela suas qualidades de exímio latínista.

O Carmen Epidicticum compõe-se de vinte e quatro versos místos, em estílo ovidiano, e é dedicado a Dom Azerêdo Coutinho. Não me furto ao prazer de transcrevê-lo aqui, não só porque, bem o sei, pouquissimos são os que nêste século, tiveram a ventura de vê-lo, como tambem porque, transcrevendo-o, nutro a esperânça de que, de futuro, não retorne ao longo exílio de quase duzentos anos.

Ei-lo na íntegra :

EXCELLENTISSIMO AC REVERENDISSIMO DOMINO JOSEPHO JOACHINO A CUNIA AZEREDIO COUTINIO EPISCOPO PARNAMBUCENSI, REGIO CONSILIARIO, STUDIORUM DIRECTORI ET SEMINARII OLINDENSIS FUNDATORI :

CARMEN EPIDICTICUM :

Nunc mihi laudandum, magno nunc ore canendum,
Antistes, nomen, Maxime, sancte, Tuum.

Quid vere dignum (quamvis mea vota supersint)
Indoctus, Musa deficiente, feram ?

Carmina si condo, perfecte condere cogor,
Perfecte pateant, verba canora sonent.

Cuivis interdum doctis auferre poëtis
Officium liceat quomodo casus agit.

Tu, venerande, sacer Præsul morumque Magister
Sacrorum, factis nomen ad astra feres,

Morum quos renovas non posteritate peribunt,
Præcones semper fama perennis erit,

Nec poterit ferrum, nec edax abolere vetustas
Cantabit laudes ædificata Domus :

Florebunt artes, studium, doctrina vigebit :
Pigritiæ vero terga reversa dabunt :

Lux erit et sal (ut vere decet esse sacerdos)
Instructique viri dogmata sancta colent.

Denique quid multis ? Facta ne dicere coner,
Joseph ? Cuncta queam dinumerare bene ?

Te jubeat Dominus longos servare per annos
Atque tua tanta nos bonitate frui,

Ut vitæ civilia Te documenta monente,
Læti vivamus tempus in omne, vale.

Subditorum humillimus

Franciscus de Brito Guerra
Seminarii alumnus.

— Quanta beleza e sensibilidade o futuro mestre de Latim do Caicó impríme nêstes versos de seu Carmen :

Tu clarus, rectus, sapiens fidusque Minister
Principis es, nostris Tu medicina malis.
Tu petis atque tenes gratum de Principe donum,
Artibus ut cunctis fiat Olinda potens.
Præsentem ante oculos Te semper habebimus omnes,
Hac erit æternum Nomen in Urbe tuum!

Se nêsses versos, percebem-se claros os rastros virgilianos ou ovidianos, na prosa, trai-se logo a marca de quem muito bebeu nas fontes ciceronianas.

Na verdade, quem lê a Oratio Academica. sentirá sem demora que ela se inspirou na mente de quem sabia de cór a Oratio pro Archia.

O certo é que, dos montes de Olinda, essas luzes foram trazidas, um dia, para a Vila do Principe. E foi Francisco de Brito Guerra o portador olimpico dêsse facho, fazendo com que, aqui, nas pedras de Caicó, como ali, nas montanhas Olindenses, o Latim cantasse a música das declinações e a cadência dos versos. E aqui a luz se multiplicou e se irradiou de mão em mão. Joaquim Alvares da Costa Pereira, Joaquim Apolinário Pereira de Brito e Manoel Pinheiro de Maria souberam conservar acêso o facho da sabedória latina do padre mestre pioneiro.

Que êsse exemplo víngue para as gerações anti-humanístas de hoje, adoradoras do bezerro das técnicas e dos socialismos. Que o exemplo vingue também para as gerações levíticas de nossos dias, quando vemos com tristeza o es-

tudo e o culto da Lingua Mãe tão desprezados e tão decadentes em nossos próprios Seminários.

Gloríe-se Caicó de seu passado, de ter sido a mãe feliz de tão ilustres varões. Felix prole virum !

Da corôa da honra e do mérito, esmaecida no tempo, côlho reverente a humilde palma de minha admiração, para nesta data, depositá-la no túmulo do padre Guerra, o primeiro Mestre de Latim nas terras do Rio Grande.

O patriárca Caetano Dantas Correia

«Jam quæ seminibus jactis se sustulit arbos,
Tarda venit, seris factura nepotibus umbram.»
(Georgicas, lib. II, vers. 57-58)

O mais ilustre, talvez, dos patriárcas seridoenses de todos os tempos. Filho do português José Dantas Correia e da paraibana Isabel da Rocha Meireles, nasceu na capital da Paraíba, no ano de 1710.

Segundo informa seu filho, o crônista Manoel Antônio Dantas Correia (ainda guarda-se um manuscrito seu), nascido em 1768, Caetano Dantas veio para os sertões do Seridó aos 17 anos de idade, em companhía de um irmão mais velho que se situou na ribeira das Piranhas.

Tendo conseguido independência econômica, adquiriu, depois, o sítio de criar gados Pícos de Cima, na ribeira do Acauã, que comprou aos herdeiros do padre José Gomes da Silva e de Lourenço de Góis, conforme reza seu inventário. O topônimo procede de uns serrotes pouco elevados e isolados, sobressaíndo em forma de pícos, guardando a margem direita do rio Acauã, a uns dez quilômetros abaixo da cidade do Acarí.

Os informes do inventário não precisam o ano da aquisição, não se sabendo, assim, a data certa de sua mudança para aquelas paragens.

No ano de 1753, já maduro de 43 anos, casou-se com uma filha do português Tomaz de Araújo Pereira, de nome Josefa, residente na vizinha fazenda de São Pedro dos Picos de Baixo. Pena é que, perdidos os livros antígos da paróquia de Sant'Ana, não tenha chegado até nós a anotação do termo de seu casamento, a respeito do qual, diluídas na lenda, correm as mais pitorescas versões.

Creio que, dos estudiosos da vida do patriárca Caetano Dantas Correia, nenhum superou o saudoso desembargador Filipe Guerra, seu trineto.

Segundo o filho crônista, Josefa, ao casar-se, era môça de 16 anos. Essa informação colíde, entretanto, com a do termo de seu óbito, no qual se lê que faleceu nos Picos, aos 18 de junho de 1816, com a idade de 77 anos, e que foi sepultada na outróra igreja de Nossa Senhora da Guía do Acarí.

Óra, quem, em 1816 morre com 77 anos, deve ter nascido em 1739. Se casou em 1753, devia ter 14 anos de idade, nêsse ano, e não 16. Era, pois, mais môça que Caetano 29 anos, o qual, em 1753, tinha 43 anos.

Caetano Dantas Correia é o tronco da familia Dantas do Seridó, tronco feraz e glorioso, mil vezes multiplicado, sôb as bênçãos de Deus, nos ramos frondosos de uma árvore que não morreu mais, árvore bôa e tão fecunda que, na

área étnica do Seridó, difícil se torna saber até onde chega o fluxo rico de sua seiva.

Casando-se já idoso, nem por isso lhe negou Deus a bênção de um singular vigor prolígero. Dezessete filhos, que êle criou e formou «nos dogmas da religião católica e regras de bem viver», inundaram de alegria e vida o solar dos Picos. Todos sabem o que vinha a ser, na mentalidade austéra do patriarcalismo sertanejo, criar filhos nas regras de bem viver.

— Regra de bem viver, dizia-me meu avô materno, velhinho de cem anos, rebento da velha estírpe, a ninguem se impõe sem a medida das obras de misericórdia.

O ilustre patriárca faleceu na sua fazenda dos Picos, aos 19 de julho de 1797, com todos os sacramentos, tendo de idade oitenta e sete anos, «ainda com alguma robustez de corpo e de suas faculdades intelectuais», informa o filho crônista. Seus restos foram depositados, no mesmo dia, na outróra igreja de Nossa Senhora da Guía, hoje do Rosário, onde permanecem. Assistiu-lhe os últimos momentos o capelão e amigo, o padre Manoel Gomes de Azevêdo irmão de um genro seu.

Por mais de uma vez, estando no Acarí, tive em mãos seu inventário, que lia com a maior emoção. De tudo quanto nêle se relaciona, nada me tocou mais a alma, que o arrolamento de seu santuário domestico, «um oratório de madeira lisa e sem ornamento», no qual se guardavam as imagens da Conceição, de Santa Luzia e de São Sebastião. Tudo fiz no sentido de recuperar uma dessas imagens, não o conseguindo.

Em 1957, no transcurso do 160º aniversário de sua morte, seus descendentes, vindos de toda parte, do Seridó e de fóra do Seridó, por iniciativa do então bispo de Caicó, seu pentaneto, prestaram-lhe as mais inequívocas demonstrações de merecído apreço. Sobre as ruinas da casa do patriárca ergueram uma elegante coluna de cimento armado, com sugestíva inscrição em bronze.

Na manhã de 19 de julho daquele ano, grande romaría cívica se deslocou da cidade do Acarí para a fazenda Picos de Cima, onde se inaugurou o singelo monumento. No bronze lê-se isto:

NESTE LOCAL ERGUIA-SE OUTRORA
A CASA DA FAZENDA PICOS DE CIMA
SOLAR DO PATRIÁRCA
CAETANO DANTAS CORREIA
SEUS DESCENDENTES AQUÍ VIERAM
EM ROMARIA CÍVICA
AOS 19 DE JULHO DE 1957
E AQUI FINCARAM ÊSTE MARCO
EM MEMÓRIA DE SEU NOME E DE SEU VALOR.

Na cidade de Carnaúba dos Dantas, a outrora fazenda da Carnaúba, que lhe pertencêra, em memoravel concentração cívica, inaugurou-se igualmente um belo monumento, projeto e execução do notavel escultor potiguar, dr. Hostílio Dantas, descendente do patriárca seridoense (a).

---

a) — O sítio Carnaúba traz nome de antigas datas. Nas peças do inventário do sargento-mór Gregório José Dantas Correia, realizado no ano de 1760, já se encontram alusões a "terras do sítio Carnaúba". (Cartório do Acarí)

Uma placa de bronze, subposta a uma outra de porte notavel, orna o monumento com êstes dizeres :

AO CEL. DE MILICIAS
CAETANO DANTAS CORREIA
TRÔNCO DOS DANTAS DO SERIDÓ
QUE IRMANADOS AOS AZEVÊDOS
POVOARAM ESTAS TERRAS E
FUNDARAM ESTA CIDADE
O POVO DE CARNAÚBA
UFANO DE TÃO INOLVIDAVEIS ASCENDENTES
PERPETUA NESTE MONUMENTO O TESTEMUNHO
DE SUA HOMENAGEM E DE SEU CULTO

—Na paisagem secular e longínqua, evóco, com a veneração e sensibilidade de que meu coração é capaz, esta árvore humana de grande pórte, árvore que, na veraz expressão virgiliana, nascida de sementes, cresce devagar, mas deixa sombra aos pósteros.

— «Aos dezanove dias do mes de julho de mil sete centos Noventa e sete annos na Capella de Nossa Senhora da Guia do Acarí filial desta Matriz se deo sepultura ao Coronel Caetano Dantas Correia adulto de oitenta e sette annos casado com Dona Josefa de Araújo Pereira moradores na Fazenda Picos de Sima desta Freguezia com todos os Sacramentos emvolto em abito Franciscano em commendado pello Reverendo Padre Manoel Gomes de Azevedo de minha licensa e sepultado no Corpo da Igreja de que se fez este ascento que assignei.

Jozé Antonio Caetano de Mesquita Cura».

Tomaz de Araújo Pereira, o segundo

Dentre os oito filhos do patriárca português, Tomaz de Araújo Pereira, o primeiro, (a) casado com dona Maria da Conceição Mendonça, paraibana da velha estírpe, um recebeu na pia batismal o nome do próprio pai. Era o segundo de uma série de quatro homônimos, que ilustrariam, por quase dois séculos, as terras seridoenses, e se multiplicariam, depois, na bênção fecunda de mil gerações.

Dos dois primeiros pouco se sabe ao certo, por inópia de documentos. A incúria e o abandono varreram os arquívos do Seridó antigo. Pouca coisa se salvou. Mãos invisíveis e profanas, cumpliciadas ao pouco interesse de muitos reverendos curas e tabeliães, extraviaram e destruiram muito daquilo que escaparia a faina

a) — Que o patriárca Tomaz de Araújo Pereira era português de origem, e sua mulher, Dona Maria da Conceição Mendonça, paraibana e não bahiana, é questão resolvida. Os livros paroquiais de Natal guardam os registros de batizados de três netos do casal, esclarecendo tudo. Êsses termos são dos anos de 1770, 1771 e 1774. Deve-se ao nosso grande Câmara Cascudo o mérito da descoberta. E' de supôr-se que da Paraíba tenha vindo o patriárca

silenciosa das traças. Foi assim que se sumiu no sorvedouro do nada e se diluíu nas lendas avulsas a seiva viva das raízes históricas e etnológicas do Seridó, que teimam, não obstante, em sobreviver.

Dêsse modo, a vida e a obra do patriárca número um, arribado a estas plagas, ninguem sabe como, nem quando, chegam até nós incompletas e envoltas em mistério.

E' certo, entretanto, que teve oito filhos, dos quais o segundo recebeu sua graça. Êsse segundo Tomaz de Araújo Pereira, cuja maior relevância seria a de ser, um dia, pai do terceiro, não se projetou no cenário sertanejo daquêles tempos como estrela de primeira grandeza.

Um Tomaz de Araújo Pereira, promovído a Tenente em 6 de agôsto de 1799, e a Capitão da Primeira Campanhia de Cavalaria de Ordenanças da Vila do Principe, em 27 de setembro de 1806, assunto de um documento, encontrado no Instituto Histórico e Geográfica do Rio Grande do Norte pelo históriador Câmara Cascudo, não pode ser o filho homônimo do patriárca da fazenda São Pedro dos Picos de Baixo.

---

para o Seridó, nas éras de 1734, quando pedia datas de terras àquela Capitania.

Em que ano teria nascido? Uma informação encontrada no inventário de Antônio Garcia de Sá, processado na fazenda Quimporó, no ano de 1755, parece responder à pergunta. Uma das testemunhas é "O Sargento-mor Thomaz de Arahujo Pereyra homem viuvo e morador na fazenda Sam Pedro desta Ribeira do Cirídó que vindo de suas fazendas de gados de idade que disse ser de cinquenta e sinco annos pouco mais ou menos testemunha jurada nos santos Evangelhos..." O documento acha-se no Cartório do Caicó. O patriárca deve ter falecido por aqui mesmo, e creio que a primitiva igreja de Nossa Senhora da Guia guarda seus restos.

(b). Não é sua senhoría o jovem tenente de 1799, nem o capitão de 1806, e muito menos o portador da certidão de Fé de Ofício de 1824, simplesmente pelo fato de já ser defunto naquelas datas. Que o segundo Tomaz era morto nas éras de 1799, é causa sem apelação. Possivelmente falecêra em 1798, ou em princípios de 1799.

Dentre os três Tomaz de Araújo Pereira (o quarto era padre), apenas o segundo teve um filho de nome Felipe. Êste cidadão achou de, um dia, casar-se, e de seu casamento salvou-se, não se sabe como, a certidão esclarecedora, resistindo ao tempo numa copia autêntica, recolhida pelo eminente Dr. José Augusto. Está assim redigida: — «Aos vinte sette dias do mez de Novembro de mil sette centos e noventa e nove annos, na Fazenda Carnauba desta Freguezia, pellas nove oras da manhan, depois de feitas as denunciações nupciais cem resultar empedimento algum e já dispensados pella Sancta Sé Apostolica do parentesco em que sam ligados, em presença do Reverendo Padre Manoel Teixeira da Fonseca, de licença minha, e das testemunhas o Sargento

---

b) — A velha fazenda São Pedro dos Picos de Baixo ainda conserva o nome evocador. Encontrei nos cartórios de Pombal a escritura de compra dêsse sítio, resistindo ao tempo. Tomaz comprou-o no ano de 1747 ao cap. José Gomes Barreto e à sua mulher, dona Maria de Góis Vasconcelos. A escritura foi lavrada no sítio Catururé, nas vizinhanças da cidade do Jardim do Seridó, e nela o capitão e esposa assinam de cruz, pelo simples motivo de não saberem ler nem escrever....

Tantas vezes, viajando do Jardim para Cruzeta, atravessando as verdes vazantes do Acauã, nas alturas da fazenda Viração, contemplei de perto os serrotes dos Picos de Baixo, que se esgueiram como um felino olhando a solidão e guardando as ruinas da casa velha e acolhedora do primeiro grande patriárca do Seridó.

Mor Manoel de Medeiros Rocha e o Capitam Francisco Gomes da Silva, se receberam por esposos Felipe de Araujo Pereira, filho legitimo do Sargento Mor Thomaz de Araujo Pereira, já fallecido, e sua mulher Thereza de Jesus, com Josefa Maria do Espirito Sancto, filha legitima do Tenente Coronel Caetano Dantas Correia e Luiza Maria do Espirito Santo, ambos naturaes e moradores nesta Freguezia e logo lhes dei as bençãms na forma do Rito da Sancta Madre Igreja de que fis este acento que assignei.

Jozé Antonio Caetano de Mesquita Cura.»

Segundo a letra dessa certidão, clara e limpa, o pai de Felipe, noivo de Josefa não era mais vivo, naquêle dia 27 de novembro de 1799. Trata-se evidentemente do segundo Tomaz, porque só êle tinha um filho de nome Felipe. Sua morte tería se dado um ano antes, talvez.

Existe no arquívo paroquial do Caicó um livro velho de Lançamento de Missas da Irmandade das Almas, náufrago ilustre que se salvou de mil tormentas. Nêle encontra-se esta informação oportunisssima :

«Certifico que se dice huma Capella de missas por alma do falecido Thomaz de Araújo Pereyra, pello Padre Patricio do Rego Costa, como consta da Certidão reconhecida.

Afirmo in fide Parochi. Vila do Principe 20 de Oitubro de 1800 annos. Jozé Antonio Caetano de Mesquita Cura».

E' claro, pois, que, se não vivia mais em 1799, não podia receber promoções em 1806,

nem muito menos receber a certidão de tempo de serviço em 1824.

E quem será êsse Tomaz de Araújo Pereira das promoções? O primeiro é que não pode ser. O segundo, também não. Só resta o terceiro Êste, sim, é que é o promovido, o Tenente e o Capitão do documento do Instituto Histórico.

A certidão de batismo da Conceição do Azevêdo

Tudo quanto se sabía, até agora, a respeito do Patrimônio da paróquia de Jardim do Seridó, procedía de uma vaga informação do Livro de Tombo do Acarí, segundo a qual a escritura de doação dessa freguesía tería sido lavrada na vila de Igaraçú, em Pernambuco, nas éras de 1790.

O Exmo. Snr. Dom José de Medeiros Delgado, quando Bispo de Caicó, inconformado com a invasão e retalhadura do outróra vasto Patrimônio da Conceição do Azevêdo, tudo fez para reintegrá-lo em seus primitivos limites.

Mas, como se dá em toda parte, também aquí sua excelência teve que ouvir histórias de lendas de patrimônio por parte dos invasores.

De nossa parte, levando em consideração o informe do livro do Acarí, estivemos por duas vezes na velha cidade de Igaraçú, cujos cartórios nos abriram as portas com a maior bôa vontade e gentileza. Infelizmente, porém, nossas viagens e pesquisas resultaram inuteis.

Saímos de Igaraçú, convencidos de que ali se ignorava a história do Patrimônio da Conceição do Azevêdo.

No ano de 1956 desejando a Prefeitura do Caicó construir um açude na então vila de S. Fernando e, como essa construção viesse interessar parte do terreno do Patrimônio local, foi-nos feito um apêlo, no sentido de colaborar na iniciativa. Para efeito de legalização do dito terreno, tivemos que fazer pesquisas no 1º Cartório Judiciário de Caicó, muito rico, aliás, em documentação antíga da região.

O êxito obtido nessa pesquísa nos animou a empreender outras, no mesmo sentido. Foi para nós gratíssima surprêsa, quando descobrimos no Livro de Notas nº 1, à fl. 114, êste preâmbulo que reza assim :

— «Escritura de Doação para Patrimonio da Capella da invocação de Nossa Snra. da Conceição. que pretendem erigir nesta Ribra.. do Siridó na Fazda. da Conceição que fazem a da. Doação o Tente. Antonio de Azevedo Maya e Sua mulher D. Micaella Dantas Pereira de seis centas braças de terras nesta fazda». (a)

---

a) — Antônio de Azevêdo Maia, filho mais velho do português Antônio de Azevêdo Maia, de quem tirou o nome, seria paraibano de nascimento, vindo ao mundo em 1742. Não se sabe em que ano teria chegado ao Seridó, ou se aqui nascêra. Pai de treze filhos, foi um dos grandes patriárcas do Seridó antigo. Elemento entrelaçador das famílias Azevêdo Maia e Dantas, casou-se com Micaela Dantas Pereira, filha mais velha de Caetano Dantas Correia, o primeiro. O padre Guerra ao testificar e encaminhar, em 1808, à Câmara Eclesiástica de Olinda, um pedido de sepultura perpétua para êle e seus descendentes, louva-lhe o zelo e o empenho em erigir a capela de Nossa Senhora da Conceição, apesar de ser homem pobre.

O arquivo paroquial de Jardim do Seridó guarda intacta essa documentação. Faleceu de uma dôr, na Conceição, no dia 1º de maio de 1822, com 80 anos de idade, assistido pelo padre Manoel Teixeira da Fonseca, conforme têrmo de óbito existente no Livro nº 2 fls. 27, do arquivo paroquial de Caicó.

Falava agora um documento autêntico, desfazendo lendas e legitimando a história do Patrimônio da Conceição do Azevêdo.

Uma das lendas que se desfaziam agora, era a de que essa escritura de doação teria sido lavrada em Igaraçú. Agora, via-se que tinha sido aqui mesmo, no Seridó, dentro de casa, na mesma fazenda da Conceição, aos seis de novembro de 1790 anos.

Fôra ali mesmo, na confluência dos rios da Cobra e do Seridó, sob o telhado acolhedor do patriárca, «neste lugar da fazenda denominada Conceiçam, na Ribeira do Seridó termo da Villa Nova do Principe, Capitania do Rio Grande da Comarca da Parahyba», que o tabelião do Caicó, Antônio Vaz Ferreira recebeu e legalizou a generosa doação de seiscentas braças em quadro, das mãos do patriárca Antônio de Azevêdo Maia e de sua mulher, dona Micaela Dantas Pereira.

O documento é longo e esclarecedor. Encontra-se no mesmo uma referência a Igaraçú. O tenente Antônio de Azevêdo Maia afirma perante o tabelião caicoense que, «dentro os mais bens de raiz que possuião de mansa e pacifica posse he bem assim um Sitio de terras de criar gados nesta Ribeira do Siridó denominado Conceiçam onde eles Doadores são moradores, — com legua e meia de comprido e huma de largo, que houveram por titulo de comprado digo de compra que delle fiserão ao Sargento Mor Alexandre Nunes Maltez por Escritura publica paçada pelo Tabelião da Villa de Igarassú».

Fica esclarecido, dêsse modo, que o que se fez na vila pernambucana foi tão sòmente lavrar-

se uma escritura de compra e venda, e que o sítio da Conceição pertencêra outróra a um sargento de Igaraçú.

Quanto ao sobrenome dêsse sargento-mór, correm várias versões. O nosso Câmara Cascudo lhe dá o nome completo de Alexandre Nunes Matos. O Mons. Severino Bezerra, do Clero natalense, em trabalho recente, escreve Alexandre Nunes Machado. E, preferivel, porém, ficar com quem o teria conhecido pessoalmente, na vila de Igaraçú, nas éras de 1790, comprando terras de criar gados e transmitindo, depois, seu nome, ao tabelião do Caicó. E no documento de seis de novembro de 1790, grafam seu nome assim: Sargento Mór Alexandre Nunes Maltez.

Nas comemorações centenárias da paróquia do Jardim do Seridó, uma fotocópia dêsse documento, por iniciatíva do então bispo diocesano, foi exposta em lugar de honra entre centenas de preciosidades outras, ordenadas em certame memoravel.

Entres os visitantes que alí estiveram, muitos eram os que, rebentos das gerações vindas dos troncos dos Azevêdos Maia e Dantas, leram com emoção, pela primeira vez, as rubrícas firmes e venerandas de Antonio de Azevêdo Maia e de dona Micaela Dantas Pereira. (b).

---

b) — Micaela Dantas Pereira era filha mais velha do patriárca Caetano Dantas Correia, dos Picos, e neta materna de outro patriárca, o Capitão Tomaz de Araújo Pereira, o primeiro, português de origem.

Por muito tempo prevaleceu uma lenda, segundo a qual ela seria descendente de índio, ou seria índia, lendá essa hoje inteiramente desfeita. Assistida pelo padre Manoel Gomes de Azevêdo, faleceu no Acarí, no dia 2 de junho de 1799. Foi sepultada na velha igreja de Nossa Senhora da Guia, hoje do Rosário.

E entre êsses tantos rebentos da ilustre e cristã árvore sertaneja, encontrava-se o próprio bispo diocesano, tetraneto de ambos e que aqui os evóca na gratidão e no respeito de uma posteridade mil vezes multiplicada. (c)

---

c) — Ainda existe o inventário do português Antônio de Azedo Maia, pai do precedente, no cartório de Acari, efetuado na Vila do Principe, em 1797. Faleceu viuvo, na fazenda Conceição, mas foi sepultado na matriz de Sant'-Ana, aos 28 de novembro de 1796, com noventa anos de idade, com todos os sacramentos assistido pelo coadjutor padre Inácio Gonçalves Melo. Morrer com os sacramentos quer dizer morrer senhor de si mesmo, em pleno gozo das faculdades mentais, capaz de raciocinar, o que não deixa de ser admiravel num ancião de noventa anos. E' êle o tronco da familia Azevêdo Maia do Seridó. Do inventário consta que deixara sete filhos dos quais seis lhe sobreviveram: três do sexo masculino e quatro do feminino, a saber: Antônio de Azevêdo Maia, casado com Micaela Dantas Pereira; José de Azevêdo Maia, casado com Josefa Maria; Damasio de Azevêdo Maia, casado com Luzia de Melo; Lourença Pereira dos Santos, casada com o alferes Carlos de Melo; Sebastiana Maria de Jesus, casada com Bento Soares de Vasconcelos; Antônia Maria de Jesus, casada com o tenente Luís Pereira Bulcont, e Ana das Neves de Macedo, casada com Alberto do Rego Toscano de Brito.

d) — Em 4 de setembro de 1956, comemorou-se solenemente o primeiro centenário da criação da paróquia de Jardim do Seridó. Ponto alto dessas comemorações foi, por iniciativa do então bispo diocesano de Caicó, tetraneto do fundador da Conceição do Azevêdo, uma interessantissima exposição histórico-paroquial, que reuniu imagens, santuários, moedas, documentos, armas, louças e variadissimos objetos antigos do município e da região.

A certidão de batismo de Currais Novos

No dia 5 de janeiro de 1808, numa vigília de Reis, o capitão-mór Cipriano Lopes Galvão e sua mulher Dona Vicência Lins de Vasconcelos convidaram o tabelião de Caicó, Manoel Pereira da Silva e Castro, a comparecer na sua fazenda Totoró, a fim de lavrar uma escritura de doação. (a)

Num gesto largo e patriarcal, tão contrastante com o egoísmo pagão de nossos dias, o generoso senhor do Totoró achava que, do pouco ou do muito que possuía, poderia reservar uma parte para a honra de Deus e benefício espiritual de seus concidadãos. Com muita sabedoria pensava o capitão-mór curraisnovense que um marco mais nobre e duradouro deveria sobrepor-se aos rebanhos de gados, fixando definitivamente, cristãmente, o destino do lugar e da gente que ia surgir.

---

a) — "Escritura de Doação para Patrimônio que fazem o Cap. Mór Cipriano Lopes Galvão e sua mulher D. Vicencia Lins de Vasconcelos de meia legoa de terras de plantar lavouras na Ponta da Serra do Catunda para se erigir a Capella da Senhora Sancta Anna".

(Livro de Notas nº 5, fls. 69 *a* 70, *aos* 5 *de janeiro de* 1808. *Cartório do Caicó).*

À sombra do solar do Totoró, o tabelião caicoense gravou no papel a soberana vontade e os religiosos anseios do ilustre casal sertanejo. Um oratório doméstico era já pequeno demais para guardar o vulto da gloriosa Sant'Ana. A visão de uma capela empolgava a mente do patriárca que, em documento firme e valioso, êle mesmo vai dizendo a Pereira da Silva que, entre os mais bens de raiz que possuiam, de mansa e pacíficamente posse, era bem assim um sítio de terras de plantar lavouras, denominado Serra do Catunda, de três leguas de cumprido e uma de largo. Haviam-no adquirido por data de sesmaría e, daquele dia para sempre, sem constrangimento de pessôa alguma, faziam doação pura e irrevogavel de meia legua em quadro do dito sítio, para se erigir a capela da Gloriosa Sant'Ana dos Currais Novos, para o que a aludida terra constituia patrimônio, dêsde aquêle momento.

No sentido de evocar velhos nomes de sítios de séculos e meio, não deixa de ser curioso transcrever os limites da terra doada. O capitão-mór manda o tabelião escrever que o Catunda fazia extrema pelo Nascente com o sítio São Boaventura, de João Coêlho, morador no Rio Grande. Pelo Poente, com terras dêles, doadores. Pelo Sul, com terras da fazenda Santo Antônio, do capitão-mór João de Albuquerque. Pelo Norte, com o Saco da Serra, pertencente a êles, doadores. Assinam como testemunhas os seus filhos Francisco e Joaquim Lopes Galvão.

A história de Currais Novos assenta suas raizes nêsse dia memorável. Estava dado o primeiro passo de seu futuro. Agora, urgía ir para frente, erguer a capela. Cipriano escolhe o local.

Seu olhar enquadra uma elevação, dominando o rio, donde Sant'Ana guardaría aquelas terras e aqueles céus, os lares, os currais e as fazendas curraisnovenses. Era uma vocação, um destino a cumprir-se. Dá-se início ao processo canônico de praxe.

O padre Guerra, Vigário do Seridó, amigo pessoal do patriárca, presta-se a orientá-lo e estimulá-lo.

A notícia de que Cipriano Lopes Galvão havia doado patrimônio para erigir, à sua custa, uma capela no Seridó, chega ao paço episcopal de Olinda e, no dia 24 de fevereiro de 1808, devidamente escriturada pelo chanceler da Curia, o Bispo Dom Frei José Maria de Araújo manda expedir a «Provisão para se erigir a Capella de Sancta Ana da Fazenda Currais novos a favor do Capitão Mór Cipriano Lopes Galvão e sua mulher». (b)

Nêsse precioso documento, que felizmen-

---

b) — "Provizão para se erigir a Capella de Sta. Anna da Fazenda Gurraes novos a favor do Cap. mór Cipriano Lopes Galvão, e sua mulher, pa. o R. Paro. do Seridó. - Pa.. Exça. Assignar.

Dom Fr. Jozé Maria de Araújo

por mercê de Deus, e da Santa Sé Apostolica, Bispo de Pernambuco, e do Conselho de Sua Magestade Fidelissima &c.

Fazemos saber, que por sua petição Nos enviou a dizer o Cap. mor. Cipriano Lopes Galvão, e sua mulher moradores na Freguezia de Sa. Anna do Siridó que elles querião erigir huma Capella por invocação Santa Anna em lugar decente, para o que já havião constituido sufficiente Patrimonio, pedindo-Nos por fim de sua supplica lhe comcedessemos licença para se erigir dita Capella, e benzer a primeira pedra, e a lançar no lugar costumado. E attendendo Nós á sua justa supplica, visto ser obra

te ainda existe e se acha no arquivo paroquial de Currais Novos, o prelado olindense, dizendo-se legitimamente impedido, confere ao Vigário do Seridó a faculdade de benzer a primeira pedra, e dá outras instruções.

Não se registrou, entretanto, a data dessa bênção e da inauguração da capela. O certo, porém, é que, em maio de 1809, já se achava construida, servindo aos ofícios divinos e recebendo cadaveres. O primeiro corpo nela sepultado, segundo uma certidão do padre Guerra, foi o de uma criança anônima, filha de Francisco Pereira e de Paula Francisca, e encomendada pelo próprio vigário.

Em outubro dêsse mesmo ano, a capela recebia, pela primeira vez, a visita do padre Almeida, acompanhado do Cura do Seridó e de seu secretário. Êsse Visitador Almeida outro não é, senão o ilustre padre Inácio de Almeida e Castro, irmão de Frei Miguelinho, vindo já da Vila do Principe. Nessa ocasião, o capitão-mór, alegando ter dotado e erguido a nova capela de Sant'Ana, suplíca ao Visitador lhe seja concedida licênça de sepultura perpétua, na dita capela, para êle, mulher filhos noras e netos.. O

---

tão pia do serviço de Deos, e bem das almas, e por Nos acharmos legitimamente impedidos para fazermos pessoalmente essa função, que só a Nós pertence de Direito, commettemos nossas vezes ao Reverendo Paroco da dita Freguezia, para que possa benzer a primeira pedra, sendo affeiçoada por official de pedreiro, com as cruzes necessarias, e lançarse no lugar, que lhe compete, segundo as disposiçoens do Ritual Romano, e depois de erecta, se requererá a benção della.

Dada em Olinda sob o nosso signal, e sello aos 24 *de fevereiro de* 1808. *Eu José dos Santos Pinheiro, Escrivão da Câmara Ecclesiastica o escreví".*

Visitador, ouvindo o vigário, não só concede a graça, mas alarga-a vantajosamente, permitindo «as covas que elle necessita para si, e toda a sua descendencia, não só do arco até às grades, como em todo o corpo da Igreja das grades para baixo. (c)

O dia de usufruir dessa graça não demoraría muito a chegar. Com efeito quatro anos mais tarde, a 13 de dezembro de 1813, vítima de um antraz, e tendo sessenta anos de idade, o benfeitor e fundador dessa capela, o patriárca de Currais Novos, se despediu dêste mundo e, no dia seguinte, sua capela, objeto dos seus desvelos e continuidade de sua fé, recebia seus despojos e os guardava para sempre no lugar de honra solicitado, pelas mãos do padre Guerra, que lhe assistíra os últimos momentos (*). Quatorze anos depois, prostrada de febre maligna e assistida pelo padre Manoel Teixeira da Fonseca, capelão da Conceição do Azevêdo, Dona Vicência o acompanharia na grande viagem, associando-

---

c) — *Todo êsse processo de titulo canônico, de pedido de sepultura perpétua, de pedido de informação, despachos e respectiva provisão, encontra-se em bom estado de conservação no arquivo paroquial de Currais Novos, em documento original. Dispensamo-nos de transcrevê-lo aqui.*

(*) — *Termo de óbito do capitão-mór Cipriano Lopes Galvão: — "Aos trese de Dezembro de mil oito centos e trese falleceo da vida presente com todos sacramentos, deixando Testamento, o Capitão Mór Cipriano Lopes Galvão de idade sessenta annos, casado com Dona Vicencia Lins Vasconcellos, e fallecido de um antraz: seu cadaver envolto em habito de borel foi sepultado no dia seguinte na Capella de Santa Anna dos Currais novos, filial desta Matriz do repartimento para cima, sendo encomendado por mim, que para constar fiz este Assento, e assigno.*

O Vigario Francisco de Brito Guerra".

(Livro de Óbitos, de 1811 a 1832, fl. 11 v.)

se-lhe no sono do túmulo já setuagenária, a 23 de dezembro de 1827.

Em 1816, o Côn. Visitador Manoel da Costa Palmeiro conheceu pessoalmente a capela de Currais Novos.

Seu secretario, o padre João José de Carvalho, informou no termo de Visita que o Visitador achou-a com a devida decência, louva o zelo do administrador, e lhe recomenda que adquira um ornamento verde. (d)

São êstes e outros fatos que constituiram motivo de carinhosa evocação, quando, no ano de 1958, a familia Galvanopolitana comemorou o nome e os feitos de seu Capitão-Mór e, ao mesmo tempo, celebrou século e meio de história heroica e fecunda, fiel até hoje à vocação que se traçou e às esperanças de seu inolvidavel ascendente.

Evocar a memória do senhor do Totoró é exaltar a formosa cidade que ele fundou, Currais Novos, cristã e dinâmica, que a mão do velho patriárca orientou para a cultura e o progresso.

---

a) — *"Termo de Vizita — Aos vinte e dois de julho de mil oito centos e dezasseis annos estando de Vizita na Freguezia do Seridó o Muito Reverendo Senhor Conego Vizitador Manoel da Costa Palmeiro vizitou em propria pessoa a Capella da Glorioza Santa Anna dos Currais novos filial da Matriz do Siridó e achando-a com a devida decencia louva o zello do Administrador, e lhe recomenda mande fazer hum ornamento verde para que assim tenha os paramentos das quatro cores, e desta sorte deo por vizitada a dita Capella de que mandou fazer este termo. Eu o Padre João Jozé de Carvalho Secretario o escrevi.*
Manoel da Costa Palmeiro".

Nota final — *Esse administrador da capela de Currais Novos, naquêle ano, era o padre Antonio Batista Coêlho.*

Dois padres apostam idade

Pensava-se, até agora, e com muita razão, que, dentre os sacerdotes do Seridó antigo, tivesse sido o padre Tomaz de Araújo, do Acarí, o primeiro a levantar o recorde de maior longevidade e de mais longo pastoreio nas cristãs terras seridoenses.

Na verdade, o saudoso Padrim-Padre dos acarienses, ao falecer aos 13 de dezembro de 1893, levava para o outro mundo a invejavel carga de 84 anos de idade e o não menos invejavel saldo de 61 anos de sacerdócio bem vívidos. Nascido em 1809, ordenado na Bahia, em 1832, passou então a exercer as funções de capelão de sua terra natal, em substituição ao padre Cassiano da Costa Pereira. (a) Sete anos mais

---

a) — O Padre Tomaz motriculou-se no seminário de Olinda, no ano de 1826, conforme se lê num livro de matricula do famoso e querido educandário. Pelos 129 dias que passou naquêle ano, pagou de pensão 45 mil e quinhentos réis. Em 1827, passou nove mêses. Regista-se sua presença alí nos anos de 1828, e 1829. Não aparece nos anos de 1830 e 1831, mas reaparece em 1832, de janeiro a março, quando viaja a Bahia, onde a 17 desse mês, recebe ordens sacras. Volta da Bahia a 1º de junho e sai, de uma vez, a 8 de julho. Pagou de pensão, por êsses quatro mêses, a quantia de cincoenta e oito mil e quinhentos réis. Ignora-se o motivo de ter ido ordenar-se na Bahia, porquanto a séde de Olinda estava provida, desde 1830, na pessôa do 18º Bispo, D. Marques Perdigão. Ordenou-se juntamente seu parente, o padre Joaquim Felix de Medeiros.

tarde, aos 18 de maio de 1839, recebía, por procuração, o barrete de vigário colado da novel freguesía de Nossa Senhora da Guia do Acarí, a primeira que se desmembrou da freguesía mater de Sant'Ana do Caicó. (b) Mas, isso não significa que êle tenha conquistado o páreo de velhice e de tempo de pastoreio. Ao falecer, já havia perdido o lugar para um seu colega e contemporâneo, que vamos aqui evocar.

Repassando as amarelecidas folhas dos livros paroquiáis mais antigos do Seridó, aparece insistentemente, a partir dos finzinhos do século 18º, o nome do padre Manoel Teixeira da Fonsêca.

Êsse padre entra com pé firme nos albôres do século passado, transpõe decidido suas cinco primeiras décadas, para ausentar-se e desaparecer em fim na fase já avançada de sua declinação. Nessa longa jornada, êle viu surgi-

---

b) — O processo de colação e provisão do padre Tomaz na freguezía do Acarí ainda existe no arquivo paroquial local. Para a séde do Acarí concorreram vários sacerdodotes, tendo obtido o primeiro lugar o jovem padre Tomaz "...depois de ter procedido o repectivo Concurso e tendo attenção as habilitações e merecimentos que concorrem na pessôa do Padre Thomaz Pereira de Araújo, proposto em primeiro lugar para a Parochial Igreja de Senhora da Guia da Villa do Acary, desta mesma Provincia: Hei por bem em conformidade com o Artigo desoito da Carta de Lei quatorze de junho de mil oito centos e trinta e hum, apresentar o ditto Padre, como por esta appresento, na mencionada Igreja", dizia em oficio o então presidente da Provincia do Rio Grande do Norte, dr. Manoel Ribeiro da Silva Lisbôa, em data de 25 de outubro de 1837, ao Bispo de Olinda.

—.Aos 18 de maio de 1839, processa-se a cerimônia de colação na matriz do Corpo Santo, do Recife, onde o delegado do Bispo, D. Marques Perdigão, fez a imposição do barrete ao diacono Francisco Jorge de Souza procurador do padre Tomaz, que, pelo mesmo, fez a profissão

rem e tombarem inumeros colegas seus. O nome dêsse heroi com todas as letras: Padre Manoel Teixeira da Fonseca de Lima, nome pouco familiar para os que nunca bateram a poeira dos arquívos da terra.

O dr. Manoel Dantas, em «Homens de Outróra», evoca a pessôa dêsse sacerdote, dizendo ter êle morrido velho e ter sido vigário de Caicó por muitos anos. E' exata a primeira informação, mas há engano na segunda. O padre Teixeira nunca foi vigário de Caicó.

Segundo êle mesmo declára em seu testamento, era natural do Seridó, onde nasceu no ano de 1773. Seu pai, Luís Teixeira da Fonsêca, português de origem, conforme nota do padre Guerra, casou-se com uma seridoense, de nome Joana Batista da Encarnação. São êles os páis de nosso padre Teixeira. Residiram sempre na fazenda Angícos, do atual município de Jardim

---

de fé e juramento. Reza o documento: — "Finalmente mandamos passar a prezente em virtude da qual havemos ao dito Padre Thomaz Pereira de Araújo por Collado, e confirmado na referida Igreja Matriz de Nossa Senhora da Guia da Villa do Acary deste nosso Bispado na forma do Direito, e de nossas Constituições, e lhe damos jurisdição Ordinaria para poder administrar todos os Sacramentos aos seus fregueses, aos quais mandamos sob pena imposta por Direito o receber como a seu verdadeiro Parocho, no que ...... (ilegivel) Officio pertencer; e o socorrão com os emolumentos, proes e precalsos, que diretamente lhe pertencerem, havendo tão bem a Congrua de Sua Magestade. O Padre Coadjutor, ou outro qualquer Clerigo do habito de S. Pedro lhe dará posse na forma do estilo sem a minima duvida. Dada em Olinda sob o sello aos 4 de julho de 1839, e sinal do Rmo. Delegado do Bispado. E estas faculdades especiais, ad calcem : — "Poderá abolver dos rezervados, da excomunhão do aborto, dos que não comparecerem em tempo, comutar votos, habilitar ad petendum, aplicar as indulgencias no hora da morte, benzer Imagens e paramentos".

do Seridó, na qual o chefe de família veio a falecer de febre maligna, no ano de 1816, tendo 77 anos de idade.

Dona Joana sobreviveu mais alguns anos, e faleceu no Caicó, vítima de uma congestão, já velhinha de 85 anos, aos 15 de maio de 1831. O casal dorme em paz no solo sagrado da matriz de Sant'Ana.

Teve na pessôa de seu tio e padrinho o cap. Luís Teixeira da Fonsêca, seu grande benfeitor. Em maio de 1795, dêle recebe o formoso sítio Malhada da Areia em doação para seu patrimônio de ordenação. A escritura ainda resiste ao tempo nos cartórios de Caicó. Em agôsto do mesmo ano, o tio e padrinho e a esposa «doam ao clerigo in Maioribus Manoel Teixeira da Fonseca» um outro sítio, o sítio São João, cujo topônimo conserva-se ainda hoje, na confuência do Acauã e do Seridó. O jovem clerigo estudando no Recife, recebeu a dádiva por procuração. Uma das testemunhas é o padre Caetano de Mesquita, cura do Seridó.

Parece ter-se ordenado nêsse ano de 1795. Regressando à terra natal, aqui tornou-se um dos mais laboriosos e incansáveis auxiliares do padre Guerra e de seus sucessores. As anotações de batizados, de casamentos e óbitos registam com insistência sua presença em todos os recantos da freguesia, principalmente em Caicó, na Conceição do Azevêdo, no Acarí e em Currais Novos. Foi sobretudo na Conceição e no Acarí que êle batizou, casou e sepultou gerações inteiras dos Dantas, dos Azevêdos e Araújos. Foi êle, por exemplo, que casou Felipe de Araújo

com Josefa Maria do Espirito Santo, na fazenda Carnaúba, em 1799 e, trinta e seis anos mais tarde, sepultada a mesma Josefa, na matriz de Caicó.

Foi sua reverendissima que deu sepultura a Josefa, esposa do patriárca Caetano Dantas Correia. O patriárca Antônio de Azevêdo Maia, fundador da Conceição, recebeu também os últimos sacramentos de suas mãos.

Contemporâneo e auxiliar do padre Guerra, acompanhou-o de perto do começo ao fim do seu longo paroquiato. Assistiu à criação e instalação das freguesias do Acarí e da Conceição do Azevêdo, tendo sido coadjutor desta última, segundo informa o padre Justino, seu primeiro vigário colado.

Em 1861, tendo de idade 88 anos, resolveu fazer seu testamento, cujo original ainda se encontra no cartório competente do Jardim do Seridó. (c)

Trabalhou até o fim, e só deixou a arena quando lhe faleceram de todo as fôrças. Fez o último casamento a 12 de julho de 1859, e o

---

c) — Êsse documento traz a data de 10 de março de 1861. Foi aberto aos 18 de julho de 1864, dia de sua morte, em presença das testemunhas o padre Antônio do Monte e Silva e Tomaz de Aquino Pereira. Funcionou como primeiro testamenteiro, o padre Justino, para isso nomeado.

—Um sacerdote de nome Luís Teixeira da Fonsêca, que aparece no Seridó em princípios do século passado, deve ser irmão ou parente proximo do venerando capelão da Conceição do Azevêdo. Presente no Seridó, nas éras de 1830 a 1854,, capelão de Jardim das Piranhas, de Currais Novos, em 1833. Encontra-se muitas vezes batizando, casando e sepultando no Acarí, na Conceição e nas fazendas Luisa e Umarí. Foi vigário do Açú. Não parece ter falecido por aqui.

último batizado a 28 de julho de 1861, tendo 88 anos de idade. Mais teria vivido, não fôra uma indisposição gástrica lhe ter vindo cortar o fio da vida. Faleceu no dia 18 de julho de 1864, em sua residência, em Jardim do Seridó, com 91 anos de idade e 69 de sacerdócio, em plena lucidez de espírito, tendo lhe assistido os últimos momentos o padre Justino, que lhe administrou todos os sacramentos.

Evóco com emoção essa velha figura de padre do Seridó antigo, sentindo-me imensamente feliz em ressuscitá-la da poeira do esquecimento e do indiferentismo humano. Sobre o mesmo muito mais teria a informar, caso tivesse encontrado no competente cartório do Jardim do Seridó as mesmas facilidades de pesquisas que, no Seridó e fóra do Seridó, cavalheirescamente, compreensivamente, me foram dadas.

Padre Francisco Justíno Pereira de Brito

Um dos mais ilustres sacerdotes que o Seridó conheceu no século passado. Êsse padre merece uma biografía. Encontrei sua certidão de batismo, lavrada pelo padre Guerra, seu tio, nêstes termos: «Francisco, filho legitimo de Joaquim de Santa Anna Pereira, natural desta Freguezia do Siridó, e de Dona Maria Therêsa das Mercês, natural de Panema, Freguesía do Assú, nasceo á quinze d'Abril, de mil oito centos e desenove, e foi baptisado por mim nesta Matriz do Siridó, vespera do Espirito Santo vinte e nove de Maio do mesmo anno com os Santos oleos: forão Padrinhos o Capitão Simão Gomes de Britto por Procuração que appresentou Manoel José Fernandes, e Dona Therêsa Escholastica de Jesus, solteira, moradores nesta Freguesia: de que para constar fis este assento que assigno. O Vigro. Francisco de Brito Guerra». (Livro nº 2, fl. 26).

Dona Terêsa das Mercês, mãe do padre Justíno e irmã do padre Guerra, contraíu nupcias «com o viuvo, seu não parente, Joaquim de Sant'Ana Pereira», informa o prof. Manoel de Brito Guerra. Teve e criou dez filhos, dos quais

os mais ilustres foram: o padre Justíno, o padre José Modesto, e o professor Joaquim Apolinário Pereira de Brito, famoso mestre de Latim do Caicó, e que foi também aluno do Seminário de Olinda. Existe no Cartório de Caicó um documento de doação de patrimônio, no valor de quinhentos mil réis, passado pelo padre Guerra, em favor dêsse seu sobrinho, para ordenar-se sacerdote. Traz a data de 9 de março de 1836. O futuro professor de Latim, entretanto, desistiu de ser padre, e a doação foi revogada em 1840, em vista da desistência.

Informa ainda o prof. Manoel Basilio que Francisco, ainda jovem, juntamente com o irmão José, «matriculou-se na aula pública de Caicó, já então regida por seu irmão Joaquim Apolinário. Francisco Justíno era tão estudioso que aprendeu de cór todo o Magnum Lexicon, a tal ponto que mandava abrir ao acaso êsse dicionário e dizendo-lhe o número da página, êle recitava de cór o que nela estava escrito».

Ordenou-se sacerdote juntamente com seu irmão José Modesto, aos 13 de novembro de 1842 na capela do Palacio episcopal da Soledade, recebendo o presbiterato das mãos do 18º Bispo de Olinda, D. João da Purificação Marques Perdigão.

O eminente dr. José Augusto, bisneto do prof. Joaquim Apolinário, salvou do naufrágio a certidão de ordenação do padre Justíno, que hoje se guarda no arquívo paroquial de Jardim do Seridó. Vale a pena transcrevê-la aqui. Vertida em bom latim, foi expedida em 16 de novembro de 1842. Eis seu teor :

«Universis et singulis præsentes Litteras inspecturis notum facimus et testificamur, quod Nos, anno a Nativitate Domini Nostri Jesu Christi millesimo octogentesimo quadragesimo primo. die vero undecima Decembris, in Sacello Palatii Nostri a Solitudine Ordines conferentes, dilectum Nobis in Christo Filium.

FRANCISCUM JUSTINUM PERERIUM DE BRITO ex Paroeccia Sanctae Annæ in oppido vulgo do Seridó Provinciæ Rio Grandensis oriundum, a Joachino a Sancta Anna Pererio, et Maria Teresia a Mercedibus legitime procreatum, ad Primam Clericalem tonsuram quatuorque Minorum Ordinum gradus; die duodecima ad Subdiaconatum; die octodecima ad Diaconatum; die tandem tertiadecima Novembris hujus currentis anni examinatum, et approbatum in omnibus requisitis juxta Sacri Trid. Cons. formam et institutionem ad Sacrum Presbyteratus Ordinem, Spiritu Sancto Duce, rite promovimus.

In quorum fidem præsentes Litteras signo sigilloque Nostro munitas eidem dari jussimus.

Datum Olindæ, die decima sexta mensis Novembris anni millesimi octogentesimi quadragesimi secundi».

O padre Justíno exerceu seu sacerdócio por 29 anos no Seridó, tendo sido o primeiro vigário da paróquia de Jardim do Seridó, que êle regeu por quinze anos, e onde faleceu. Foi um dos excelentes auxiliares do padre Guerra, tendo ornado com sua bela letra inúmeros livros paroquiais. Em 1858, foi agraciado com o título de Visitador Geral e Delegado do Crisma da Provincia do Rio Grande do Norte, tendo assumido êsse cargo e prestado juramento na Vila do Acarí, aos 11 de abril daquêle ano, nas mãos do padre Tomaz Pereira de Araújo, em substituição ao Visitador Fernandes.

A nomeação do padre Justíno para o alto cargo de Visitador encheu de alegria a todos os seridoenses. Aqui vai o testemunho do padre Tomaz do Acarí :

«Certifico que o Rmo. Senhor Francisco Justino Pereira de Brito apresentou Provisão de Visitador desta Provincia, dada por S. Exa., e que em minhas mãos prestou o Juramento do estilo, com especial regosijo meu, e de todos; de que para constar fis este termo, em que ambos assignamos.

V. do Acary 11 de abril de 1858.

Francisco Justino Pereira de Brito Vizor.

O Vigro. Thomás Pereira de Araújo».

(Do arquivo paroquial de Acarí)

Em 20 de julho de 1871, fez seu testamento, cujo original, se encontra no Cartório de Jardim do Seridó. Declara que é filho de Joaquim de Santa Ana Pereira e de Dona Maria Terêsa das Mercês, já falecidos, e que se achavam sepultados na matriz do Caicó. Encontrei no livro 3º de Óbito, fls. 50 e 64 v. os termos de falecimento dos pais do padre Justíno. Dona Maria Terêsa faleceu na sua fazenda «Retiro», aos 23 de novembro de 1849, de apoplexía nervosa, com sessenta e três anos de idade, assistida pelo Padre Tomaz Pereira de Araújo. Seus restos foram depositados na matriz de Sant'Ana, «de grades acima» Seu esposo morreu aos 27 de fevereiro de 1854, paralítico, com 72 anos, assistido pelo padre Manoel José Fernandes. O termo de óbito de dona Maria Terêsa foi lançado pelo próprio padre Justíno.

Entre papéis velhos do padre Modesto, que se guardam na fazenda Saco, do município

do Acarí, encontrei esta preciosa carta, na qual o patriárca comunicava ao filho padre a morte de sua esposa. Creio que, no genero, é um dos raros documentos que a gente ainda pode arrancar dos fundos de muito baú sertanêjo. Beba-se através dessa carta, a profunda sensibilidade cristã de um varão seridoense da velha linha, em circunstâncias tais. Vale a pena transcrevê-la.

"Casa, 30 de novembro de 1849

Padre José,

Carissimo filho, com o coração partido te participo que no dia sexta feira, 23 do corrente, ao por do sol, deu o ultimo suspiro a minha fiel Consorte tua Mãe! Já morreu! Já se acabou! Aquela de quem infinitos beneficios recebemos! Já não existe mais..

Louvores ao Criador ! Deixou-me o consolo de expirar dando mostras de verdadeira Cristã ; recebendo todos os socorros da Igreja.

Deus a quisera favorecer com a Sua Divina Gloria.

Ora vê como estou hoje ? ! Orfão. Só me restam os queridos filhos a quem me acostarei ; neles confio, olharão sempre para mim. Nada mais tenho a dizer-te. Estimo estejas bem aceito dos povos, e que já vás percebendo alguma melhora de saude. Eu te abenção de coração e de te desejo o quanto deva. De teu Pai, com muito afeto, Joaquim de Sancta Anna Pereira".

Entre as várias doações que o padre Justíno deixou em seu testamento, sobressai a do sítio Pau Furado, no rio Seridó, que êle destaca em favor do futuro padre João Maria Cavalcanti de Brito.

Faleceu na Vila do Jardim do Seridó, no dia 8 de novembro de 1871, vítima de «insuficiência de valvolas», reza o termo de óbito. Tinha 52 anos de idade. Assistiu-lhe os últimos momentos o padre Isidoro Gomes de Souza, seu coadjutor. O padre José Modesto faleceria anos

mais tarde, no Acarí, no dia 31 de janeiro de 1888, com a idade de 70 anos. Era um ano mais velho que o padre Justíno.

Em setembro de 1956, nas comemorações do centenário da paróquia de Jardim do Seridó, fez-se uma solene e tocante romaría ao tumulo do saudoso vigário da Conceição do Azevêdo. A essa romaría incorporou-se o então bispo de Caicó. Nesta página, como aconteceu naquela ocasião, sinto-me feliz em ressuscitar uma das figuras mais queridas, mais cultas e mais virtuosas do Clero do Seridó antígo.

No centenário da morte do Visitador Manoel José Fernandes

No dia 10 de fevereiro de 1858, os sinos da matriz de Sant'Ana anunciavam a morte de um dos mais notáveis homens que o Seridó antígo conhecêra. Havia fechado os olhos para a luz dêste mundo, na manhã daquêle dia, fulminado de traiçoeira apoplexía, o Cônego Honorário da Capela Imperial, Visitador dos Sertões e Vigário Colado do Caicó, Manoel José Fernandes.

O relógio do tempo traz, nesta data, as ressonâncias do evento, reavivando a memória do padre mestre sertanejo.

Falecêra tão repentinamente que nem tempo houve para lhe serem administrados os socórros da religião, informa o padre Luís Marinho de Freitas, seu primo e coadjutor. Morria aos cinquênta e oito anos incompletos, numa idade em que os batalhadores de Deus preferem as rudezas dos bons combates às auras de um justo **otium cum dignitate.** (a).

---

a) — "Aos dez dias do mez de Fevereiro de mil oito centos e cinquenta, e oito foi sepultado nesta Matriz do Seridó na Capella-Mór o Cadaver do Conego Visitador Vigario

Nascêra nas éras de 1800, na fazenda Pedra Lisa, da antiga freguesía de São João Batista do Açú, hoje da paróquia de Augusto Sevéro, informa Barôncio Guerra. Em seu testamento, êle mesmo escreveu que era natural da freguesía do Açú e nela batizado. Em vão procurei essa certidão de batismo no arquívo dessa paróquia. Não existe mais livro nenhum, ali, daquêle tempo. Uma lástima.

O nome de seu pai não aparece uniforme nos documentos. Ora escreve-se André Fernandes Pimenta, ora José Fernandes Pimenta e André José Fernandes. Esta ultima versão deve ser a mais exata, porquanto se encontra no testamento do filho padre que, mais que ninguem, deveria saber corretamente o nome de seu progenitor.

Sua mãe, irmã do padre Guerra, nalguns documentos, chama-se Luisa de Brito Guerra. No testamento, vem Luisa Maria de Jesus. Era a filha mais velha do casal Manoel da Anunciação Lira e Ana Filgueira de Jesus.

Barôncio Guerra informa ainda que André se casára com Luisa já viuvo, e desta teve três filhos: Cosme e Damião, gêmeos, e Manoel. Damião morrêra ainda criança, tendo se criado

---

desta Freguezia, Manoel Jozé Fernandes, fallecido de apoplexia sem os Sacramentos, por não haver tempo, na idade de cinquenta e sette annos; foi amortalhado nas vestes sacerdotaes encomendado solemnemente pelo Reverendo Vigario Francisco Justino Pereira de Brito de minha licença, de que para constar fiz este assento que assigno. Coadjutor Luis Marinho de Freitas."

(*Do livro de Óbitos, de* 1857, *a* 1889, *fls.* 67)

Cosme e Manoel. O major Cosme, assim chamado por ter pertencido à Guarda Nacional, cidadão probo e honrado, habil carpinteiro, casou-se com uma filha de Felipe de Araújo, tendo residido no sítio Cavalcanti. Muito amigo do irmão padre, geriu-lhe os negocios civís. Faleceu repentinamente, no dia 3 de setembro de 1851, de sarampo recolhido, deixando numerosa descendência. E' o pai do padre Rafael Fernandes.

Quanto à dona Luisa, mãe do Visitador Fernandes, merece ela, nestas comemorações centenárias do seu filho, uma evocação especial. A tradição ainda perdura viva em torno de sua pessôa. Foi uma dessas heroínas, dessas esposas e mães sertanejas, mártires do dever. Tería morrido muito jovem, levando para a eternidade as amarguras de um matrimônio atormentado, que cristãmente suportára.

Os gêmeos Cosme e Damião, por exemplo, teriam nascido ao relento, numa viagem forçada e de última hora, imposta pelo marido, nos descampados entre Caicó e Campo Grande. Não seria êste, aliás, o único caso na família do padre Guerra. A tragédia da Sussuarana viría depois.

Perdendo os pais ainda muito jovem, veio o menino Manoel José Fernandes residir em Caicó, na companhia do tio padre e de sua avó materna, dona Ana Filgueira de Jesus, essa

grande dama sertaneja caicoense, merecedora de uma biografia. (b).

Matriculou-se aqui na famosa escola de Latim do padre Guerra, êsse facho de cultura que iluminou a terra seridoense nos albôres do século passado. A escola do padre Guerra, disse magistralmente o mestre Câmara Cascudo, foi o núcleo irradiante da sabedoría sertaneja em toda a região do Seridó. Parece ter ingressado no seminário de Olinda em 1820. Pelo menos, lá está num velho livro de matrícula assinalada sua presença, nêsse ano, e nos anos de 1821 e 1822. Os cursos eclesiásticos naquêles tempos eram por demais breves. Um documento existente em Caicó revela que seu tio materno, cap. José Carlos de Brito, em data de 8 de agôsto de 1820, lhe havia doado «uma morada de casas na matriz de Campo Grande para se ordenar sacerdote» — .

---

b) — Na verdade, Dona Ana Filgueira de Jesus, mãe do padre Guerra, é uma dessas mães do Seridó antigo que merece uma biografia. Pernambucana, natural da freguesia de Santo Antão, informa seu bisneto; o prof. Manoel de Brito Guerra, mãe de nove filhos, inclusive um póstumo, ficou viuva ainda muito jovem. Casara-se aos 17 anos de idade. Seu marido, negociante de boiadas, natural dos cariris cearenses, falecêra inesperadamente numa das viagens às feiras de baixo de Pernambuco, quando tinha ido levar o filho mais velho, Francisco, a matricular-se na famosa escola de Latim do Prof. Manoel Antônio, na povoação de Pasmado, perto de Igaraçú. Demos a palavra a Manoel Basilio de Brito Guerra: — "Dona Ana Filgueira esperava anciosa a chegada de seu esposo, quando teve a triste certeza de que este não viria mais. O golpe foi profundo; prostou-a semi-morta. Estava impossibilitada a educação de seu filho que, para estudar tão longe como estava da casa paterna, na distancia de mais de 90 leguas, precisava dos recursos de que tambem precisava sua mãe, agora viuva, onerada de nove filhos, cinco dos quais do sexo feminino, inclusive uma postuma. Não há,

Quanto ao ano de sua ordenação, apesar de Câmara Cascudo apontar o de 1823, pareceme pairar uma dúvida. O aludido livro de matrícula do seminário de Olinda não esclarece bem. Regista apenas que êle alí ainda se achava no ano de 1822 quando saiu no mês de dezembro, tendo pago de pensão, pelo ano todo, 63 mil e seisentos réis. A anotação diz assim mesmo: «Saiu em dezembro». No ano seguinte, não aparece mais, nem nos anos subsequêntes. Não se encontra nenhuma anotação sobre sua ordenação em Olinda. Não parece ter se ordenado antes de 1825, porquanto é nêsse ano que aparece pela primeira vez como padre nos livros paroquiais do Caicó, sepultando um escravo em Jardim de Piranhas, e servindo de padrinho de batismo de seu sobrinho Francisco, filho de seu irmão Cosme, o futuro padre Rafael Fernandes. São estas as referências mais antígas dos livros antígos da freguesía de Sant'Ana a respeito do padre Fernandes.

---

porem, coragem mais firme do que a que assenta na virtude. A viuva D. Ana de Jesus continuou a nutrir a respeito da educação de seu primogênito os mesmos sensentimentos que nutria o casal unido. Redobrou de esforços, resignou-se aos incomodos da pobreza, armou-se de rigída econômia em sua vida doméstica e social, dedicou-se heroicamente ao trabalho e procurou manter a estada de seu filho em Pasmado. Juntamente com as filhas, tecia o fio e remetia o pano ao filho, em Pasmado, que vendia alí, e com o apurado comprava papel, tinta, penas, e livros".

Mas, o gesto maior que consagraria u'a mãe, tudo dando e fazendo pela educação de um filho, creio se resumiria, se traduziria nêste que praticou a heroica senhora do Jatobá. Seu marido não a deixara onerada tão somente de filhos, mas, de muitas dividas.

Um dos seus credores, residente três leguas da fazenda e que, para ironía, se chamava Simão com Deus, logo que

Dos sacerdotes formados pelo padre Guerra, foi êste, sem duvida, o maior e o mais ilustre. Tornou-se o seu maior auxiliar, o coadjutor dedicado por vinte anos, o fidus Achates de todas as horas. Através das anotações paroquiais do tempo, pode-se acompanhar o roteiro do jovem padre ao lado do tio.

Assinava como coadjutor em 1829. Em 1831, como coadjutor pró-pároco. Vice-Vigário, em 1834. De 1831 em diante, assume praticamente o govêrno da vasta freguesía.

As atividades políticas e, sobretudo, o cargo de Visitador, levaram o padre Guerra a ausentar-se com frequência do Seridó.

Falecendo êste, em 1845, o padre Fernandes assumiu o govêrno da paróquia de Sant' Ana. Em abril dêsse ano, já assinava os documentos como vigário, se bem que sua posse se tenha dado, conforme anotação sua, em 24 de agôsto de 1845, ano famoso pela tremenda sêca que assolou todo o Nordéste.

---

soube do falecimento de Manoel de Anunciação Lira, foi sem demora ao Jatobá cobrar as oito patacas a Dona Ana. Demos a palavra ao ilustre bisneto biógrafo.

— "Simão com Deus morava a três leguas de distancia da residencia de meus bisavós, e logo que soube do falecimento do devedor, foi àquele sitio cobrar as oito patacas e minha bisavó pediu-lhe uma mora, porque no ocasião, não tinha com que efetuar o pagamento.

Poucos dias depois, voltou ele novamente à cobrança, que ainda não poude ser satisfeita, com o que o imprudente credor enfureceu-se e proferiu palavras ofensivas. Voltando mais logo, pela terceira vez, e tendo alegado minha bisavó a impossibidade de pagar-lhe, ele vociferou que ela não tinha dinheiro para pagar-lhe, mas tinha-o para gastar com o filho que era um vadio, um preguiçoso, um peralta, e que ele, Simão, ao voltar novamente ao Jatobá, à conta lhe seria paga com as têlhas da casa. Mi-

Em maio dêsse mesmo ano, era nomeado Visitador e Delegado do Crisma para o Rio Grande do Norte e Paraíba, e, em 1849, recebía o título de Cônego Henorário da Capela Imperial, alta distinção da época.

A freguesía de Sant'Ana foi, nos tempos do padre Guerra e do Visitador Fernandes, admiravelmente assistida por um sem número de sacerdotes.

Um conjunto de coadjutores e capelães, de padres avulsos, levavam a assistência e a palavra de Deus, os sacramentos pelos quadrantes da região, por fazendas, oratórios, capelas e igrejas. O prestígio do padre Guerra, aliádo à estima pessoal, atraía essa inestimavel graça. Serra Negra, Conceição do Azevêdo, o Estreito, Acarí e Currais Novos tinham capelães residentes.

O padre Fernandes foi um incansável lutador ao lado dêles. Muitíssimas vêzes, sob as

---

nha bisavó pegou então as argolas de ouro que estavam nas orelhas das filhas, e deu-as por pagamento ao estupido credor".

Creio que mais não se poderia dizer de mãe tão heróica e sofredora.

Êsse indivíduo Simão com Deus era, aliás, uma especie de algoz da familia do padre Guerra. Ao cantar êste sua primeira missa, na capela de Campo Grande, a 2 de fevereiro de 1802, de volta, na sacristia, ao tirar os paramentos, alguem lhe entregou a esportula de 320 réis. Simão estava presente e, ao ver o jovem padre receber a esportula, disse-lhe em tom áspero e insolente: — "Está muito rico! Dê-me uma esmola". O padre entregou-lhe a a pataca sem uma palavra.

D. Ana Filgueira de Jesus faleceu em Caicó, aos 4 de outubro de 1834, vítima de bexiga, com a idade de 75 anos, e dorme o derradeiro sono no chão sagrado da matriz de Sant'Ana. Sepultou-a o seu neto, padre Monoel José Fernandes.

condições as mais ingratas, segundo as anotações paroquiais, vêmo-lo percorrendo a cavalo a extensa freguesía em todas as direções. Pode-se dizer que enfermo nenhum ficava privado da assistência do padre. Os livros de óbitos estão cheios dêsses rasgos de heroísmo, dêsses heroísmos sacerdotais que, ôntem, como hoje, eram e continuam a ser ignorados e desprezados. Não importava o genero ou a distância, fôssem as terríveis bexígas ou as febres malígnas, tão comuns aquí naquelas épocas, sem esquecer o pavoroso cólera morbus que assolou a região, mais de uma vez, no século passado.

As averbações obtuárias revelam com insistência a presença do padre, sacramentando, sepultando, arriscando a vida. E quando êle não se apresenta, é porque não havia tempo para ser chamado, ou não o chamavam, ou não havia padre na ocasião. Nos termos de óbitos percebe-se sempre a preocupação de registar essas circunstâncias.

Apesar de ter sido eleito deputado provincial de 1835 a 1839, e presidente da Assembléia Legislatíva de 1840 a 1849, por influência do tio padre senador, parece, entretanto, não se ter deixado atrair muito pela política partidária, não tendo legado muitos traços, nêsse terreno. O ministério sacerdotal, isto sim, foi sua preocupação principal, a êle se entregando de corpo e alma. Naquêles tempos, é bem verdade, os problêmas sociáis e espirituáis nem de longe alcançavam a gravidade dos de nossos dias. A atuação sacerdotal não se extendía por isso mesmo, para muito além dos presbitérios.

Mesmo assim, por demais marcante foi a ação de presença do Visitador Fernandes, no Seridó e no Estado.

Sôb sua iniciativa e orientação, muitos melhoramentos foram introduzidos na matriz. Assumindo a freguesía, seis mêses após a morte do padre Guerra, empenhou os maiores esforços no sentido de levar adiante a construção da igreja do Rosário, entregando-a ao culto em 1853.

Foi um dos pioneiros do progresso material da cidade, construindo casas mais elegantes e fomentando a construção de outras.

Como Visitador, tinha direito a brasão de armas. Mandou abrir o seu na fachada de sua residência em Caicó, que, até pouco tempo, podia ser visto. (c). Empreendeu penosas e repetidas visitas às freguesias de sua circunscrição, deixando em todas os termos de visita de praxe. Lí alguns dêsses termos, entre os quais ressalto dois que deixou no livro competente da freguesía de Cuité.

Em outubro de 1851, tendo cinquênta e um anos de idade, resolveu fazer seu testamento bem redigido, firme, consciênte e digno de um padre. Abre-o assim:

---

c) — A residencia do Visitador Fernandes foi inteiramente modificada e envolvida nas construções do atual Ginásio Santa Teresinha, que ocupa o sitio. O brasão desapareceu. Mais um traço antigo que se apagou da Vila do Principe. Mas, não é neste Brasil, o programa da nova iconoclastia que vota ao desprezo e à destruição tudo quanto é Passado e Tradição?

«Primeiramente encomendo minha alma a Deus que a criou, e lhe peço pelos merecimentos de seu Unigenito Filho Jesus Christo Nosso Senhor, se digne de a salvar das penas eternas, valendo-me da Intercessão do mesmo Redemptor e de todos os santos e Bemaventurados da Côrte do Céo, e com especialidade do poderoso Patrocinio de Maria Santissima, Mãe dos pecadores, e do da minha Padroeira e Gloriosissima Senhora Santa Anna advogada de minha especial devoção; protestando eu morrer firme na Fé Catholica, em que tenho vivido como verdadeiro Cristão e Ministro de Jesus Chisto».

Entre as muitas recomendações, uma merece especial destaque. Mandava que, logo após sua morte, se déssem cartas de liberdade a seus cinco escravos.

Foi no Seridó um dos homens mais rícos de seu tempo. Confirma-o seu inventário. Prevendo, talvez, juizos menos exatos a respeito da aquisição de seus bens, inseriu no testamento êsse padacinho para exemplo de certos ricos: «Os bens que possúo foram todos licitamente adquiridos pelo exercício de minhas Ordens e por contratos civís legitimos e honestos».

Faleceu repentinamente na manhã do dia 10 de fevereiro de 1858, e não no dia 28, como escreveu Barôncio Guerra. Sepultou-se em a noite do mesmo dia, na capela-mór da matriz de Sant'Ana. Oficiou o sepultamento o seu primo e colega, o padre Francisco Justíno Pereira de Brito, vigário colado da Conceição do Azevêdo, chamado às pressas.

O padre Justíno deixou a êsse respeito uma certidão, que se encontra no original do processo do inventário, e cuja grafia queremos aqui respeitar :

«Certifico que na noite de 10 de Fevereiro do prezente anno, teve lugar nesta Matriz de S. Anna do Siridó o Enterro solene do fallecido Vgro. Visitador Manoel Jozé Fernandes, para o qual fui chamado e Assistí como officiante nelle: foi bem decente, e executado com as honras compativeis. Ao septimo dia do enterramento, houve Vizita solene da Sepultura, assistido por alguns Sacerdotes e por muitos Seculares; e no dia Trigezimo, fizerão-se nesta Matriz as Exequias solenes do Ille. finado com muita decencia com pompa religiosa com todas as demonstrações de homenagem devida à sua Pessôa assistindo hum concurso numeroso de sacerdotes os quais todos celebraram naquelle dia Missa por Alma do finado, assim como o havião feito os q. tinhão assistido ao Enterro, no dia seguinte depois deste, e inumero Povo.

Hontem, finalmente, teve lugar nesta Matriz o Officio Parochial pelo mesmo Rmo. finado, para o qual fui ainda convidado, e me achei com mais seis sacerdotes, inclusive o Rdo.. Parocho Encommendado da Freguezia, Francisco Raphael Fernandes, sobrinho e Testamenteiro do finado Rmo. Vizitador, que em dezempenho de sua Commissão foi solicito em promover todos estes suffragios, honras funebres, deferencias e homenagens aos restos mortaes de seu Tio, e Bemfeitor. Esta passo por me ser pedida em abono da verdade.

Vila do Principe, 30 de Julho de 1858.

O Vgro. Vizor. Francisco Justino Pereira de Britto».

E' êste o homem, o padre que o centenário de hoje evóca.

Ao ensêjo destas comemorações, sinto-me grandemente honrado em arrancar do silêncio de cem anos, e restituir à luz do presente a figura meio esquecida dêsse ilustre sacerdote seridoense. Laudemus viros gloriosos ! Estamos aqui para isso. Reavivemos a memória do Visitador Fernandes, pois é numa pedra angular do valor, como o seu, que se firma, se enriquece a história destes sertões, fazendo fulgir o nome e a dignidade da terra e de sua gente.

Um Visitador, irmão de Frei Miguelinho, em Caicó

O Mons. Eimar Monteiro, em seu livro «Caicó» informa ter sido D. Adáuto de Miranda Henriques o primeiro bispo que fez visita pastoral em Caicó.

Isso se deu em julho de 1903. O Côn. Francisco Lima, em recente obra sobre o primeiro e grande Bispo da Paraíba, omíte o fato.

Na verdade, até agora não se encontrou qualquer documento sobre um Bispo que tivesse visitado o Caicó, antes de D. Adáuto. Êle deve ter sido, realmente, o primeiro. Mas, nem sempre é um Bispo que faz visitas pastoráis. Legitimamente impedido, pode delegar um sacerdote. Na Diocese de Olinda, não podia acontecer coisa diferente. Nenhum de seus antígos prelados conheceu suas fronteiras, mesmo porque não era possível conhecê-las. Delegavam, então, os Visitadores, os famosos Delegados do

Crisma dos Sertões altos ou baixos do Norte. (a).

O Seridó recebeu muitos dêsses Visitadores, desde os fins do século dezoito, vindos de Olinda. Alguns recebiam faculdades extraordinárias, até de criar freguesías.

O mais antigo que encontrei, conhecendo o Seridó, foi o Visitador Bandeira, que não garanto tenha sido o primeiro. Sua Reverendissima aparece, em julho de 1792, e deixa sua complicada rubríca nos livros paroquíais da freguesía. Não deixou nenhum termo de visita. Anotou simplesmente sua presênça num livro da capela de «Serra Negra da Villa do Principe». Outros aqui estiveram posteriormente, e, como êle, deixaram apenas nos livros as linhas hieroglíficas de suas rubrícas.

Em 1809, porém, a freguesía de Sant'Ana recebeu um visitador que não se limitou tão somente a revisar livros. Veio, viu, ouviu e dispôs-se a anotar sua passagem, deixando-nos, dêsse modo, o primeiro Termo de Visita da Matriz de Sant'Ana. Êsse excelentissimo Visitador foi, para honra nossa, um irmão de Frei Miguelinho, o herói potiguar de 1817. Seu nome: Padre

---

a) — *Nem era possível aos Bispos de Olinda conhecer as fronteiras da Diocese sem fim, que se abriam desde os limites do Piauí até a Bahia. "...da dita provincia de Pernambuco, desde a Fortaleza do Ceará, pela região maritima e terra interior, até o rio São Francisco, que serve de limite entre a diocese de Olinda e a de S. Salvador da Bahia,"*

(Da bula de criação da Diocese de Olinda, de 16 de Novembro de 1676.

Inácio Pinto de Almeida e Castro, natalense da gema, como o eram os seus oito irmãos.

Aqui deixou são e salvo, até hoje, o Termo de sua Visita que o secretário Virgínio Rodrigues Campêlo lavrou com a lindeza de sua letra. Tem frontispício solene e convencedor: «Inacio Pinto d'Almeida e Castro, Presbytero Secular, Vigário confirmado na Paroquial Igreja de Santo Amaro de Jaboatão, por S. A. R. Visitador Geral e Delegado dos Crismas dos Certoens baixos do Norte, pelo Exmo e Revdmo Senhor Dom Frei José Maria de Araujo, de saudosa memoria, e confirmado pelo Ilmo. Revmo. Cabido».

A séde de Olinda estava vacante. Êsse Termo traz a data de 26 de setembro de 1809, ano sêco, segundo a crônica de Dantas Correia. Breve e sóbrio, não corresponde à rica enumeração das honorificências do cabeçalho. Não resisto, entretanto, à curiosidade de transcrever aquí o periodo inicial. Começa assim o ilustre Visitador:

«Visitando a Igreja de Santa Anna da freguesia do Seridó, lôvo primeiramente o modo com que o Reverendo Paroco condús o rebanho que lhe foi commitido pela Divina providencia, e animando-o à virtude, já com a palavra, já com o exemplo». Êsse pároco era o Padre Guerra.

Entre as poucas recomendações que averbou, u'a merece especial menção e que não seria admissivel nos dias atuáis. O excelentissimo Visitador proíbe terminantemente qualquer função religiosa noturna nas igrejas e capelas de toda a freguesía, exceção única e taxatíva para os últimos três dias da Semana Santa, Noite de Na-

tal, e no caso de levar-se Viático a algum enfermo. Fóra dêsses casos, não se abría igreja nenhuma à noite.

Foi êsse, pois, o padre Visitador que Caicó acolheu na primeira década do século passado. Irmão de Frei Miguelinho, tinha nome fulgente nas terras pernambucanas, cuja Provincia representaría, anos mais tarde, na Côrte portuguêsa, e, como deputado, nas legislaturas de 1826 a 1829.

Não veio ao Seridó sòzinho. Além do secretário, veio o irmão padre José Joaquim Pinto de Almeida e Castro. Eram quatro os irmãos sacerdotes.

A presença dêsse outro irmão do mártir do movimento de 1817 não colhi do livro em que se registou o Termo de Visita, mas de um livro velho de anotações de missas da Irmandade das Almas. Nêle o padre José deixou, de próprio punho, esta declaração:

Certifico que dice cinco Missas pelo pobre fallecido Nicolau Mendes, que por mim mandou dizer o Tezoureiro da Irmandade das Almas o snr. Coronel Antonio da Silva e Souza, com a esmola de doze vintens cada huma, e por estarem ditas e em pago, passo apresente. Villa do Principe, 27 de Setembro de 1809. O Padre Jozé Joaquim Pinto de Almeida e Castro».

Para os que amam a terra generosa e bôa, não deixa de ser muito amavel o ensejo de ressuscitar, na emocionalidade dêsses documentos, a presença e a voz dêsses dois padres que, há século e meio, aqui vieram, e calcaram as terras calcinádas do Seridó.

Tragédia e pena de morte em Caicó (1)

O dia 12 de março de 1834 foi de assinalada repercussão social em Caicó. Constituía assunto obrigatório na Vila do Principe o casamento de duas moças e de dois rapazes, filhos da melhor gente da terra, marcado para aquêle dia. O fato se revestiría da mais alta expressão social, tanto mais que os quatro nubentes eram sobrinhos do padre Guerra. Para maior realce, marcára-se a cerimônia para as primeiras horas da noite.

Às dezenove horas, a matriz de Sant'Ana abríu-se, iluminou-se e encheu-se de muita gente. Identifiquemos os noivos. Em primeiro lugar, as noivas, duas irmãs de nomes muito bonitos: Ana Catarina da Anunciação, (a) a mais nova, e Maria Clemência de Brito, a mais idosa, ambas filhas de José Carlos de Brito, irmão do padre Guerra, e de dona Ana Joaquina de Medeiros. Apresentemos os noivos: Francisco Galdino de Araújo, noivo de Ana, filho de Alexandre de Araújo Pereira e neto do patriárca Tomaz de Araújo Pereira, o terceiro, e de dona Joana Ma-

---

a) — Era mais conhecida por Ana Freire de Brito.

noela da Anunciação, irmã do padre Guerra. O noivo de Maria Clemência era Manoel Basílio Pereira, filho de Joaquim de Sant'Ana Pereira e Maria Terêsa das Mercês, igualmente irmã do padre senador. Como se vê, gente da melhor, ilustre e poderosa.

O ato, solenissimo, foi digno de uma côrte e marcou época no velho Caicó. Oficiou o próprio padre Guerra, tio dos quatro noivos, assistido por três outros sacerdotes, todos primos dos nubentes, os padres Manoel José Fernandes, Manoel Cassiano da Costa Pereira e seu irmão padre Joaquim Alvares da Costa Pereira, famoso mestre de latim. Êstes serviram de testemunhas dos dois casamentos. (b). O padre Manoel José

---

b) — Os padres Manoel Cassiano da Costa Pereira e Joaquim Alvares da Costa Pereira eram irmãos, e primos de Francisco Galdino. Filhos do Capitão-mór Bartolomeu da Costa Pereira, de Brejo de Areia, ordenaram-se no seminário de Olinda e, a convite do padre Guerra vieram para o Seridó, onde exerceram o ministério por muitos anos. O padre Cassiano, de ótima grafia, foi secretário do padre Guerra, em suas visitas pastorais. O padre Joaquim foi um dos mestres de Latim na celebre escola de Caicó, fundada pelo padre senador. Ainda existe nos arquivos da Prefeitura do Caicó um documento original, de próprio punho pelo qual pede demissão do cargo da cadeira de Latinidade. Êsse documento famoso, que tive em mãos algumas vezes, não só revela o temperamento e a cultura humanística do autor, como retrata social e politicamente o Caicó daquêles tempos. Está assim redigido:

"Ilmos. Snrs.
Os despotismos, arbitrariedades, e assassinios, que se tem praticado nesta Villa, e por conseguinte a falta de segurança individual, filha da impunidade, tem xegado à tal ponto, que, ameaçada a minha vida, vejo-me na rigorosa necessidade de deixar o magisterio, para não ser forçado a usar das vias de fato, que detesto e detestarei. Queiram VV. SS. aceitar desde já a minha demissão. Deus guarde a VV. SS. e familias como é mister. Villa do Principe, 10 de agosto de 1835. Pe. Joaquim Alvares da Costa Ex-Professor de Latinidade.

Aos Illmos. Snrs. Presidente e Vereadores da Camara Municipal do Principe".

Fernandes, então vice-vigário da freguesía que lavrou e registou no livro competente os termos respectívos, informa que os nubentes, tinham sido previamente dispensados dos impedimentos «de sanguinidade, de tempo quaresmal e das canonicas denunciaçõens». Pena é que tenha deixado de fazer menção das idades dos contraentes (c).

Eis em poucas palavras o que tería sido aquela longínqua noite no Caicó de 1834. Nem teriam faltado os supersticiosos com presságios e agouros. Duas irmãs se casam no mesmo dia e na mesma ocasião, na mesma igreja e na presença de um mesmo padre...

Oito anos rolaram e, nêsse periodo, nada parece ter acontecido que confirmasse os pressentimentos macábros.

---

c) — Termo de casamento de Ana Catarina da Anunciação:

"Aos doze dias do mez de Março de mil oito centos e trinta e quatro, pelas sete horas da noite, nesta Matriz do Seridó, tendo precedido dispensa de sanguinidade; do tempo quaresmal; e das canonicas denunciaçoens pello Reverendissimo Senhor Vizitador, e Vigario Collado desta Freguesia Francisco de Brito Guerra, o mesmo Reverendo Senhor uniu em Matrimonio, e deo as Bençãos Nupciais aos Contrahentes Francisco Galdino d'Araújo, e a Ana Catharina d'Anunciação depois de confessados comungados, e examinados da doutrina Cristãn, ambos noturais,- moradores nesta Freguesia; elle filho legitimo de Alexandre d'Araújo Pereira, e de Joaquina Manoela d'Anunciação; ella filha legitima de Jozé Carlos de Brito, e de Anna Joaquina de Medeiros. Forão Testemunhas os Reverendos Manoel Cassiano da Costa Pereira e Joaquim Alvares da Costa, moradores nesta freguesia; e para constar fis este Assento, que com as ditas Testemunhas assigno. Manoel Jozé Fernandes, Vice-Vgro. do Seridó".

Na mesma ocasião e local, o padre Guerra, precedidas as mesmas dispensas canônicas, uniu em matrimônio a Manoel Basilio Pereira e Maria Clemência de Brito, irmã de pai e mãe de Ana Catarina. Os termos coincidem. Não se faz qualquer menção sobre a idade dos nubentes. (Livro de Casamentos, nº 1, de 1821 - 1834).

Mas, um dia, nas horas matinais de 7 de maio de 1842, terrível notícia acorda a Vila do Principe. Ana Catarína, mulher de Francisco Galdino, figura central das pompas nupciáis de 12 de março de 1834, fora encontrada morta em sua casa, na fazenda Sussuarana, bem pertinho de Caicó. (d). Sôbre êsse fato escreveu-se já muita coisa e, creio, ninguem o fez tão fartamente como o nosso mestre Câmara Cascudo. (Vide os números de «A Republica», de 11 e 12 de dezembro de 1940).

Infelizmente, não encontrei por aquí as indispensáveis e detalhadas fontes informativas do acontecimento, senão versões diluídas na tradição oral.

O processo aquí instaurado e que correu de maio de 1842 a agôsto do ano seguinte, desapareceu do cartório local, e ninguem sabe do seu paradeiro.

Nossas buscas nos arquívos do Açú e de Augusto Severo resultaram inúteis. O pouco que

---

d) — *Fazenda Sussuarana, situada à margem do rio Seridó, a poucos quilometros a lèste do Caicó, e pertencente atualmente ao grande e ilustre amigo Daniel Diniz.*

Em julho de 1958, transferido da Diocese de Caicó e em vesperas de assumir a de Garanhuns, fui visitar as ruinas da casa de Ana Catarina, em companhia do referido amigo, da qual nada mais resta, senão vestigios ráros de pedaços de louça e de tijolos. Daniel Diniz, profundo conhecedor da história Caicoense e que alcançou, anos atrás, a casa da Susuarana de pé, reconstituiu-a para mim e chegou a apontar-me o local do quarto que ouviu os últimos gemidos da virtuosa e desditosa esposa do desalmado e infiel Francisco Galdino. Essa visita era a minha homenagem de respeito e de evocação.

sobre o fato conseguimos é fruto de pesquisa no arquívo paroquial e no 3º Cartório Judiciário, privatívo do Crime, de Caicó.

A notícia da morte de Ana Catarína abalou profundamente a Vila do Principe, e mais abalada ficou toda a gente, quando se soube que Ana tinha sido envenenada e estrangulada a mandado do marido. Na Sussuarana organizára-se um sindicato da morte, e o chefe era o próprio dono da casa. Um velho livro de Ról de Culpados, ainda existente no Cartório competente, registou e perpetuou os nomes dos associados no crime, em número de sete. Francisco Galdino de Araújo, homem branco, puxa o cortêjo. Seguem-no seus escravos, o crioulo Camílo, a mulata Cordulina e José Francisco acaboclado. Nêsse bando, rumo à cadeia, vem uma dona, ao que se diz, altamente comprometida no caso, de nome o mais bonito dêste mundo. Era uma doçura sua graça. Chamava-se Benvinda por Deus ao Mundo, com todas as letras. A despeito de nome tão lindo, fôra a mão dessa párca que, de modo o mais inglório, tería decidido o destino da inocente vítima. (e).

Florência Maria da Conceição e Senhorinha Pereira de Sant'Ana, sócias de Benvinda, fechavam a retarguarda, completando a turma sinístra. As anotações cartoriais os qualificam a todos de criminosos na morte de Ana Catarí-

---

e) — A tradição oral indica ainda hoje o movel do crime. Galdino tentára já, várias vezes, matar a esposa, a fim de poder contrair novas núpcias com certa criatura por quem se apaixonára. A escrava Benvinda teria sido o elemento de ligação mais ativo da trama.

na e esclarecem que todos êles, excetuado o chefe, eram solteiros.

Um processo rigoroso caiu em cima dessa gente, a 19 de maio de 1842, informa Câmara Cascudo, prolongou-se sensacional e agitado por mais de um ano, para culminar com a prolação de sentença condenatória à pena última, em agôsto do ano seguinte. Dos réus, três foram absolvidos, e os outros quatro condenados, à frente o esposo uxoricida.

Teria êle curtido o resto da vida entre as grades da cadeia, não fôra o prestígio e o dinheiro. Transferido para o Açú, dalí se evadiu. A anotação no livro de Ról de Culpados declara apenas que «O réo Francisco Galdino de Aro. foi despronunciado em razão de prescripção em 1861». Por mais incrível que pareça, foram absolvidas em juizo Benvinda, Florência e Senhorinha. Camilo e Cordulina amargaram a pena de morte. O jugo feroz da lei de 10 de junho de 1835 não alisava escravo nenhum, criminoso de morte nas pessôas dos senhores, e caíu fulminante nos dois membros do sindicato. Foram executados em Caicó, na manhã de 30 de agôsto de 1843.

Quanto ao criminoso José Francisco, escreveu-se que tendo recebido a incumbência de enforcar os sócios Camílo e Cordulina, negou-se a fazê-lo na hora H. Não quis ser o algoz de seus cúmplices. Teria tentado fugir, na ocasião e, por isso mesmo, abatido a tiros pela escolta. Seja como fôr, os poucos documentos existentes no Caicó não desmentem nem confirmam o fato. No livro paroquial de óbitos da época, encontram-

se apenas os termos de óbito de Ana Catarina, de Camílo e Cordulina, de teor solene e não comum. Num termo único vem registada a execução de dois escravos, mas não há qualquer referência a José Francisco. (f). A informação do Ról dos Culpados do Cartório privativo do Crime coincíde com a do livro paroquial. Não se encontra alusão alguma ao acaboclado José Francisco. A autoridade averbou no livro simplesmente isto: «Forão executados nesta Villa Camillo e Cordulina. O reo Francisco Galdino de Aro. foi despronunciado em razão da prescripção em 1861». Não se esclarece, igualmente, o meio da execução, se foram enforcados, ou arcabuzados. Tanto a autoridade civil, como a religiosa usam a expressão singela: foram executados, e nada mais.

f) — Termo de óbito dos matadores de Ana Catarina. — "Aos trinta dias do mez de agosto de mil oito centos e quarenta e trez forão sepultados no Corpo desta Matriz os cadaveres de Camilo criôlo, e Cordulina mulata, escravos que erão de Francisco Galdino de Araújo, ambos solteiros, mortos pela justiça em execução da Sentença proferida pelo Tribunal do Jury desta Villa, confirmada, e mandada executar pelo governo da provincia; sendo previamente confessados, e assistidos com os socorros da religião, tendo de idade cada hum vinte e trez annos incompletos; forão involtos em habito branco; de que para constar mandei fazer este assento, que assigno. O Vice-Vigro. Manoel Jozé Fernandes".

Presença do padre Guerra, em Caicó, no dia do crime.

Estaria em Caicó o padre Guerra, naquele dia 7 de maio de 1842 ?

Alguns pensavam, e não sem razão, que se achasse na Côrte, na ocasião, aonde o chamava o munus senatorial. O certo, porém, é que o grande vigário aqui se encontrava, tendo acompanhado todo o drama. O termo de óbito tira as dúvidas. (g).

Impressão tremenda teria causado na alma e na memória das populações sertanêjas essa execução de pena capital, aliás a única de que se tem lembrança, por aqui.

Escreveu-se que, por espaço de quarenta anos depois, não se registou um só crime de homicidio no municipio do Principe. Essa tradição não é exata. Dois anos mais tarde, ocorreu um, não muito longe de Caicó. Foi na terrivel sêca de 1845. No livro de óbitos dêsse ano, o padre Manoel José Fernandes regista a morte de um comboieiro, vindo do Açú, assaltado e morto a ma-

---

g) — Termo de obito de Ana Catarina da Anuncioção. — "Aos sette dias do mez de Maio de mil oito centos e quarenta e dous foi sepultado nesta Matriz do Seridó, á sima das grades, o cadaver de Ana Catharina da Anunciação mulher de Francisco Galdino de Araújo, moradora que era nesta Freguesia, foi envenenada, e depois com hua toalha apertarão-lhe as guellas, e assim sufocada deu o ultimo bocejo, como confessarão os assassinos em Juiso: tinha de idade dezoito annos; foi em volto em habito preto, e encomendado solemnemente pelo Reverendissimo, e Visitador proprietario da Freguesia; do que para constar fis este Assento que assigno. Manoel Jozé Fernandes, Vice-Vigario do Seridó".

chadadas por desconhecidos, entre Jucurutu e Caicó.

E, finalmente, em que sítio teriam sido sepultados os cadaveres dos sentenciados? A tradição aponta dois locais: a igreja do Rosário e o cemitério velho.

O padre Manoel José Fernandes, que viu e ouviu tudo, que lavrou de próprio punho o termo de óbito dos matadores de sua prima, tira todas as dúvidas. Informa que Camílo e Cordulina dormem o último sono no chão sagrado da matriz de Sant'Ana.

OUTRAS NOTAS

(*) — *"Francisco Galdino de Araújo, branco, viuvo, e seus Escravos Camilo criolo e Cordulina mulata, e José Francisco acaboclado, Benvinda por Deus ao Mundo, Florencia Maria da Conceição e Senhorinha Pereira de Santa Anna, criminosos na morte feita em Anna Catharina d'Anunciação, pelo Processo feito nesta Villa em 19 de Maio de 1842, sendo todos os mais a excepção do primeiro solteiros" (Livro de Ról de Culpados, nº 3, de 1824 a 1845, fol. 15, do 3º Cartório Judiciário, privativo do Crime) Ao lado da declaração supra, escreveu-se esta averbação — "Presos na Cadeia desta Villa. Forão executados nesta Villa Camillo e Cordulina. O réu Francisco Galdino de Aro. foi despronunciado em razão de prescrição em 1861". E José Francisco ?*

(**) — *Francisco Galdino de Araújo, que era capitão da Guarda Nacional, foi preso e recolhido à sala livre da cadeia do Açú, donde uns trez "grandes" do lugar lhe proporcionaram fugir; foi homisiar-se no centro de Pernambuco, onde casou e morreu na miseria". (Manoel Basilio de Brito Guerra, filho de Maria Clemência de Brito, sobrinho de Ana Catarina no opusculo "Biografia do Padre Guerra", trabalho manuscrito, ainda inédito, pag. 57).*

(***) — *"Manoel Basílio Pereira, que casou aos 19 anos de idade com sua prima D. Maria Clemência de Brito, de 13 annos de idade..." (Manoel Basilio de Brito Guerra, opus. cit. pag. 60).*

(****) — *E' surpreendente a idade de Ana Catarina, ao falecer. O padre Manoel José Fernandes lhe dá dezoito anos, apenas. Quem em 1842, morre com dezoito anos, deve ter nascido em 1824. Casando-se em 1834, Ana teria nêsse ano, apenas 10 anos de idade.*

Manoel Basilio, no opusculo citado, coloca Ana no terceiro lugar entre os filhos do casal José Carlos de Brito e d. Ana Joaquina de Medeiros. Maria Clemência ocupa o primeiro lugar. Ora, se Clemência foi o primogenito da familia e casou-se com 13 anos, impõe-se admitir que Ana, sendo o terceiro filho na ordem de nascimento, casou-se realmente entre os dez ou onze anos. O documento paroquial menciona dispensa de consanguinidade, de tempo quaresmal e de proclamas, mas é omisso na de idade.

Tragédia e pena de morte em Caicó (II)

A respeito do trucidamento de Ana Catarína da Anunciação, objéto de suas crônicas nossas, recebemos a seguinte carta de Dona Teodora Vale Lopes, bisneta de Ana;

«Exmo. E Rvmo. Snr. Bispo Dom Adelino Dantas:

Lí, com toda a atenção, os oportunos artigos por V. Excia. publicados no semanário «A Fôlha», relatívos ao trágico desaparecimento de minha bisavó, Ana Freire de Brito, na noite de 6 para 7 de maio de 1842, em sua propriedade «Sussuarana», dêste Município. A tradição popular, vinda de meus antepassados, relata que, no dia seguinte ao trucidamento de Ana Freire, a notícia ecoou na vila, dando como causa da morte «estupor». Três dias depois, Maria Idalina, pessoa amiga de Ana Freire, recordava as tentativas de Francisco Galdino, para eliminar a espôsa, empregando «verde francês», ficando, dêsde logo, levantada a hipótese de crime. Exumado o cadaver, concluíram os perítos que se tratava efetivamente de assassinio por enforcamento.

Presos os escravos Camilo e sua amásia Cordulina, tudo foi esclarecido. Francisco Galdino foi prêso e recolhido à cadeia e, depois, transferido para o Açú, tendo conseguido dalí evadir-se para o Piauí, donde nunca mais voltou.

O processo instaurado pelo delegádo do Príncipe foi remetido à comarca do Açú, da qual dependía a Vila do Princípe, sendo os réus condenados à pena de morte, cuja execução se verificou na manhã de 30 de agôsto de 1843, ao largo do antígo cemitério.

Diz ainda a tradição que foi organizado um grande cortêjo, da matriz àquele local, estacionando o povo curioso, por ordem do delegádo, ao lado direito de um chiqueiro de bodes, existente nas proximidades da casa do velho Mauricio de Deus Silva, mais ou menos no local onde se encontra edificado o atual prédio dos Correios e Telegrafos.

Em anexo, remeto dois versos dos vinte escritos em 1842, pelo menino estudante Rafael Arcânjo Maria de Medeiros, mais tarde Rafael Arcânjo da Fonseca, professor de francês e latim, e grande orador popular, através dos quais o poeta imagina a desventurada vitima gemer na lamentação de um monólogo :

— Seja o meu primeiro soluço de agonia dedicado
Ao grande arauto da Fé e da Verdade,
Ilustrissimo reverendo tio Padre
Francisco de Brito Guerra :
Que olhe com ternura para meus filhos,
Que ficam sem os carinhos de mãe na terra.

Aos vinte e oito anos, da terra me despeço,
Sentindo a dor atroz da separação.
Aos pais queridos deixo o adeus da esperança
No encontro da vida sublime do Além,
Quando Jesus com doçura a todos vem julgar,
No dia final, para sempre e sem fim. Amém.

As informações sobre o caso em apreço me foram fornecidas pelo snr. Clementino Camboim, em notas espársas ,encontradas pelo mesmo no velho arquívo da Prefeitura, e noutras informações transmitidas por ascendentes meus. Atenciosas saudações.

(a) Teodora Vale Lopes».

Cartas, como esta que nos escreveu Dona Dôrinha Vale, desejaríamos receber muitas. Sobre a mesma, entretanto, faremos as seguintes observações :

Ana Freire de Brito era apelidio de familia. Nos documentos compulsados em Caicó, aparece o primitivo nome: Ana Catarina da Anunciação e não Ana Freire de Brito.

A exumação aqui aludida, com o fim de esclarecer a natureza da morte de Ana, é agua que corre da fonte da tradição.

Quanto à união ilicita de Camilo com Cordulina, tanto as declarações de termo de óbito de ambos, como as do livro de Ról de culpados, silenciam de todo. Diz-se apenas que eram solteiros. Mas, não é para admirar. Os que se associaram na maldade do crime, tinham já se associado no crime da carne.

O lugar de refúgio de Francisco Galdino aqui apontado, não coincide com o da informação do professor Manoel Basilio de Brito Guerra. Êste indica Pernambuco e não o Piauí.

E por fim, a questão da idade de Ana. A informação do poeta menino colide com a do padre Manoel José Fernandes. Pelo que se disse em nota anterior, prefiro ficar com o ilustre Vice-Pároco do Seridó. Não creio que tenha cochilado, na ocasião. Aliás essa duvida em nada compromete ou desmerece o vulto e a memória da jovem e heroica mãe caicoense.

Frei Canéca em Caicó

Em julho de 1824, rebentou no Recife um movimento político-militar de larga envergadura, alastrando-se por seis Provincias nordestinas, de Alagôas ao Piauí.

Êsse movimento, que ficaria na história pátria com o nome de Confederação do Equador, não conseguiu as proporções prevístas, não tendo custado muito ao govêrno imperial sufocá-lo e pacificar a zona conflagrada. Prisões, processos, penas de morte e execuções, amainada a tempestade, constituiram o saldo costumeiro.

Dentre os chefes da Confederação do Equador, um surgíu como figura exponencial, no ardor, na combatividade, na eloquência e na bravura, que foi o frade carmelita Joaquim do Amor Divino Canéca.

A causa do Recife não conseguiu sustentar-se. Em meados de setembro daquêle ano, a cidade caíu em mãos das forças imperiais, e os chefes rebeldes debandaram vencídos.

Frei Canéca, porém, não se deixou abater. A despeito da capitulação de Pernambuco, o ideal confederado flamejava no Ceará. Frei Ca-

néca reagrupa seus elementos e marcha para o norte. Como um bravo, vára os taboleiros pernambucanos, atínge o planalto da Borborêma e mergulha nos sertões da Paraíba e do Rio Grande, chegando ao Seridó. O seu «diário» não é documento inédito. Vale, entretanto, comentá-lo, e destacar o itinerário do belicoso carmelita por êstes sertões caicoenses.

Quatro batalhões, como os chamava frei Canéca, constituíam a tropa confederada, armados e municiados, conduzindo até peças de artilharía, puxadas por juntas de bois. No dia 22 de outubro de 1824, da muralha da Borborêma, os legionários de frei Canéca avistam as planícies do Seridó e se encantam com a lindeza do horizonte. O próprio chefe não se contém e escreve: — «A descída da serra da Borborêma, ainda nesta estação, é lindissima. Apresenta golpes de vista dos mais pitorescos, capazes de encantar os olhos dos viajantes».

Mas, o que nos importa aqui é, sobretudo, acompanhar, passo a passo, o roteiro do heróico frade pelas terras seridoenses, porque, em condições tais, foi êle o único que, no passado, por aqui transitando, deixou referências sobre a zona. Os milicianos confederados, depois de escaramuças com as vanguardas legalístas nas fronteiras da Paraíba com o Rio Grande, nos sítios de Malacacheta e Pedra Lavrada, atingem o Seridó pelo «boqueirão da serrota», o atual boqueirão de Parêlhas, a histórica verêda, quase duas vezes secular, pela qual se derramaram, outrora, os sertanístas de Domingos Jorge Velho, porta obrigatória de tangedores de gados e

de camboeiros, aberta para a Paraíba e as praças de Pernambuco.

Eram fins de 1824. A cidade de Parêlhas só surgiría daí a trinta anos, na tormenta do cólera morbus.

Calcando as brancas areias do rio Seridó, os homens de frei Canéca acamparam, à tardinha do dia 22, na fazenda das Almas.

Não conseguí a razão do topônimo, mas ainda hoje, resistindo ao tempo, lâ se acha o sítio das Almas, perto da cidade, rio abaixo, guardando o poço lendário, famoso pelas assombrações. Foi alí que frei Canéca pernoitou, à primeira vez, sob os céus limpos do Seridó. Amanheceu o dia 23. Anotou no seu «diário»: — Saindo muito cedo, no dia 23, viajamos à povoação da Conceição, (a) três leguas e meia de distância». Ali, sua gente passou dois dias, matando a fadiga e matando a fome. O que era a Conceição do Azevêdo daquêle tempo, dí-lo o religioso expedicionário. «E' uma povoação com uma igreja nova ainda por acabar». E acrescenta este padacinho precioso; — «Aí achamos farinha, milho e aguardente, queijos etc.» Bôas perspectivas para quem vem com fome. E a a quantidade não devia ser pequena. Aquele etcetera esconde muita coisa, possivelmente rapa-

a) — Fazenda da Conceição, povoação da Conceição, Conceição do Azevêdo, nomes de batismo da atual cidade do Jardim do Seridó. Sua origem e história estão intimamente ligadas à familia Azevêdo Maia, que nas últimas décadas do século 18º adquiriu a fazenda e fundou depois a povoação. Foi ali e na fazenda Carnaúba que se firmou o reduto da familia Azevêdo, depois Azevêdo Dantas. O topônimo sonóro e evocador jamáis deveria ter desaparecido. Não pensaram assim, entretanto, os legisladores de 1874, que lhe impuseram a denominação de Jardim do Seridó.

dura e carne de sol. Êsse depoimento consagra, na verdade, o já alto espírito de trabalho e de organização econômica do homem seridoense daquêles tempos.

A igreja de que fala é a atual matriz de Nossa Senhora da Conceição, construída pelo patriárca Antônio de Azevêdo Maia, que a dotára de suficiente patrimônio. Faleceu em 1822. Frei Canéca conheceu, na ocasião, a viúva do fundador da povoação, dona Maria José de Sant' Ana, «senhora do patrimonio admiravel» diz êle. (b).

Ao anoitecer do dia seguinte, os expedicionários deixam a Conceição, e vêm acampar nos areáis do rio Seridó, no sítio de S. João, e alí dormem. No dia 25, depois de vencerem cinco léguas ao longo do rio, chegam ás fraudas da formosa serra de Samanaú, além da fazenda Cupauá, às portas de Caicó. Dalí expedem emissários à Vila do Princípe, sôb o pretexto de libertar prisioneiros, mas, o intúito era outro. A vila mantinha-se calma, e era isso o que lhes interessava. O capitão Manoel de Medeiros Rocha e o padre Guerra, chefes absolutos, não demonstraram intúitos belicosos e receberam bem as falanges confederadas. E foi assim que, na manhã de 26 de outubro de 1824, os soldados de Frei Canéca, deixando os campos

---

b) — O patriárca Antônio de Azevêdo Maia (o segundo) casou-se duas vezes. A primeira vez com uma filha de Caetano Dantas, dos Picos, Micaela Dantas Pereira, da qual teve, ao que reza seu inventário, 13 filhos. Tendo falecido Micaela, a 12 de junho de 1799, o cap. Antônio de Azevêdo Maia contraiu novas núpcias com d. Maria José de Santana, que frei Canéca conheceu, naquêle dia 23 de outubro de 1824.

de Samanaú, descem pelo leito do rio e, ao meio dia, Caicó pela primeira vez, em sua história, tem um exercito ante portas.

Não houve incidentes. A população portou-se bem e confraternizou com os expedicionários. Faz hoje cento e trinta e três anos que isto aconteceu aqui.

Deixemos que fale o chefe e secretario da expedição. «Chegamos à Villa do Caicó ao meio dia. Aqui, depois de fazermos oração e postarem-se as tropas, deram-se vivas à Religião, à grande Nação brasileira, ao imperador constitucional liberal e ao povo liberal da Villa do Caicó. E deu-se uma salva de artilhária de sette tiros».

Mas, o mais interessante de tudo isso é, sem dúvida, um depoimento que frei Canéca deixou sobre Caicó daquêles tempos, o único de que se tem notícia. Faz gosto evocar aqui o retrato de quase século e meio da Vila do Pincípe. Eis Caicó de 1824: «A Villa tem uma igreja não pequena, nova e bem paramentada. A casa do Vigario é de sobrado e bôa. Todas as casas são novas, de pedra e cal e fazendo um circulo, com diamentro de trezentos passos em uma chã. Por detraz das casas o terreno é plano, mas pedregoso. Tem o rio treis grandes poços de bôa agua que nenhum verão por mais forte, é capaz de secar».

Esta a impressão que frei Canéca colheu da pequena vila. Bôa matriz, nova e bem paramentada. Casa paroquial imponente, sobradada, onde teria se hospedado o carmelita rebelado. Casas novas, bem construidas, água abundan-

te nos poços perenes. Fartura de alimentos, apesar da quase inexistência do comercio, informa êle. (c).

A milícia confederada demorou em Caicó uma semana. Impunha-se descansar a tropa e consertar as peças. O comportamento da soldadêsca exigiu tambem consertos nos dias da folga reparadora. Os homens de um dos batalhões não se portaram bem, inspirados no exemplo de seu próprio comandante, Manoel Joaquim Paraíba, que foi prêso e destituido do posto.

Sôb o belo luar de 2 de novembro de 1824, levantam acampamento e retomam a marcha, rumo ao Ceará. À brisa amena da noite, Frei Canéca e seus legionários deixam a Vila do Princípe, seguem pelo leito do rio e fazem alto no Pascoal, onde pernoitam. (d). No dia 3, atingem o Olho d'Agua do Ferreiro, onde estranham a salinidade das aguas. Atravessam os campos e os juremáis, chegam ao sítio Caiçára a daí atingem o Pirânhas, em cujos poços matam a sêde e o calor. O fim da epopéia não se passa mais em terras do Seridó.

---

c) — *Ainda existe o famoso sobrado do padre Guerra, nas vizinhanças da catedral de Sant'Ana, guardando as caracteristicas dos velhos sobrados sertanejos. Sobre o vetusto casarão depõe o ilustre amigo Daniel Diniz, a pedido do autor :*

— "Não posso afirmar, com precisão, o início e término da construção do referido sobrado. Verifiquei, entretanto, em minhas notas, que o aludido sacerdote, depois de aprovado em concurso, foi nomeado Vigário Colado da Freguesia de Sant'Ana do Seridó, em 1810 e, depois de colado, iniciou sem tardânça a construção do aludido sobrado que, no segundo semestre de 1811, era já a residência do saudoso Padre Visitador e Senador Francisco de Brito Guerra".

d) — *Pascoal, atual cidade de São Fernando. Ignoro a razão do topônimo.*

No roteiro das sêcas

Tudo quanto aquí se expõe sobre sêcas, colheu-se das obras de Euclides da Cunha, de Mons. Severiano de Figueiredo, do desembargador Felípe Guerra e do ilustre agrônomo Guimarães Duque. Nosso trabalho consistiu únicamente em colher dados e ordená-los.

A lísta das sêcas que conseguimos compor, refere-se somente às que foram registadas, ou noticiadas, lista que, de certo, não se impínge completa nem definitiva. Na verdade, muitas sêcas houve ou deve ter havido que jamais lograram registo algum.

Nesta modesta resenha, partindo do ano de 1559, até 1942, enquadra-se um período de quase quatro séculos, ao longo dos quais os crônistas anotâram sessenta e sete flagelos. Discordamos dos que pensam que não havia sêcas nos antigos tempos, ou não as havia com a mesma frequência de nossos dias. No Nordeste, elas são tão antígas, quanto históricamente é antigo o Brasil. A única diferença resíde no fato auspicioso de que, em nossos dias, o nordestino dispõe de meios mais adequados de enfrentá-las e superá-las.

A série imensa dessa tormenta climatérica que, aqui e noutras partes do mundo, se repete numa cadência quase matematica, traz já suas notícias do século do Descobrimento. O ilustre jesuita padre Serafim Leite, na sua «História da Campanhía de Jesus», faz alusão a sêcas havidas na Bahia e em Pernambuco, nas éras de 1559, 1564, 1590 e 1592. E' de supor-se, entretanto, não terem sido essas as únicas a batizar o áureo século de nosso nascimento.

No século dezessete, dada a precariedade de fontes informatívas, foram assinaladas apenas outras quatro. Foram sêcos os anos de 1600, 1614, 1691 e 1692. No século dezoito, a lista cresce assustadoramente. Os meios de informação alinham vinte e uma :

1710, 1711, 1723, 1724, 1725, 1726
1727, 1736, 1737, 1744, 1745, 1746,
1766, 1777, 1778, 1782, 1784, 1790,
1791, 1792, e 1793.

Foi nêsse século que se verificou a mais longa e mais calamitosa de todas as sêcas do Nordeste, abrangendo cinco anos consecutívos, de 1723 a 1727, inclusive.

No século passado, o fenômeno progrediu. Anotaram-se vinte e seis sêcas. Essa maldição caiu sobre os anos de :

1808, 1809, 1814, 1816, 1817, 1824,
1825, 1826, 1833, 1835, 1837, 1844,
1845, 1846, 1860, 1868, 1869, 1877,
1878, 1879, 1885, 1888, 1889, 1891,
1892 e 1898.

No século atual, a lista ainda vai relativamente baixa, tendo se registado, até 1942, doze anos sêcos apenas, e que foram os seguintes :

1900, 1902, 1903, 1904, 1907, 1908,
1915, 1919, 1930, 1931, 1932 e 1942.

Ao todo, num periodo, de 383 anos, sessenta e sete sêcas.

Todos sabem da cisma que o sertanejo tem aos anos terminados em oito.

Estivemos fazendo observações nêsse sentido, em torno dos anos acima enumerados, e verificou-se que, dos sessenta e sete anos sêcos,

7	foram	anos	terminados	em	0 (zero)
5	»	»	»	»	1
8	»	»	»	»	2
4	»	»	»	»	3
9	»	»	»	»	4
7	»	»	»	»	5
7	»	»	»	»	6
7	»	»	»	»	7
7	»	»	»	»	8
6	»	»	»	»	9

Vê-se que os irmãos sertanejos não têm tanta razão de se assombrarem com as éras findas em 8. Se os invernos dependessem de números, os números fatais deveriam ser 2 e 4. Mas o inverno copiosissimo de 1924 viria desmentir a regra.

Quanto ao fenômeno de duração das sêcas, verifica-se que, das sessenta e sete, uma houve a mais longa de todas, que se prolongou

por um lustro. Felizmente o fenômeno ficou até hoje sem segunda edição. Aconteceu isto a mais de duzentos anos, de 1723 a 1727, quando o Seridó começava a povoar-se. Sessenta anos mais tarde, a calamidade quase se repetia ao pé da letra. De 1790 a 1793, os céus sertanejos não mudaram a cinza.

Quanto a sêcas de três anos, as crônicas registam sete. Êsse castigo veio nos anos de :

1690 a 1692.	1877 a 1879.
1735 a 1737.	1902 a 1904.
1744 a 1746.	1930 a 1932.
1824 a 1826.	

De dois anos houve onze sêcas :

1710 - 1711.	1868 - 1869.
1736 - 1737.	1888 - 1889.
1744 - 1745.	1891 - 1892.
1777 - 1778.	1907 - 1908.
1808 - 1809.	
1825 - 1826.	
1844 - 1845.	

As de um ano não foram as mais numerosas. Vêm bem de longe e são em número de dezesseis. Ei-las :

1559, 1564, 1592, 1614, 1766, 1814,
1817, 1833, 1838, 1860, 1885, 1898,
1909, 1915, 1919, 1942,

Quase todas essas sêcas, principalmente as mais longas e as mais terríveis, deixaram histórias que a versão popular guardou. O padre Lino Machado, do clero pernambucano, referindo-se à sêca de 1692, ressálta a fígura épica do

3º bispo de Olinda, D. Matias de Figueiredo, que mandava buscar farinha nos sertões do São Francisco, distribuía-a aos flagelados, chegando ao ponto de vender a mobília de sua residência e alimentar-se de côco, semanas inteiras.

A desastrosa tríplice sêca de 1744 - 1746 deixou profundas marcas na memória dos sertanejos. O seridoense Manoel Antônio Dantas Correia, um dos mais completos crônistas da terra, faz menção da fome e da morte, dizimando gente e animais. Um manuscrito seu, que o dr. Oto de Brito Guerra guarda carinhosamente, datado de 1847, é rico de informações. E' impressionante o relato das misérias que o velho acariense recolheu. Crianças que andavam, voltaram a arrastar-se. Os moradores do rio Piranhas foram obrigados a desmanchar as rêdes de dormir para fazê-las rêdes de pescar, pescar peixe magro que só tinha espinhas e escâmas, e devorá-lo sem outra mistura que agua e sal.

Apocalipticas são as memórias das sêcas de 1790 a 1793. Não pingou nos sertões, naquêles anos. Irimeu Jófili, em sua obra «Notas sobre a Paraíba», calcado em fontes fidedígnas, informa que, nessa terrivel sêca, além da devastação natural, apareceu tamanha quantidade de morcêgos que, mesmo de dia, atacavam pessôas e animais sem força mais de afugentá-los. Pelas estradas, pousadas e mesmo dentro de casa, homens, mulheres e crianças, mortos ou moribundos, arrastavam-se exângues pela fome e pelos morcêgos. Amontoavam-se, às vezes, pessôas ainda vivas, prostradas no chão ou nos leitos, cobertas de vampíros que as pobres vítimas não tinham mais fôrça para enxotar.

Manoel Basílio de Brito Guerra, sobrinho do padre Guerra, num esbôço biográfico sobre o tio senador, depondo a respeito da grande sêca, de 1790 - 1793, escreve: — «Os gados grossos e miudos acabaram-se quase totalmente no sertão, não só pela falta de alimentação, como pelo fato de serem sangrados e chupados pelos morcêgos.

Quando minha bisavó (a mãe do padre Guerra) retirou-se com os filhos para os brejos do Apodí, para ali passar o período da sêca, conduziu as cabras que ainda lhe restavam e deixou no Jatobá um seu escravo de nome Inácio, ao qual, de lá do Apodí, 13 leguas de distância, mandava a alimentação. Numa dessas remessas, o condutor achou-o morto dentro da casa, portas abertas, mordido e chupado dos morcêgos, tendo ao lado uns restos da comida, que não teve mais fôrça de tomar».

Era Bispo de Olinda, néssa época, Dom Diogo de Jesus Jardim. Pedindo-lhe certo sacerdote licença para fazer uma procissão de penitência, com o fim de implorar chuva, o bispo se negou a permití-lo, alegando que a verdadeira penitência era a emenda de vida e a reforma dos costumes.

Que despacho daria Dom Diogo se vivesse em nossos dias !

As crônicas de Dantas Correia sobre as sêcas do Nordeste abrangem um período de mais de um século, de 1723 a 1847. Diz que as escreveu baseado em tradições verdadeiras. Depois de mencionar o quadro tétrico

da grande calamidade dos fins do século 18º, escreve sobre o ano de 1794 uma nota curiosa. Informa que êsse ano foi bom de inverno, mas que nêle sucederam três gêneros de pragas que, guardadas as proporções, faziam lembrar as do Egito. A primeira foi uma de gafanhotos de asas que, como um fôgo, devoravam toda sorte de folhas e frutos das plantas. Das três horas da tarde em diante, via-se um enorme enxâme voando para o nascente, parecendo antes uma nuvem cobrindo o sol.

A segunda praga foi de cobras cascavéis, tão numerosas que pareciam sair de cavernas, muito magras, mas de mordedura inofensiva.

A terceira praga foi de ratos que, em grande número, cobriam os rastros dos animais nas estradas, até mesmo das boiadas que desciam dos sertões.

Até os peixes engordaram à custa dos ratos, tendo se encontrado traíras com ratos ainda inteiros no ventre.

O século passado entrou agourando sêca. Quatro anos calamitosos na primeira década. Num livro velho, pertencente à paróquia de Jardim do Seridó e que traz na íntegra o processo da fundação da primitiva capela, lê-se um têrmo de visita do padre Guerra, de 1809, em que êle declara ter ido visitar a dita capela, em substituição ao visitador de Olinda, impedido de vir ao sertão por motivo de rigorosa sêca.

Mas, as sêcas mais terríveis que Dantas Correia viu, foram as de 1825 e 1845. Em 1825. escreve êle, faltaram totalmente as chuvas, não

só nêstes sertões, como nos sertões vizinhos e nos Brejos. O povo dispersou. Foi nêsse ano, entretanto, que, no Seridó, se fincou o primeiro marco de combate às sêcas. E foi no rio Acauã que começou a história. Um homem teve, certo dia, a idéia de espelhar as areias escaldantes. Abriu uma vala, encontrou humidade e plantou qualquer coisa. Operou-se o milagre da primeira vazante. A notícia se espalhou e o exemplo pegou. Uma éra nova começava, um capítulo novo da história econômica do Seridó se abria, e Dantas Correia não esconde o entusiasmo pela descoberta. Chegaram até a mudar o nome do rio Acauã. Agora era o Nilo do Seridó, o nosso Nilo. E acrescenta que, enquanto gente e animais, retirando-se para lugares diversos, pereciam à fome e à sêde, os que tinham cultivado o rio milagroso passavam na fartura.

Não faz êle menção da sêca de 1841. Mas, o des. Felipe Guerra, citando crônicas de seu pai, o Barão do Açu, informa que êsse ano foi de doença e de mortandade em gente e animais, de carência e de carestía de víveres, de fome, de clamor lamentoso do povo, de perturbação civil, apesar de ter chovido em fevereiro e em março. Em abril, porem, sobreveio pavoroso verão, que degenerou em sêca. Uma fenomenal peste de lagartas manifestou-se, como nunca se vira, cobrindo, qual nuvem maldita, os campos em extensão sem fim. As aguas dos rios e dos poços se tingiram de sangue, proveniente das folhas que as lagartas deitavam abaixo. Lavar roupa tornou-se problêma sério. Peixes morriam tinguijados nessas aguas. Nos sertões do Ceará, camponêses eram obrigados a evacuar choupa-

nas, e, na serra do Cuité, as lagartas, depois de destruir, como um fogo, as plantações, morriam aos montões e serviam de pasto aos bandos de urubús que sobre êles esvoaçavam.

Dantas Correia fecha suas crônicas, mencionando a sêca de 1845, a mais pavorosa que êle viu em vida. Tinha, nêsse ano, setenta e sete anos de idade, e falecería oito anos mais tarde.

Descreveu a catástrofe de 1845 com uma exclamativa de assombro: «Entrou 1845. Ah! 1845!» A sensibilidade cristã e sertaneja do velho crônista se traduz nêsse desabafo. Mas, houve rasgos de heroísmo. A população do Seridó diz êle, portou-se bravamente. Laboriosa e esforçada, apelou para as vazantes dos rios e delas tirava feijão e frutas. Ramas, capim e peixe eram levados para Açú, Mossoró e Brejos. A sêca foi geral.

O desembargador Felipe Guerra escreve coisas como estas: — «A fome, a indigência, a miseria, a honra das donzelas, a fidelidade conjugal, a bôa fé de muitos deu pasto à usura, à perversidade. Especuladores obtiveram a preço minimo e indigno, ouro, prata e escravos. Mais que jóias preciosas e antígas, valiam mel de furo, farinha, migalhas de alimento».

Desaparceu a segurança nas estradas. O Seridó, de gente tão ordéira e pacífica, foi, naquêle ano, por força das circunstâncias, teatro de cenas terriveis. Encontrei num livro de óbitos da paróquia de Caicó, do ano de 1845, o registo do assassinio de um comboeiro vindo do Açú,

e morto a machadadas no lugar Barro Branco, a meio caminho entre Jucurutú e Caicó.

Dantas Correia conclúi suas crônicas com oportunas considerações. E' de opinião que as sêcas são necessarias, por vários motivos. Reformam os rebanhos, descansam a terra e fazem os homens industriosos. Não há dúvida, a sêca é uma grande mestra, e o sertanejo é o seu melhor aluno, o seu maior mártir. De um grande mal o homem aprende a tirar um grande bem. A sêca é a mãe das encantadoras vazantes e da açudagem. Foi ela que ensinou ao sertanejo que nem toda agua deve correr para o mar. A sêca é uma lição de amor, de amor à terra, lição de perseverânça, de tenacidade.

O último período de Dantas Correia é o testemunho da fé profunda que lhe ilumina o coração. «As sêcas, conclui êle, são dadas por uma Sabedoria infinita que não pode errar e que tudo dispõe para o bem de seus filhos».

O Seridó na questão de limites com a Paraíba

Nas primeiras décadas de 1800, ferveu uma questão de limites entre o Rio Grande do Norte e a Paraíba, interessando sobretudo o Seridó.

A contenda, surgída quando da criação da Vila do Princípe, em 31 de julho de 1788, agravou-se ainda mais, quando se criou a comarca do Natal, no ano de 1818. Em 1831, o Parlamento Nacional transformava em lei uma proposta do padre Guerra, pela qual se estabeleciam os limites da Vila Nova do Príncipe Três anos mais tarde, a Assembléia Legislatíva da Paraíba representava à Camara Nacional contra essa lei. Os ânimos se exaltaram, as bancadas das duas Províncias se mobilizavam, discussões trovejaram, emendas se propuseram, mas, por fim, venceu a justiça. Não faltou quem atribuisse à eloquência e ao prestígio pessoal do padre Guerra a vitória do Rio Grande do Norte.

Em 1835, o Poder Legislatívo Nacional ratificava definitivamente a lei de 1831, fechando a questão. O tempo se encarregou, depois, de apagar as últimas ressonâncias da discórdia,

que, hoje, mergulham para sempre nos simples domínios da História.

Mas, no desenrolar dos fatos, houve um aspécto que, a meu ver, ainda não foi devidamente fixado pelos comentadores e estudiosos, e que até agora, tem passado despercebido.

As queixas paraibanas a respeito dos limites com o Rio Grande do Norte, interessando o Seridó, remontam, na sua causa, para além das datas da criação da Vila do Príncipe e da Comarca do Natal.

E' isso que tem escapado à observação dos entendidos no assunto.

A história tem relação íntima com as várias demarcações eclesiásticas da época.

Em Abril de 1748, era desmembrada da freguesía do Bom Sucesso do Piancó a nova freguesía da Senhora Santa Ana do Seridó. O território compreendido nessa nova paróquia era muito vasto. Além de tôda a região do Seridó propriamente dito, incluiam-se os territórios das futuras freguesías de Patos, de Santa Luzia, capela de Pedra Lavrada, Picuí e Cuité.

O povoamento rápido da região, as distâncias e dificuldades de tôda ordem não permitiram que tamanha extensão territorial ficasse circunscrita a uma só paróquia.

Com efeito, a 10 de julho de 1788, o Bispo de Olinda, Dom Frei Diôgo de Jesus Jardim, criava a freguesía de Nossa Senhora da Guía dos Patos, desanexando-a da de Santa Ana do Seridó. A declaração de limites dessa nova paróquia foi estabelecida, no documento episcopal,

em forma vaga e imprecisa, principalmente naquelas partes que se referiam aos pontos de contato com o Seridó. Diz apenas isto:

«Também lhe pertencerá o Rio do Sabugí, até a Fazenda do Jardim, e a Capela de Santa Luzia com todos os seus moradores na distancia de quatro leguas em circulo» (a).

Essa imprecisão de detalhes não tardou a surtir seus efeitos.

Logo depois, o primeiro vigário dos Patos, o padre Manoel Rodrigues Xavier, muito conhecido, aliás, em Caicó, resolveu tomar conhecimento da área de sua freguesía.

Firmado na declaração episcopal, segundo a qual os sítios que distassem quatro leguas da povoação de Santa Luzia deviam se enquadrar na área da freguesía dos Patos, não teve dúvida em declarar fregueses seus os moradores do Espírito Santo. (b).

Com isso não concordaram êsses moradores, os quais, em setembro de 1790, remetiam ao Bispo de Olinda um requerimento, no qual, depois de contestarem as informações do vigário dos Patos a respeito da distância de quatro léguas para Santa Luzia, suplicaram não serem constrangidos a reconhecer por seu Pároco o Vigário dos Patos, mas o da Nova Vila do Principe, como sempre».

Encabeçavam essa representação os senhores Serafim de Souza Marques e Antônio

---

a) e b) — Das anotações do Livro de Tombo da paróquia de Caicó.

Carvalho de Aguiar. São êles os fundadores de Ouro Branco, em cujas vizinhanças ainda se vêem hoje restos de sua vetusta casa de morada.

Em livros antígos da freguesía da Senhora Santa Ana do Seridó, encontro, vez por outra, notícia de batizados e casamentos realizados no Oratório do Espírito Santo. Êsse Oratório era o próprio lar daquêles fazendeiros.

Como se vê, é aqui que se lança a semente das futuras discórdias. O Bispo de Olinda, ao receber o pedido dos moradores do Espírito Santo, tratou de agir com rapidez. Chama à sua presença o Cônego Penitenciário, o ex-Visitador Manoel Vieira de Lemos Sampaio, que conhecia êstes sertões como as palmas de suas mãos, e pede-lhe informações. Ainda existe o teor dêsse episcopal pedido de informação. Passa-se isto, no dia 20 de setembro de 1790.

O ex-Visitador não se fez de rogado e informa a seu prelado o seguinte: «A justificação e attestação dos Suplicantes provam contra alguns que já attestaram serem mais de quatro leguas, digo, as pessoas que estimam em mais de quatro leguas a distancia que vae da fazenda do Espirito Santo a Santa Luzia, mas não tendo havido medição de corda, não tira a duvida; nesta duvida tem os Suplicantes a seu favor o ficarem notavelmente mais proximos do Seridó do que aos Patos, como tambem a maior parte das terras da dita fazenda inclinam mais para o Seridó do que para Santa Luzia. Vossa Excelencia Mandará o que for servido. Olinda, vinte e oito de Setembro de mil setecentos e noventa. Manoel Vieira de Lemos Sampaio».

O despacho episcopal veio incisivo e inapelavel, no mesmo dia: «Mandamos que a Fazenda do Espirito Santo fique pertencendo a freguesia da Villa Nova do Principe e faça o Termo da mesma freguesia: a todas as mais Fazendas que para o futuro forem crescendo para o lugar de Santa Luzia, pertencerem a nova freguesía dos Patos».

Poucos dias depois, o vigário do Seridó, o Cura Caetano de Mesquita, e o dos Patos tomavam conhecimento da episcopal determinação.

Não lhes restava senão obedecer e conformar-se. Mas obedecer e conformar-se não significava esquecer nem contentar-se.

E os nossos bons vizinhos nem se esqueceram nem se contentaram. De um plano passou-se a outro. A luta travou-se depois, não pelo fragar das armas, mas pelas armas da razão. E esta venceu a última batalha. Um dia viría em que as mãos dos magistrados selariam, nas fronteiras humanas, aquilo que, nas fronteiras de Deus, as mãos de um Bispo já havíam selado com as bênçãos do mesmo Deus, que persistem felizmente até hoje, unindo para sempre dois Estados irmãos.

Na verdade, dificilmente se encontrarão na Federação brasileira dois Estados que se identifiquem tanto pelos laços de família e de costumes, quanto a Paraíba e o Rio Grande do Norte, laços existentes, sobretudo, nas regiões de contato com o Seridó. Não há aqui fronteiras, pode-se dizer, senão as fronteiras politicas e convencionais.

Um quarto gráu igual triplicado e complicado

No dia 4 de setembro de 1956, o relógio de Deus marcou cem anos da criação da paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Jardim do Seridó.

Em fins do século 18º, surgía alí a primeira fazenda de gados e doava-se patrimônio para a primeira capela. O capitão Antônio de Azevêdo Maia sería o herói da façanha. Traçava-se, dêsse modo, o destino de uma comunidade sertaneja, abria-se mais um caminho à penetração e posse da generosa terra seridoense.

A fazenda da Conceição era o primeiro marco civilizador e cristão a dominar o sítio, a olhar e guardar o encontro dos rios da Cobra e Seridó.

O povo do Jardim do Seridó, herdeiro e continuador das tradições de fé e de civísmo de seus ascendentes, celebrou condignamente o primeiro centenário da criação de sua freguesía. Efetivamente, no dia 4 de setembro de 1856, a freguesía de Nossa Senhora da Guía do Acarí desdobrava-se e multiplicava-se na bênção de uma primogenitura, por fôrça de uma lei pro-

vincial, mas, sobretudo, por mercê de Deus e da fé que se dilatava.

Um vasto e cuidadoso programa foi elaborado e, entre várias partes dêsse programa, incluiu-se uma exposição histórico-paroquial, constante de documentos antigos, de imagens, de santuários, de fotografías, de armas velhas, de louça, de tudo quanto podería fazer ressuscitar a história da terra da Conceição do Azevêdo.

Fez-se, na ocasião, a demonstração de batizados, de casamentos e de óbitos verificados em cem anos, fruto de buscas cuidadosas nos livros paroquiais.

O arquívo de Jardim do Seridó é um dos mais bem conservados, rico de documentos primitívos. Lá está um dos mais curiosos. Trata-se de um pedido de dispensa de consanguinidade, feito ao Bispo de Olinda pelo vigário, o ilustre padre Justino Pereira de Brito, cuja caligrafía honraría qualquer arquívo do mundo. A petição traz a data de 18 de setembro de 1870, a sua história deve ter sido a seguinte :

Certa vez, apresentou-se ao padre Justino um pai de família, da freguesía do Acarí, que vinha botar uns banhos. Os noivos eram parentes em quarto gráu. Um quarto gráu triplicado. Estava-se no tempo em que os pais de famílias sertanejos eram doutores no assunto de destrinçar parentêsco. E da conversa do padre Justino com o chefe da família saiu a petição à Curia de Olinda, cuja forma e conteúdo transcrevemos na íntegra :

«Exmo. e Rmo. Snr.

Dizem os Oradores Manoel André de Medeiros, da Freguesia do Acary, e Felicidade Maria de Jesus, da de Nossa Senhora da Conceiçam, da Villa do Jardim, deste Bispado de Pernambuco, q, elles estão justos e contratados pa. se receberem em Matrimonio, e não o podem conseguir, sem q. sejam previamente dispensados no 4º gráu, igual, triplicado de consanguinidade em q. são ligados, por isso q. Thomaz Bisavô paterno do Orador é irmão de João Bisavô paterno da Oradora; Thereza Bisavó paterna do Orador; e Thomaz Bizavô paterno do Orador é irmão de Josefa, Bisavó paterna da Oradora, bem como mostrará a arvore à margem. São nimiamente pobres por si e por seus pais; mas trabalhadores, morigerados e capazes de cumprir as obrigações do estado a q. aspirão. Não há entre os Oradores infamia e nem outro impedimento afora o parentesco deduzido».

No verso dessa petição, o padre Justino acrescentou: «Os Oradores Manoel André de Medeiros, da Freguesia do Acary, e Felicidade Maria de Jesus, minha paroquiana, mencionados na Petição retro, fizerão com verdade e consciencia toda a sua allegação, tanto à respeito do parentesco, que os liga, como da pobreza sua e de seos pais; e do mais q, poderão. Eu os julgo dignos da graça suplicada, e da attenção de V. Excia. R.ma que não obstante, mandará, como for servido. Villa do Jardim, 18 de Setembro de 1870».

O Vigro Francisco Justino Pereira de Brito»

Macróbios e Mãe Prêta

Não resta dúvida que um livro de Óbitos constitúi convite amavel para incursões ao Passado. Nêsse campo santo de tinta e papel muita coisa se revela, muita voz se ouve e muito material se recolhe, esclarecendo a história de um povo e as condições de uma região. Por isso, não deixa de ser muito oportuno dar, vez por outra, uma batida nêsses dominios, donde emergem figuras e fatos, ricós de emocionalidade e de inspiração.

Há poucos dias, tinhamos encontro dos mais amaveis com um ilustre sargento-mór português e, através dêsse encontro, arrancavamos a informação valiosa e inédita de ter sido sua senhoría o fundador de Caicó. Não faz mal, portanto, empreender, de quando em vez, uma romaría a êsses cemitérios brancos, sem tumbas e sem cruzes, mas, nem por isso, menos dignos de nosso respeito e de nossa veneração.

Estive, assim, mais uma vez, relendo essas venerandas cinzas de nossos antepassados e, mesmo sem acreditar em reincarnação e em evocação de espiritos, não fugí à curiosidade de deter-me ante os nomes de algumas criaturas que a mão do Cura recolheu e assinalou. Chamou-me

atenção, por exemplo, o nome de Manoel Vieira de Oliveira. Sua senhoría aqui viveu desde as remotas eras de 1727 às de 1797, quando resolveu fazer a grande viagem, rico de dinheiro e de setenta anos bem feitos, cristãmente confortado com os Sacramentos que o padre Inácio Gonçalves Melo, (a) filho do Senhor do Sabugí, lhe ministrára. Mas isto só não bastaria para ressuscitar a figura e a memória de Vieira de Oliveira, porque milhares de irmãos seus continuam também a viver bem e a morrer bem.

O que me chamou atenção foi o fato de sua mercê ter sido casado e bem casado com a senhora dona Brites Tavares que choraría o marido defunto por vinte anos além. Essa excelentissima dama, muito mais idosa que seu esposo, deve ter sido uma dessas criaturas que, com muita razão, acham que a coisa mais dôce dêste mundo é morrer de velhice. A despeito das muitas saudades que, de certo, curtiu por seu marido, resolveu ir ficando por aqui mesmo, e só fez a última viagem vinte anos mais tarde, a 25 de fevereiro de 1817, deixando aos pósteros o exemplo convincente de que era possivel, mesmo em clima ingrato, alongar a vida por cento e dez anos !

---

a) — Padre Inácio Gonçalves Melo — Filho do rico senhor do Sabugí, dono das terras dêsse rio, nas confluências com o rio Seridó, a poucas leguas de Caicó. Sua graça : Sargento-Mór Manoel Golçalves Melo. Tinha dois filhos padres: o padre Inácio e o padre José. O padre Inácio foi sempre coadjutor da Freguesia de Sant'Ana por quase cinquenta anos. Aqui faleceu diabetico, aos 15 de dezembro de 1842, com 75 anos de idade.

O padre Inácio, coadjutor da freguesía, anotou-lhe a causa mortis mais cândida deste mundo: «Falleceo de molestia de velhice».

Mas, não foi dona Brites a macróbia mais felizarda que o Caicó conheceu naquelas eras. A 17 de dezembro de 1821 ,os sinos da matriz de Sant'Ana choravam o falecimento de alguem e rogavam preces por sua alma. Uma cova se abría a mais no chão sagrado do templo, e o padre André Vieira de Medeiros, (b) filho do capitão-mór dos Remédios, comparecia para o piedoso ofício. E' que, naquele dia, resolvera afinal fechar os olhos para as estrelas dêste mundo, em Caicó uma mãe preta de nome Maria Fernandes Jorge, escrava, ao que parece, da familia dos fundadores da cidade, de quem herdára o nome, como era de costume. Essa prêta velha alimentára em vida a convição de que havia nascido para semente. E, de certo, não lhe custára pouco sujeitar-se à fera lei que condena à morte todo homem que vem a êste mundo.

Sinhá Maria nascêra nas éras recuadas de 1686, gozando os sorrisos da mocidade nuns restinhos de anos, até 1700. Entrou decidida com o pé direito no século 18º a dentro. Assistiu ao nascer e ao descambar dêsse século, de ponta

---

b) — Padre André Vieira de Medeiros — Filho do capitão-Mór Manoel de Medeiros Rocha, neto de Antônio Paes de Bulhões, pelo lado materno, e bisneto de Tomaz de Araújo Pereira, o primeiro. Aparece em principios do século passado no Seridó, auxiliando o Padre Guerra na vasta freguesia, sobretudo na região do Acauã, onde batizou, casou e sepultou centenas dos antepassados Dantas e Azevêdo. Os arquivos do Seminário de Olinda registam seu nome. Ali ordenou-se.

a ponta. Saudou o sol de 1º de janeiro de 1700 e, vivinha em flor, repetiu a façanha cem anos mais tarde, a 1º de janeiro de 1800.

Viu êste Seridó ainda mata virgem e deserto, índio, cobra e onça dominando a terra e viu muita coisa mais. Contemplou a vanguarda das primeiras bandeiras, dos primeiros batedores dêstes sertões, surgirem as primeiras fazendas, construirem-se as primeiras moradas do Caicó. Viu o Brasil daquêle tempo, o Brasil menino, o Brasil colônia, o Brasil capitanía e reinado, e o teria visto tornar-se império e independente, não fôra o anjo da morte lhe ter vindo dizer que já estava passando do tempo e que ela era do Novo Testamento.

Aqui faleceu, no dia 17 de dezembro de 1821, cingida da rica corôa de cento e trinta e cinco anos ! (c).

Nos dominios da velhíce, teria sido Maria Fernandes Jorge a recordista do seu tempo, sem competidores.

Ressuscito seu nome e sua memória, o nome dêssa mãe prêta mais que centenária, mãe prêta de mil filhos brancos, com as emoções

---

c) — *"Aos dezasete de Dezembro de mil oitocentos, e vinte e hum nesta Matriz do Siridó foi sepultado o cadaver da preta velha de cento e trinta e cinco annos Maria Fernandes Jorge, involto em branco, encomendado pelo Padre André Vieira de Medeiros de minha licença; de que para constar fiz este Assento que assigno.*

O Vigro. Francisco de Brito Guerra".

(Livro de Óbitos, de 1811 a 1838, fl. 58 v.)

de meu espírito e as laudes de minha exaltação. Se alguem, na verdade, existiu por aqui, digno de uma evocação, de uma corôa de louros, terá sido justamente essa escrava velha.

Invoco-a, pois, na distância do tempo, como a um anjo de bondade e carinho, de fidelidade e renúncia, presente, quase século e meio, nos lares caicoenses de outróra, sorrindo nas manhãs festívas o sorriso afetívo sobre os berços abertos, ou gemendo com as senhoras donas sobre berços vazios.

Evocar o nome dessa mãe prêta é salientar algo daquilo que de afeto, de heroísmo e de sofrimento a martirizada raça negra enxertou na formação étnica nacional. A matriz de Sant' Ana guarda e vela até hoje seus restos. Nada mais justo. E' u'a mãe guardando outra mãe.

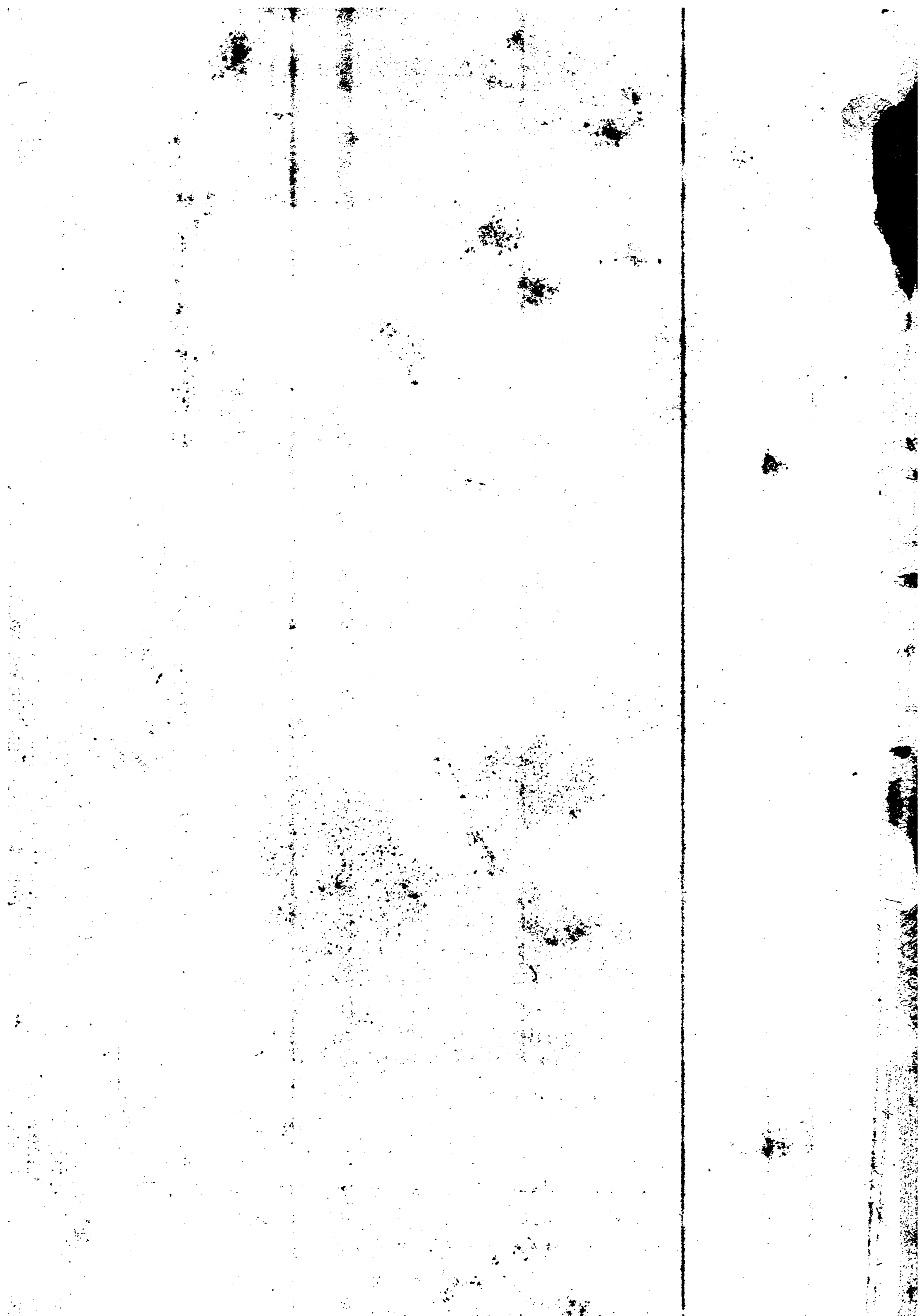
Indice dos assuntos

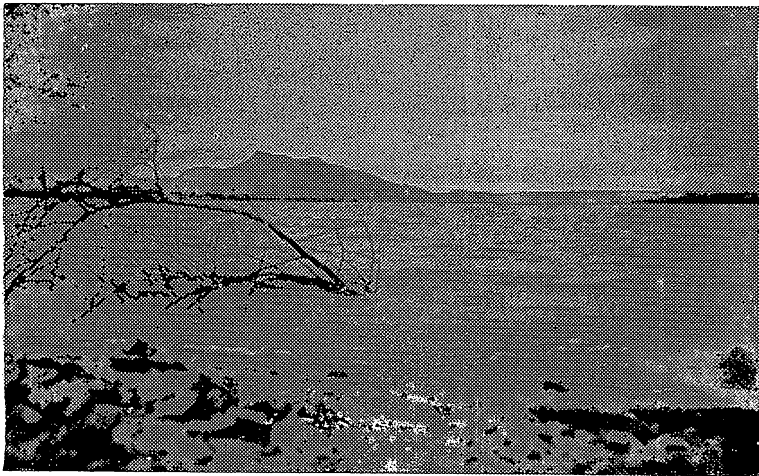


Em pleno coração da fazenda Picos de Cima. O marco assinála o local exato em que se erguia outrora o solar do patriárca.



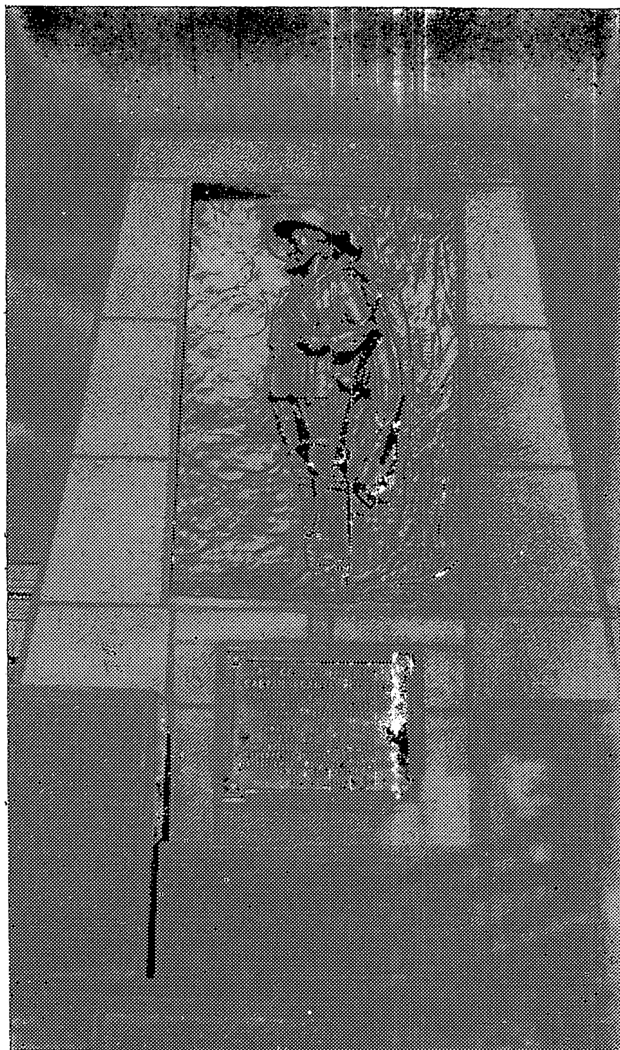
Detalhe da fazenda Picos de Cima, que evoca ainda hoje o nome do patriárca Caetano Dantas. O lendário rio Acauã ainda de correnteza. As lições dos velhos sertanejos perduram. Fins de inverno. Leirões se cavam. O coqueiral orna as margens. Além, o serrote dos Picos completa a moldura evocadôra.





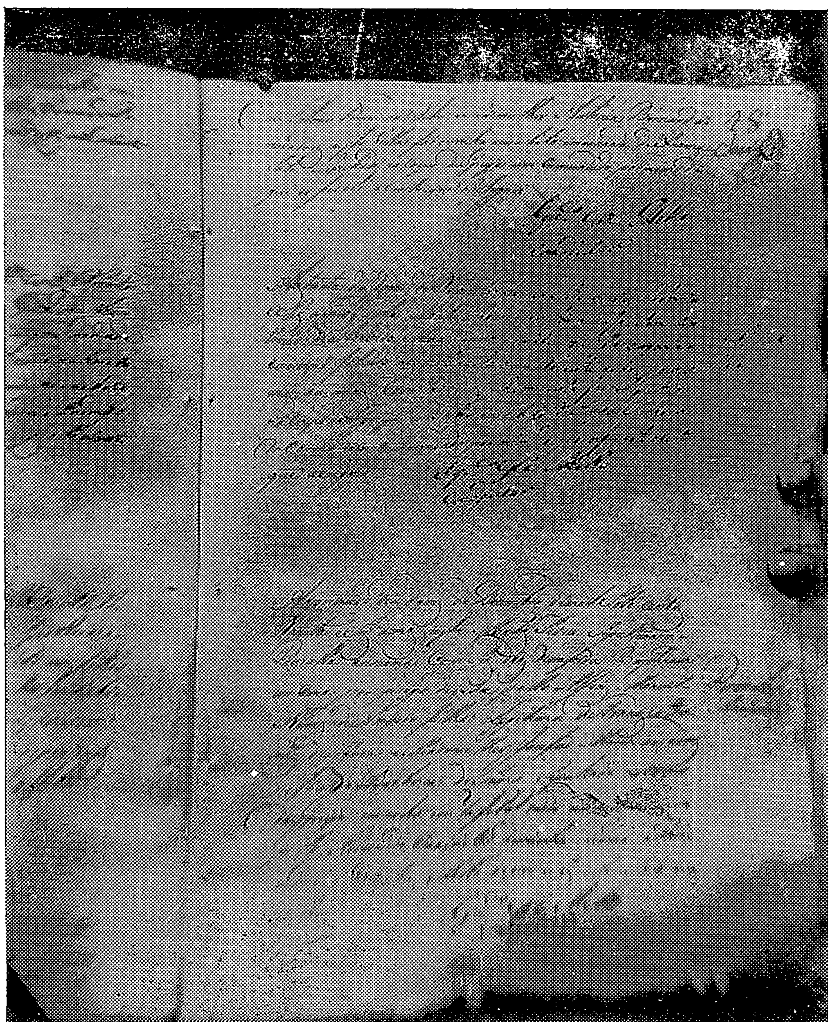
«O Rio Grande do Norte será feliz no dia em que os rios não correrem mais para o mar», dizia, há mais de cem anos, o padre Guerra. Esse milagre se realiza hoje, sobretudo, no Seridó. Aqui está a visão da realidade. O magestoso Itãs, num de seus angulos. Ao fundo, os contornos da formosa serra de S. Bernardo, a Samanaú dos velhos tempos.

(Foto do autor, de julho de 1961)

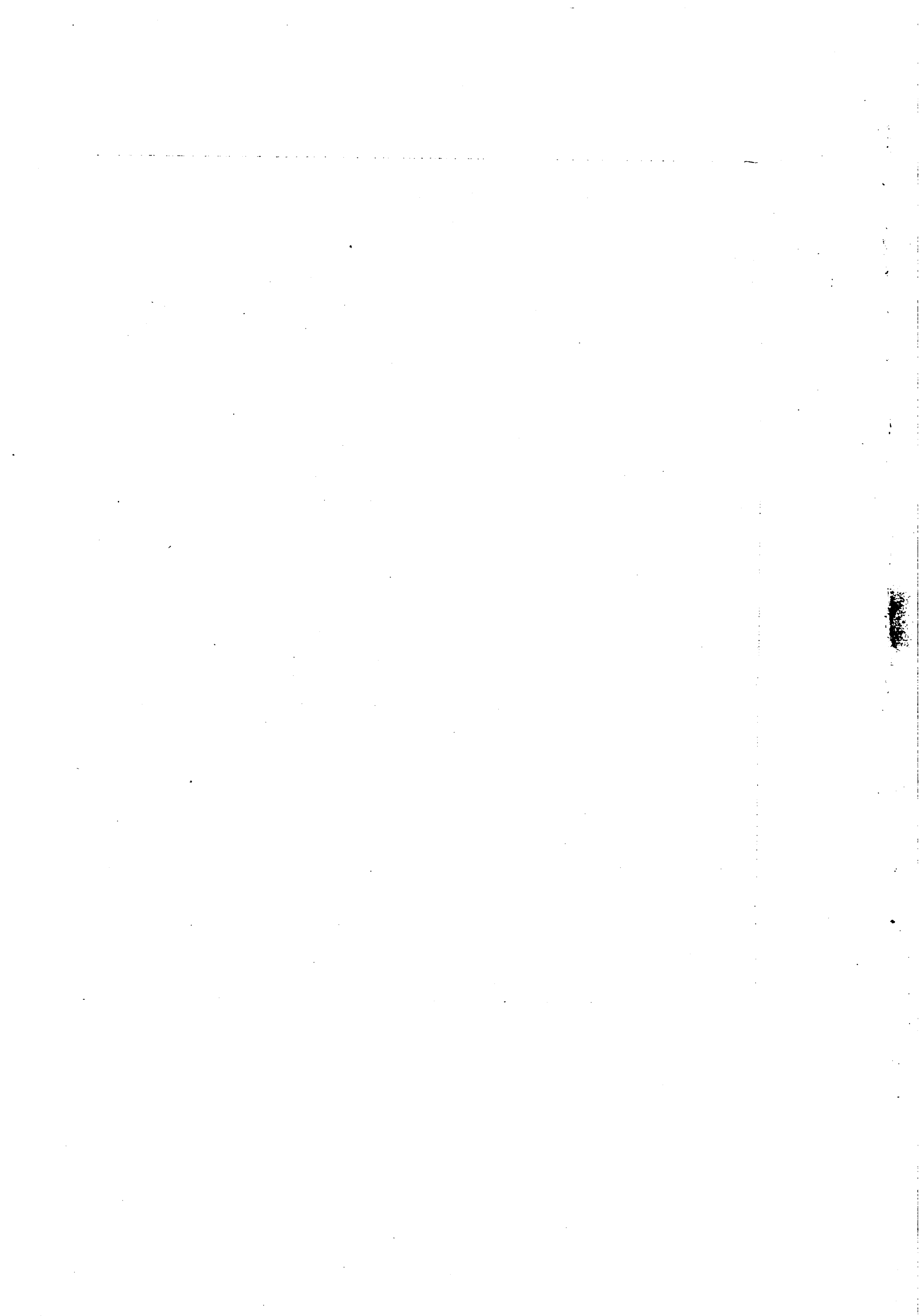


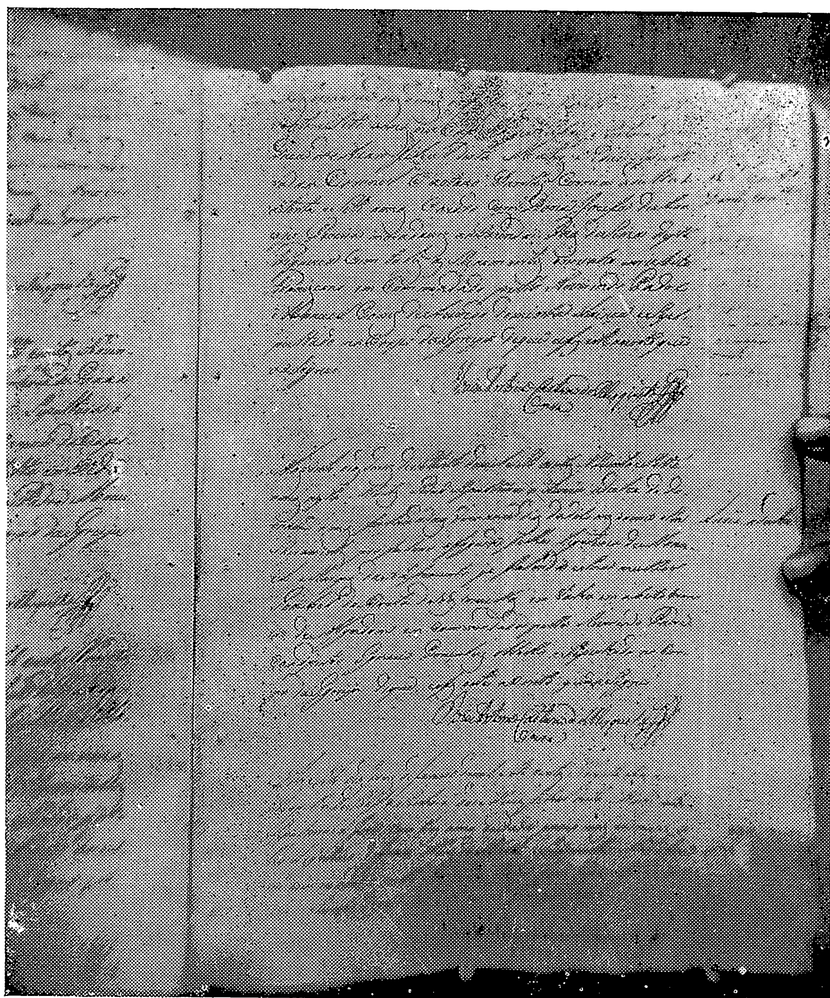
Face anterior do monumento de Carnaúba dos Dantas, erguido ali em 1957, no transcurso do 160º aniversário da morte do patriárca Caetano Dantas.

1957

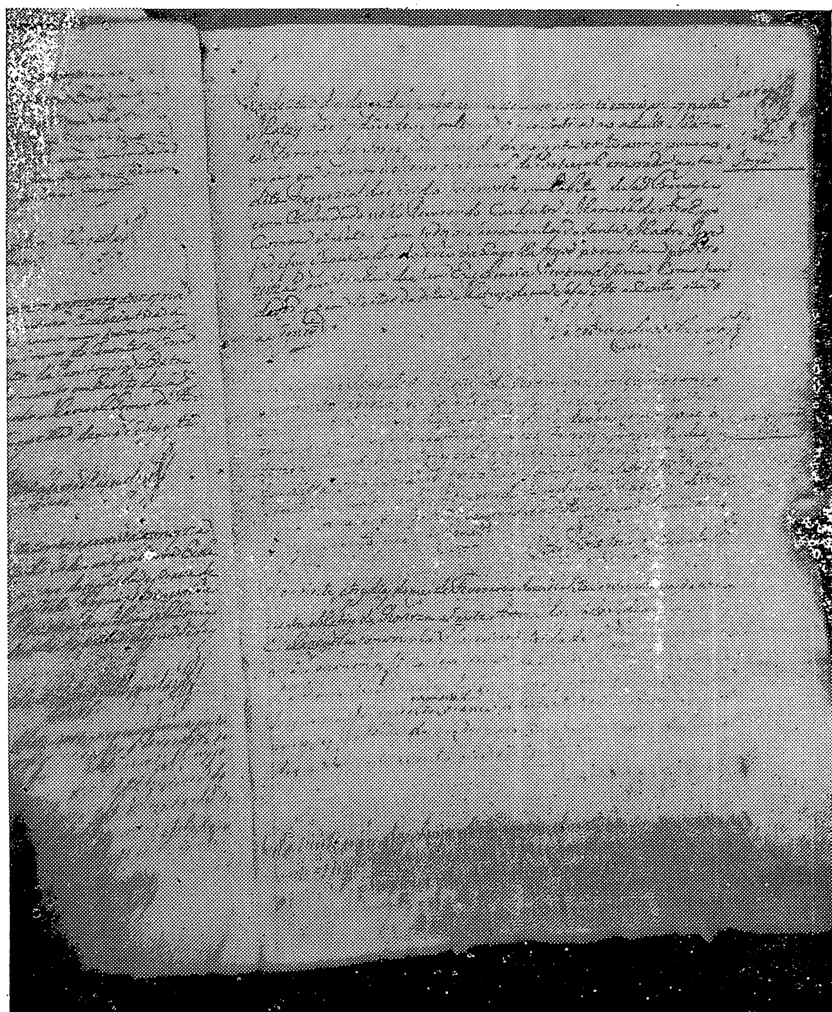


Termo de óbito do patriárca Antônio de Azevêdo Maia, o primeiro. Documento de 1796, guardado no arquívo paroquial do Caicó. — «Aos trinta dias do mez de Novembro de mil Sete centos Noventa e seis annos nesta Matriz se deo sepultura ao Capitam Antonio de Azevedo Maia viuvo morador que foi na fazenda Conceição falecido aos vinte e oito com Noventa annos pouco mais ou menos com todos os Sacramentos foi sepultado no Corpo da Igreja emvolto em abito de Nossa Senhora do Carmo em commendado por mim de que se fez este acento que assigno. Ign. Glz. Mello Coadjutor.»





Termo de óbito do patriárca Caetano Dantas Correia. Documento de 1797, pertencente ao arquívo paroquial do Caicó. E' o primeiro acima. Confira-se a pag. 79, in fine.



— Termo de óbito do sargento-mór Manoel Fernandes Jorge, fundador do Caicó. Documento de 1789, do arquívo paroquial do Caicó. Confira-se à pagina 11.



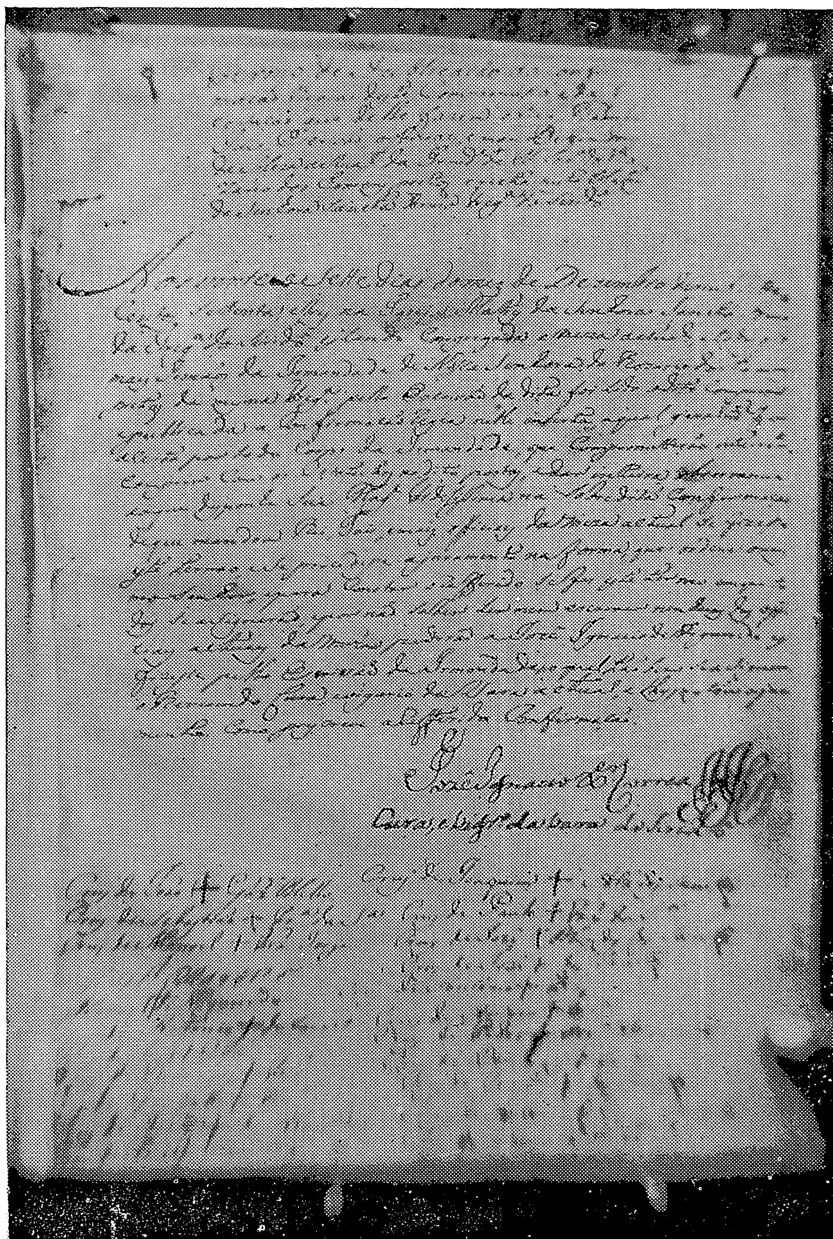
BRASÃO DA FAMILIA DANTAS

(Monumento de Carnaúba dos Dantas)



— A primitiva igreja de Nossa Senhora da Guía do Acarí, hoje igreja do Rosário. E' atualmente o templo mais antigo do Seridó. Nêle estão sepultados os patriárcas mais ilustres da Ribeira do Acauã.

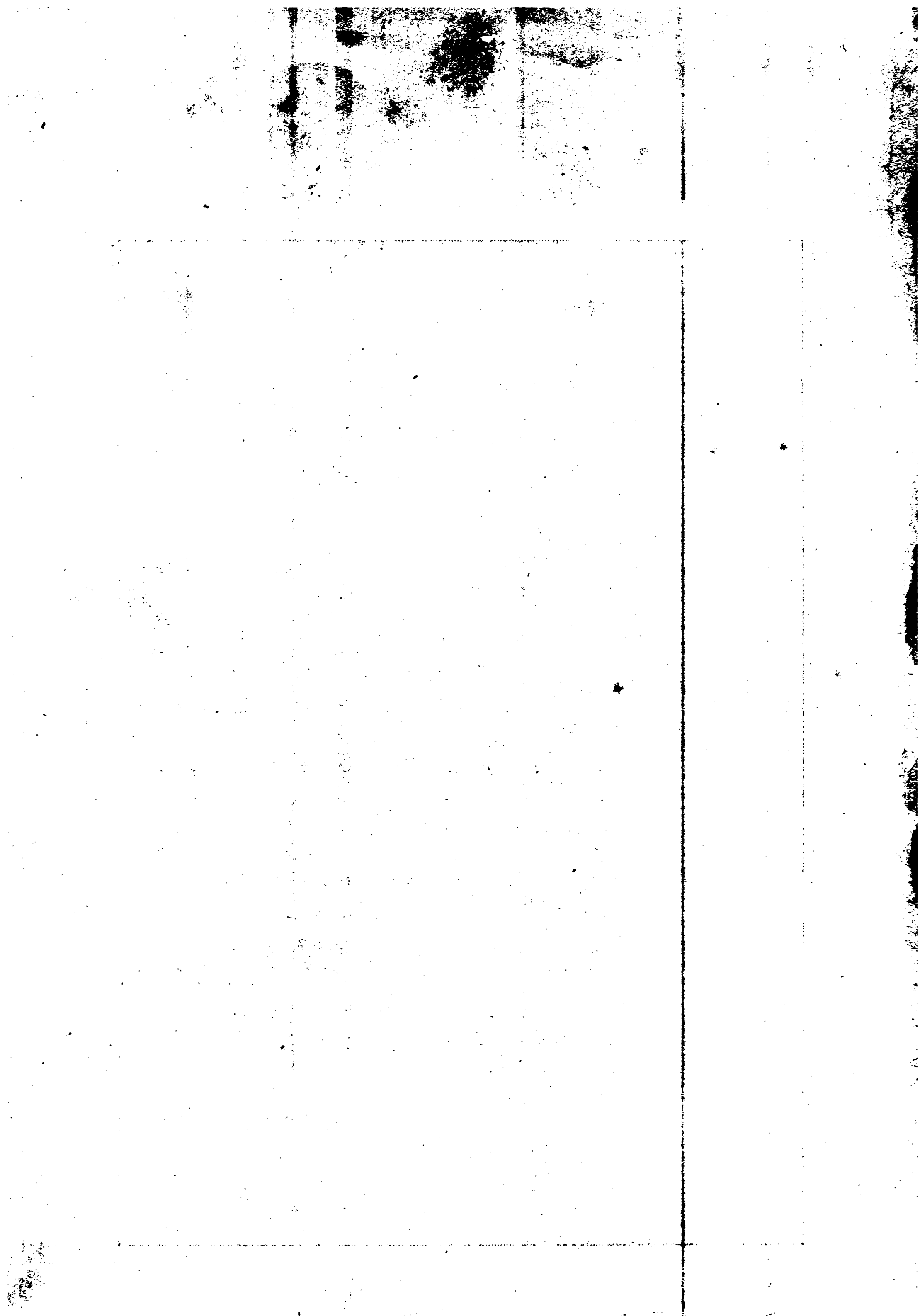
Escritura da Fazenda do Santissimo. Documento de 1769. Possivelmente, no gênero, o documento mais antigo existente no Seridó. Distingue-se bem a cruz de João Gonçalves Ferreira. Veja-se a data: «Povoação do Caycó hoje 23 de Abril de 1769».



Termo de Publicação da Confirmação Régia. Documento de 1773, referente à fundação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens de Côr do Caicó, conservado no arquívo paroquial.

Escritura do patrimônio de Nossa Senhora das Mercês, da serra do Cuité. Documento de 1768, pertencente aos cartórios de Pombal, subscrito pelo patriarca Caetano Dantas Correia. Luis Pereira Bulcão assina a rôgo de dona Josefa de Araújo Pereira.

Escritura de doação do patrimônio da Conceição do Azevêdo. Documento de 1790, guardado nos cartórios do Caicó. Assinam de próprio punho os doadores, Antônio de Azevêdo Maia e dona Micaela Dantas Pereira.



Indice das ilustrações

Desculpando-me

Empenhou-se o maior cuidado na composição e revisão deste opusculo. Mesmo assim, não se logrou escoimar de todo os vários e repetidos senões que ao longo da obra o leitor há de colher e relevar.

Expressões, **como outróra vasta Freguesía,** saiu **outra vasta Freguesía.** À pagina 20, escreveu-se **ressaltando,** em vez de **ressalta.**

Ao leitor não custará muito restituir à forma exata termos que a composição desfigurou e a revisão deixou passar, como estes: **estabelacerem, Jadim, encrituras, quelquer, Subugí** por **Sabugí, guindando-se** por **guindando-as, motriculou-se, repetivo, sepultada** por **sepultava, Chisto, padacinho,** e outros.

Escapou tambem um engano de data. Na pagina 88, nota b, e na pagina 140, nota b, leia-se 10 de junho de 1799, e não 2 e 12 de junho, como saiu.

O autor.